

REVISTA DA SEMANA

N.º 19

NA CAPITAL CR\$ 1,50 — NOS ESTADOS CR\$ 2,00

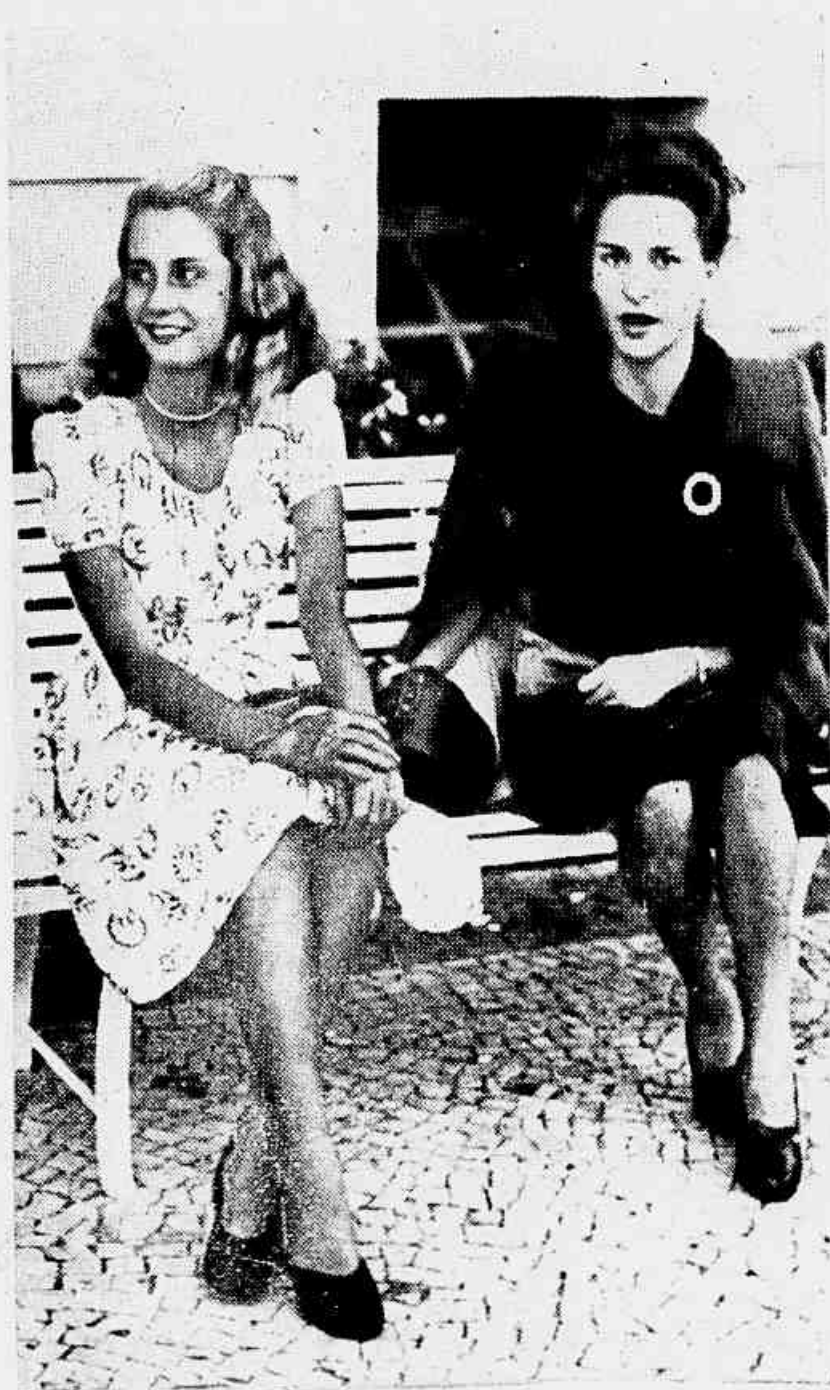
11-5-46





JOCKEY CLUB MUNDANO

Os flagrantes que ilustram esta página foram colhidos pela nossa objetiva, durante os intervalos das corridas realizadas domingo último no Hipódromo da Gávea. Como podemos verificar por essas expressivas fotos, numeroso foi o público que acorreu àquela praça de esportes, onde o ambiente, como sempre, esteve animadíssimo e cheio de emoções.



ULTIMO ATO

NO RETIRO DOS ARTISTAS MOVEM-SE
SOMBRA FATIGADAS — PENULTIMA
ETAPA NO CAMINHO DO CAMPO SANTO
— AS VELHAS GLORIAS SÃO HOJE
SIMPLES ENFEITES DE PAREDE — HO-
MENS E MULHERES QUE FIZERAM
MULTIDÕES DELIRAR — A VISTA
DO ULTIMO CENARIO

NOITES de apoteose! Noites de gloria e de beleza, com as luzes luminando feericamente os palcos brancos, as corbeilles tomando conta de tudo, as palmas enchendo os teatros superlotados, as multidões delirantes ovacionando estrepitosamente. Velhas noites perdidas na distancia do tempo, do tempo carrasco e inexoravel, que tudo destroe e faz em poeira.

Aqui, no Retiro dos Artistas, está sendo encenado, o ultimo ato da tragi-comedia da vida, tantas vezes representada e tantas vezes repetida. Foram-se os dias de gloria, foram-se as noites de farra nos restaurantes elegantes, depois de uma estreia de sucesso. De tudo isto ficou apenas uma saudade vaga nos espiritos cansados, uma recordação tenue nas memorias enfraquecidas. Hoje, o que resta é o consolo de um cigarro, a alegria de um velho livro amigo e o direito de rever os recortes dos jornais amarelados, que falam das glorias passadas em palavras bonitas e fotografias vistosas.

O ULTIMO CENARIO

Chegamos ao Retiro dos Artistas por uma estradinha á que aquela casa deu o nome de rua. Um portão largo em arcada dá acesso a uma alameda cercada de arbustos pobres e coberta por um saibro escuro, que nos leva ao pé do portico do casarão, onde um cachorro sono'ento guarda o silencio que envolve todas as coisas. E' um silencio pesado e triste, que parece sair do pequeno cemiterio de Jacarepaguá, plantado ao fundo do Retiro, sobre um morro escaldado e pardacento.

Um caminho enfeado, aberto entre o capinzal raquitico, ingreme e reto, sobe até a entrada do pequeno campo santo, onde dormi am o seu primeiro sono de morte muitas ce'ebriedades do Teatro Nacional.

Apolonia Pinto teve a sua sepultura nesta necropole tosca e humilde, ultimo cenario onde muitos artistas de fama representam o derradeiro ato da tragedia da vida, ou o primeiro ato da tragedia eterna — a morte. Dentro do silencio que envolve todas as coisas e todas as pessoas neste cenario bucolico e barbaro, o epilogo da tragedia da vida se confunde com a ouverture da tragedia da morte, de maneira que o limite se perde na transição do casarão cinzento para o branco, cemitério, numa linha divisoria imperceptivel e imprecisa, indefinida e tenue. E já os vivos estão representando a morte, e ainda os mortos parecem viver a sua vida, pela voz dos epitafios singelos gravados no cimento claro das sepulturas baratas.

Enquanto uns esperam em seus leitos que chegue o sono, desejosos de descanso, os outros parecem pedir, do fundo dos sepulcros frios, o retorno dos dias passados, a volta das glorias perdidas...

"EU FUI SUBINDO, SUBINDO"...

E, já que nos é impossivel conversar com os mortos que repousam no cemiterio do

(Continua na pág. 9)

"SWITE HOME" — Este velho casal, José Felipe Batista e sua esposa d. Luiza Batista, encontraram o seu lar no Retiro dos Artistas. Vivem felizes e ainda conservam a alegria da mocidade, apesar dos quarenta e cinco anos de casados.



Atualidades da semana

Aconteceu muita coisa esta semana. Aconteceu o assalto do Cinec, aconteceu a revolta da Ascutra, onde os presidentes se levantaram desafiando a linha fanatismo, o paiol de munições estalado até o último instante e sendo por fim destruído pela polícia marítima e pelas patrulhas quarentenárias que cercaram o rochedo abrigado sobre o prelo pesado fogo de artilharia.

Aconteceu também, no Rio, que as autoridades municipais, por solicitação da Inspeção de Tráfego, resolveram mudar de local a estatua de Pedro Álvares Cabral, almirante português que está de pé sobre um pedestal, na mata de quarenta anos, no largo da Glória. A REVISTA DA SEMANA, antiga como o próprio século, pode noticiar em seu primeiro número a elevação do monumento. Agora noticiamos a sua mudança. Muitas coisas mudaram de 1900 para cá. O progresso tomou conta do Brasil. Por isto ficará sempre atual, a estrofe que aparece aos pés da estatua do descobridor:

"Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa.
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brasil bem fadado."

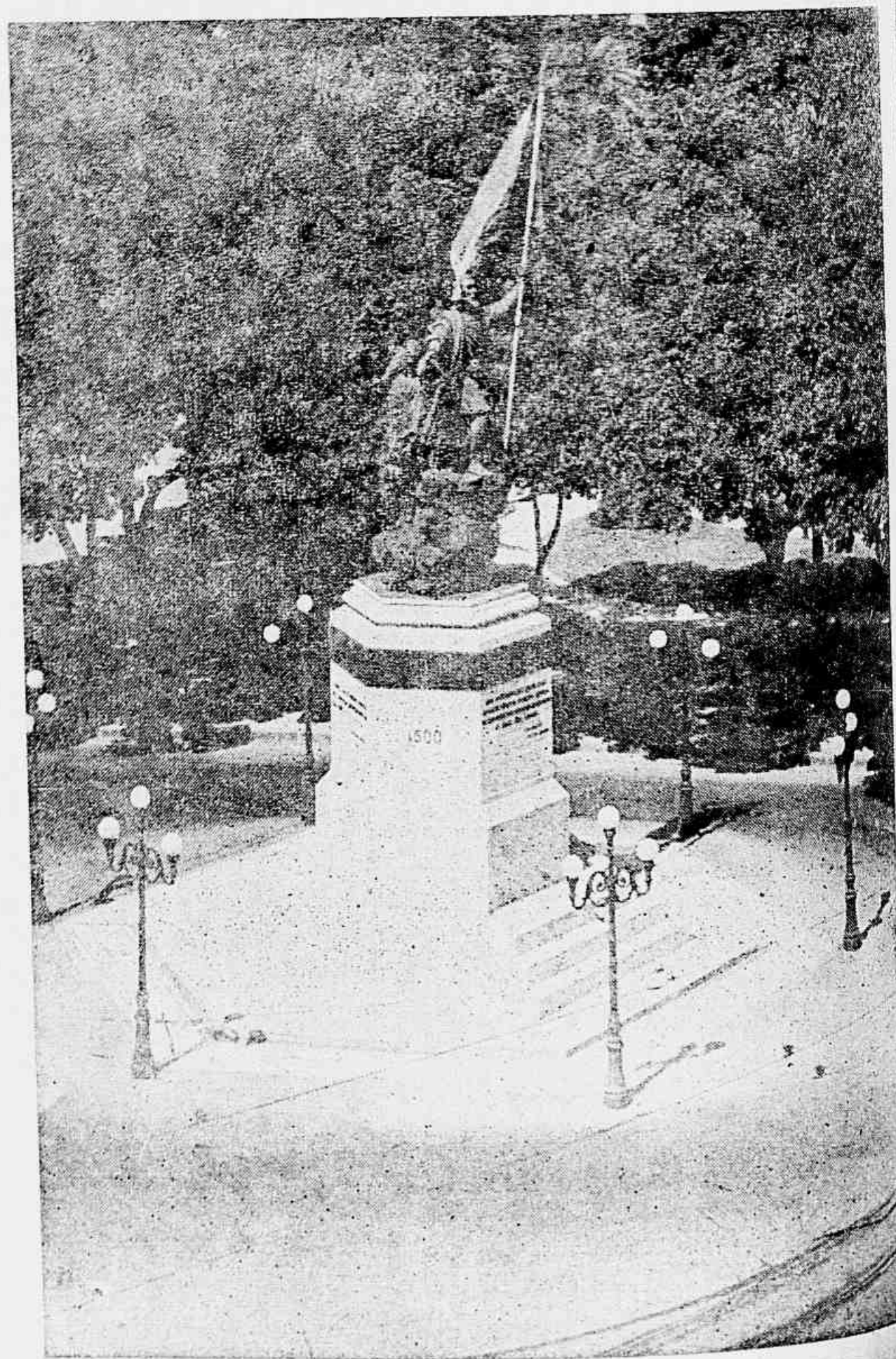
★ ★ ★

Aconteceu ainda, que um bonde da Light, correndo pela rua Sant'Anna, perdeu a sua dignidade de bonde e, saindo dos trilhos, entrou por um botiquim a dentro, como qualquer bebedor vulgar. Resultado: Quinze feridos, sendo dois em estado grave.

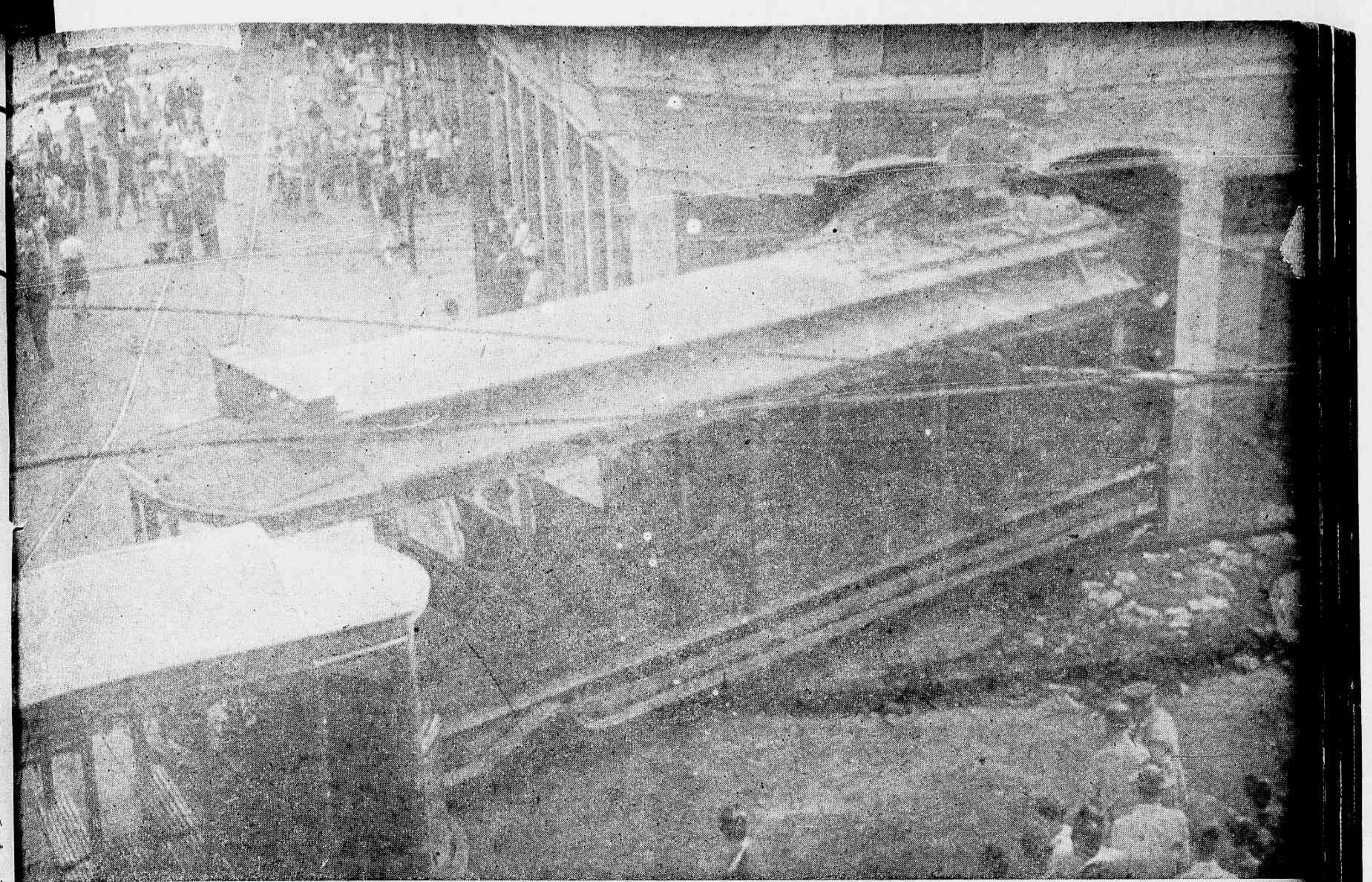
★ ★ ★

Outro acontecimento sensacional da semana foi o fechamento das casas de jogo. Quando os habitués foram bater às suas portas, nada encontraram: jogol... Desistido...

A ESTATUA DO DESCOBRIDOR — Plantada no largo da Glória quando a REVISTA DA SEMANA, a mais antiga publicação ilustrada do Brasil, que agora vai completar quarenta e seis anos, estava ainda na infância, o monumento ao descobridor é uma das mais velhas e características estatuas do Rio. Agora vão mudá-la de lugar. Tudo mudou. Por isto, cada dia se faz mais atual a estrofe de José Bonifácio, o Velho: Qual a palmeira que domina ufana os altos topos da floresta espessa. Tal bem presto ha de ser no mundo novo o Brasil bem fadado."



QUAL A PALMEIRA QUE DOMINA UFANA
OS ALTOS TOPOS DA FLORESTA ESPESSA.
TAL BEM PRESTO HA DE SER NO MUNDO NOVO
O BRASIL BEM FADADO.



UM BONDE SAI DA LINHA — Na rua Sant'Anna, um bonde da linha 36, "Praça 15-Praça 11", saiu dos trilhos. Em vez de tombar sobre o asfalto, o veículo correu fora da linha muitos metros terminando por entrar em um botiquim. Os garçons fugiram assustados, estabeleceu-se o pânico entre os passageiros. Houve nada menos de 15 feridos neste desastre, dos quais dois gravemente.



ULTIMA CARTADA — O acontecimento máximo da semana, no Brasil, foi sem dúvida o fechamento das casas de jogo, que ficaram impedidas de funcionar em virtude de um decreto governamental. Um dia, quando os habitués foram ter às portas dos cassinos encontraram-nas fechadas. Na foto abaixo, aparece o casino Atlantico com as portas cerradas. O decreto veio atingir todos os cassinos do Brasil, sem exceção.



A SEMANA EM REVISTA

O NEGRO ATÔMICO



Retrato de um dos autores do livro 'O Negro Atômico'.

Vamos começar a nossa semana de revolução, com um livro que traz a história do negro brasileiro, desde os tempos da escravidão até os dias atuais. O livro, escrito por um dos maiores autores da literatura brasileira, traz uma visão profunda e crítica da sociedade brasileira, mostrando a luta do negro por liberdade e igualdade.

Uma obra-prima, um livro que não pode ser lido apenas por quem se interessa por história, mas por todos os brasileiros que desejam conhecer a sua própria história. O livro é dividido em capítulos que abordam diferentes aspectos da vida do negro brasileiro, desde a escravidão até a luta por direitos civis.

ACONTECEU NA AVENIDA RIO BRANCO



Ilustração de um dos personagens da história contada no artigo.

Na noite de ontem, aconteceu na Avenida Rio Branco um episódio que chamou a atenção de todos. Um grupo de pessoas estava reunido em frente a uma loja, e parecia haver alguma confusão. Quando a polícia chegou, descobriu-se que se tratava de uma manifestação pacífica.

O episódio ocorreu durante uma reunião pública, e a polícia foi chamada para manter a ordem. Felizmente, não houve nenhum ferido ou dano material. A manifestação foi encerrada sem incidentes, e as pessoas foram liberadas.

RAO COM CHEQUE



Ilustração de um cheque, tema do artigo.

Um homem foi preso ontem por não pagar uma conta. O caso ocorreu em uma loja de rua, onde o homem estava tentando pagar com um cheque que não era válido. O dono da loja chamou a polícia, e o homem foi levado para a delegacia.

O episódio ocorreu durante uma transação comercial, e a polícia foi chamada para investigar. O homem foi acusado de fraude, e o caso está sendo processado judicialmente.

SUMÁRIO

REPORTAGENS	
O Negro Atômico	1
Aconteceu na Avenida Rio Branco	5
Rao com Cheque	9
LIVROS	
O Negro Atômico	1
Aconteceu na Avenida Rio Branco	5
Rao com Cheque	9
FOTOGRAFIAS	
O Negro Atômico	1
Aconteceu na Avenida Rio Branco	5
Rao com Cheque	9

FOTOGRAFIAS	
O Negro Atômico	1
Aconteceu na Avenida Rio Branco	5
Rao com Cheque	9
MÚSICA	
O Negro Atômico	1
Aconteceu na Avenida Rio Branco	5
Rao com Cheque	9



O dinheiro... falhas... rico, nu... tura de... pequeno... taria um... brasileiro... gações... temos... uma bo... apenas... cada pe... tem sic... ainda u... alura... medioc... gias ale... um pon... tros me... é que... e em q... apitos... portiva... mas ca... Ma... loura q... saiente... excitan... vez de... crimina... sevand... fazem... peitar... crise... trariad... a inter... surdo... moleca... protest... "tintu... jogos... mente... Kayak... A... bonito... menino... movim... conten... aplicaç... constr... da cid... H... futebol... sando... de esp... que to... O... filant... escadi... raiso... vida... bola... para... M... brian... distan... quinh... ticas... bola... C... A... D...

O menino tem uma bola...

R. MAGALHÃES JUNIOR

Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

O menino ganhou uma bola. E' um menino magro, feio e sujo. O cabelo cresce irregularmente na sua cabeça enorme e oblonga, como um capim agreste que nunca levou tesoura de jardineiro. O rosto do menino tem ossos pontudos, que denunciam falhas de nutrição. Não deve ser fácil nutrir com acerto um menino rico, numa terra em que há "deficit" de gêneros alimentícios e fartura de exploradores, além de um vasto "superavit" de bocas. O pequeno Lord Fauntleroy, já morando com o avô rico, ainda cortaria uma volta, num período desses. Que dizer, então, dos primos brasileiros de "Poil de carotte"? Mas não divaguemos, porque as divagações nos afastam como um tapete mágico traiçoeiro daquilo que temos em mira. Não queremos perder de vista o menino que tem uma bola. A bola não é bonita. Não é grande. E' de tamanho médio, apenas. Não tem gomos coloridos. Já está encardida de sujo, marcada pelo uso constante. E' uma bola amiga e, como as coisas amigas, tem sido muito chutada. Foi um presente do pai, — será que ele ainda tem pai? — ou talvez achada num canto de rua, para onde a alurara o capricho de um menino rico já enfiado de uma bola tão medíocre no tamanho e na aparência. O menino chuta. Gasta energias alegremente chutando aquela bola, que é não só uma bola mas um ponto de convergência social, um elemento de ligação com os outros meninos. Por ser dono da bola, ele é um líder, um chefe. E' ele quem determina a formação dos "teams", é ele quem diz quando e em que pedaço da rua se deve jogar. Na hora do jogo, há gritos, apitos, rumores, tropelias. E' uma miniatura de grande partida esportiva. Seria completa, se ali estivesse a polícia, para partir algumas cabeças, para espaldeirar alguns "torcedores".

Mas para a elegante, a linda, a perfumada e distinta senhora loura que mora na esquina, os meninos de cabeça grande e ossatura saliente, que chutam aquela bola entre apitos e exclamações de vivo entusiasmo esportivo, não são meninos, meninos é que não são. Em vez de meninos são moleques de rua, são uma malta de pequenos criminosos, são uma quadrilha de aprendizes de vagabundos. Esses sevandijazinhos, esses "gangsterzinhos" não se divertem. O que eles fazem é amolar os vizinhos, é perturbar a ordem pública, é desrespeitar a tranquilidade de uma rua familiar, onde, compelida pela crise de habitações, ela está morando eventualmente e muto contrariada. Então, a galante, graciosa e prendada senhora resolve pedir a intervenção das autoridades públicas, para fazer cessar aquele absurdo. Não é possível que as ruas sejam uma espécie de feudo da molecada vadia, que chuta bolas de tarde, aos gritos e apitos. Os protestos da ilustre dama calam no espírito das autoridades e um "tintureiro" aparece, agarrando moleques, tomando bolas e acabando jogos. E, graças a isso, a brilhante dama pode conversar sossegadamente ao telefone com as suas amigas, sobre o último chá da condessa Kayaky de Peghaly e os pequenos escândalos que ali se passaram...

A linda senhora tem tudo. Tem capotes de peles, joias caras, um bonito automóvel, um marido que lhe satisfaz todos os caprichos. O menino tem apenas uma bola. Antes de entrar em ação, antes de movimentar suas amizades, de pedir tópicos aos jornais, a bela descontente, prima da princesa entediada de Tennyson, bem podia ter aplicado o seu raciocínio de mulher em sentido mais generoso e construtivo. Poderia, por exemplo, ter chamado seu amigo, o prefeito da cidade, e ter perguntado:

Hildebrando, meu caro, há meninos sujos e ossudos que jogam futebol na minha rua... Sim, no meio da rua, com automóveis passando para lá e para cá... Você já pensou no problema dos campos de esporte infantis, nos "play grounds", nos sítios de recreação juvenil que toda grande concentração urbana deve ter?

Ou podia ter ligado para o grande banqueiro, que tem firma de filantropo, porque mandou restaurar o décimo terceiro degrau da escadinha que leva ao morro da Gloria, e dizer-lhe:

— Ouça, meu querido barão... Enquanto nós vivemos no pa-raiso, entre festas e reuniões deliciosas, há criaturas que vivem uma vida de miséria... Há meninos sujos que nada têm, a não ser uma bola... Por que você não abre uma lista, dando um dos seus milhões para a construção de um parque infantil?

Mas a esquisita e perturbadora senhora, que usa perfumes inebriantes e joias que faiscam, não se lembra dessas soluções que são distantes, mas eficazes e humanas, porque sua mentalidade de bonequinha elegante foi habituada ao imediatismo e às fórmulas drásticas. O menino tem uma bola. E' mentira. O menino tinha uma bola...

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e por conseguinte diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII — N.º 19 — 11-5-1946

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622 — Gerência: 22-2650 — Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570 — Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-9603

Sucursal em S. Paulo: — Rua D. José de Barros, 323 — Tel. 4-7806

Corresp. na Bahia: — J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 90 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

OS CONCURSOS LITERÁRIOS DA "REVISTA DA SEMANA"

Será encerrado dia 31 do corrente o prazo para recebimento dos originais destinados ao 4.º Concurso de Contos instituído por este "magazine". Como nos anteriores, serão selecionados os dez melhores contos para publicar nas edições seguintes, premiando com Cr\$ 100,00, respectivamente, cada autor.

Os originais dos concursos de peças de teatro (Prêmio Apolonia Pinto) e de romance (Prêmio REVISTA DA SEMANA), continuam analisados pelas comissões julgadoras. As peças teatrais estão em po-

der de sr. Daniel Rocha, representante do Clube Ginástico Português, que é por sua vez o ofertante do prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para o autor da peça premiada.



CASPA! CABELOS BRANCOS!

use XAMBU

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONOS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES



MAE
come
foram

U

mor
casa
N
d. M
casa
rebr
tem
mité
Do
ram
cons
que
H
algu

bin
E
alto
figu

hou
A
pala

Dep
com

Bas
E
mov
ar a
sorr

BISC
dor e
mora



MAE E FILHA — D. Maria Alonso foi a moça mais bonita de seu tempo. Vieram porem os anos, os devastadores implacáveis. Os seus cabelos foram se encanecendo, as rugas começaram a aparecer em suas faces de beleza morena. Foi-se a beleza, foi-se o viço. Tudo perdeu Maria Alonso, menos a sua "verve" e o seu habitual bom humor, que sempre foram justamente os seus maiores atrativos. Na foto aparece a flor de Aragão acariciando Candida Machado, antiga corista da companhia Ismenia Santos. Maria Alonso tem para com Candida carinhos maternos.

ULTIMO ATO

(Continuação da pág. 3)

morro, vamos falar aos vivos que habitam no casarão assobradado do vale.

Na sala de jantar do Retiro encontramos d. Maria de Oliveira, uma antiga hospede da casa. Hoje ela está velha, dois derrames cerebrais lhe levaram as memórias dos velhos tempos. O seu cérebro cansado é um cemitério de imagens e emoções.

Dos seus dias alegres de atriz bonita, ficaram apenas saudades tristes trancadas no consciente agitado, recordações românticas que a esponja da amnesia apagou.

Hoje, o seu passado se resume apenas em algumas palavras muitas vezes repetidas:

— Eu fui corista. Depois fui subindo, subindo...

E d. Maria levanta ambos os braços para o alto, em movimentos lentos, como a querer figurar a sua ascensão na escada da glória.

— E em que companhia a senhora trabalhou? — perguntamos.

A velhinha lembra-se agora de mais duas palavras:

— Souza Bastos!

— Ali a senhora era corista ou estrela?

— Eu fui corista — repete d. Maria. — Depois fui subindo, subindo...

— Mas a senhora trabalhou apenas numa companhia, d. Maria?

— Não; trabalhei em muitas. Na Souza Bastos...

E a pobre senhora, aflita, move as mãos em movimentos descontrolados, para apanhar no ar a memória que lhe falta. Depois, com um sorriso de triunfo, afirma enfaticamente:

— Sabe? Trabalhei muito com o meu marido. Eu era corista. Depois fui subindo, subindo...

— E como era o nome de seu marido?

Outra vez a atriz busca apanhar a memória no espaço, com as mãos descarnadas e brancas:

— O meu marido se chamava... chamava... Meu Deus! Como é difícil lembrar. Mas eu me lembro dele, lembro de tudo. Trabalhei com o Souza Bastos. Fui corista. Depois fui subindo, subindo...

D. Maria passa a mão aflitivamente pela testa. Não quisemos insistir mais. Deixamos dormir as recordações e as saudades no cemitério de seu cérebro e passamos a um quarto contíguo, para conversar com outra personagem da tragi-comédia da vida.

JULIA VIDAL, UMA SOMBRA QUE PASSOU

Do hospedes do Abrigo dos Artistas, talvez seja Julia Vidal a mais moça. Num dos quartos da frente do casarão, ela se encontra em repouso, convalescendo de um longo período de doenças cardíacas, e aproveitando o descanso para se refazer de uma neurastenia crônica que a acompanha há muito tempo.

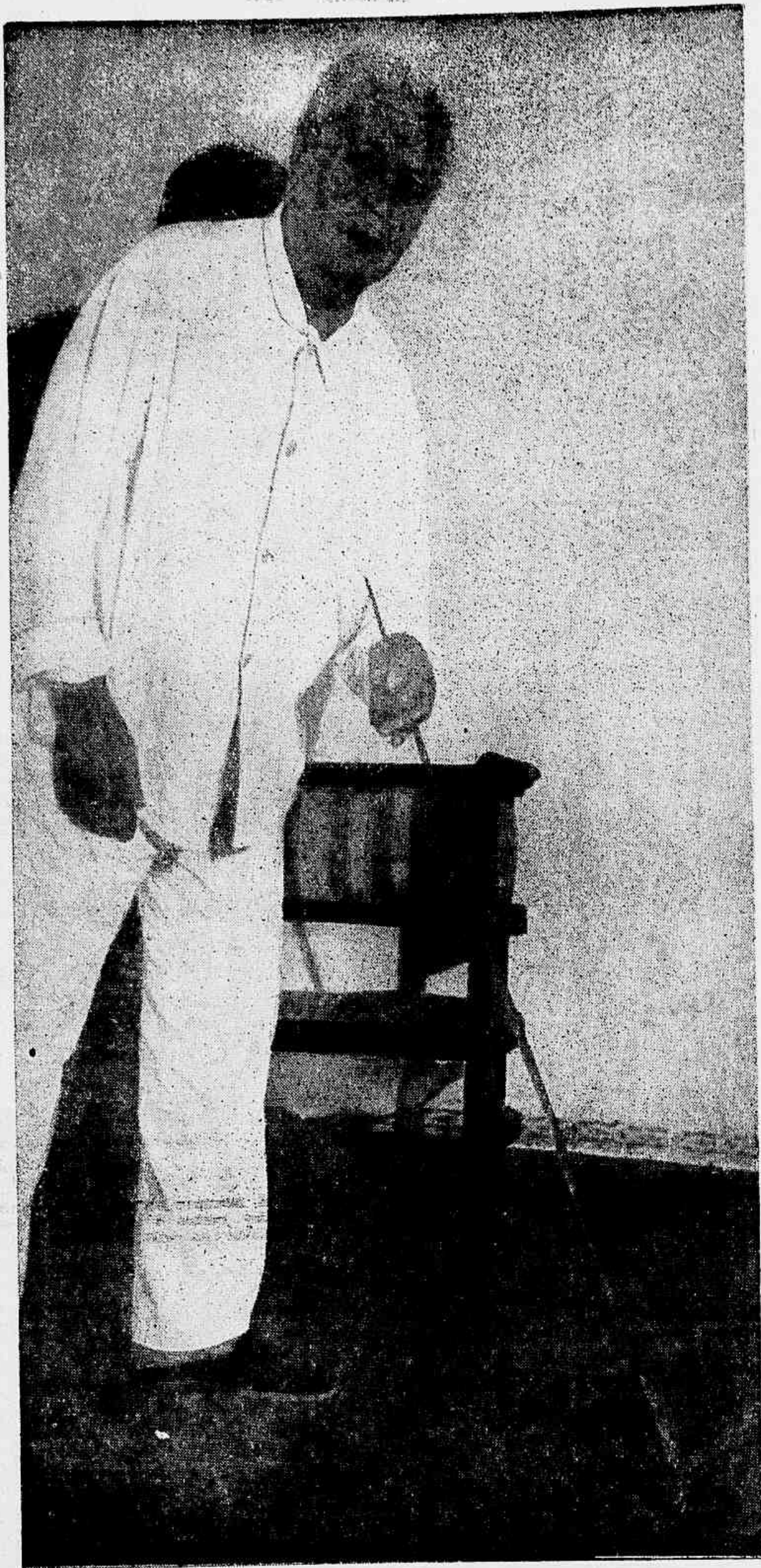
D. Julia Vidal tem 56 anos e cabelos brancos. E', para não dizer com vaidade, quase com orgulho, que ela declara ao reporter:

— Pinto os cabelos desde os 17 anos de idade. Naquele tempo, a minha cabeça era toda negra, com uma faixa branca no centro. Para fazer ingenuas, tinha que tingir os cabelos. Correram os anos. Um dia, sem que eu me apercebesse da mudança das coisas, vi que estava tingindo os meus cabelos por outro motivo. Estava completamente encanecida e apenas uma linha estreita de fios negros se plantava junto á minha testa. Envelheci depressa. Atacada de forte neurastenia, fui obrigada a abandonar o teatro. Fi-

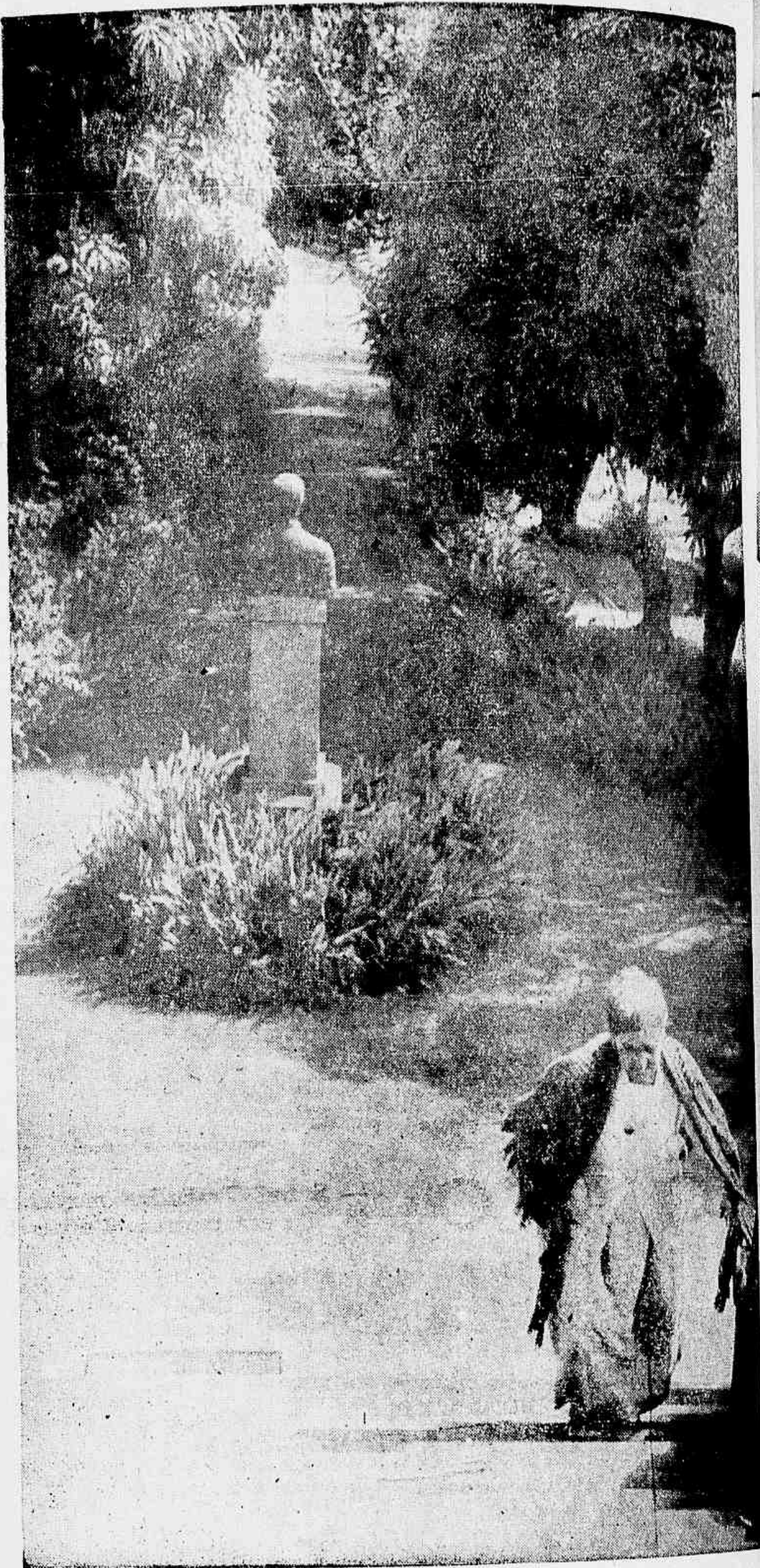
NO UMBRAL — O domingo é sempre movimentado no Retiro dos Artistas. Aqui estão netos e sobrinhos dos hospedes entrando para visitar os seus parentes.



BISCA — Amarilis, filha do sr. Pascoal Americo, procurador eventual da Casa dos Artistas, é a alegria dos velhos moradores do casarão. Ei-la aqui, muito séria, empenhada em ensinar d. Julia Vidal a jogar a bisca de três.



RECORDAR E VIVER — Ao tempo em que Leopoldo Froes era um simples amador, já Henrique Martins, que se vê na foto, representava como profissional. Diante do reporter ele revive uma passagem da tragédia "Ignez de Castro", na qual D. Pedro se suicida com uma espada de cruzeta.



E' LONGA A ESCADA DA VIDA — Muito subiu d. Maria de Oliveira na escada da glória. Começou como corista mas, à custa de muitos trabalhos, chegou a ser primeira atriz. Hoje, de todo esse passado de grandeza restam apenas, na memória da boa velhinha duas palavras confusas: Souza Bastos...

quei pobre. Foram-se os tempos saudosos das noites de estreias festivas, ficara comigo apenas uma recordação. Pode dizer em sua reportagem que o senhor encontrou aqui a Julia Vidal, uma sombra que passou pelo teatro.

— Mas a senhora trabalhava até pouco tempo atrás.

— Isto é verdade. Fiz há menos de cinco anos a "mulher das joias", personagem de uma revista encenada pela Companhia de Alda Garrido. Foi um sucesso a revista, ganhei muitos aplausos. Mas já me sentia doente. Peorei e tive que recorrer ao Retiro para me tratar. Aqui todos são bons, gozo relativo conforto, mas as recordações dos dias de glória me fazem sofrer. E' com lágrimas nos olhos que me lembro das noites de espetáculos, das ovações estrepitosas, das ceias festivas depois das estreias vitoriosas. Hoje restam poucos de meus amigos de outrora. Mas nunca poderei esquecê-los. Não posso sobretudo me esquecer de Eduardo Leite, velho companheiro das lutas antigas.

Agora d. Julia Vidal parece chorar sobre o tumulto de um morto. Avivando as suas tristes recordações ali está, na parede da sala, uma foto nitida e grande de Eduardo Leite, fundador do Retiro, a cujo animo e coragem se deve a realização dos planos grandiosos de Leopoldo Frois.

Hoje, dos dois grandes atores, restam na sala principal da casa que eles fundaram uma fotografia e um busto. E restam também, na memória já enfraquecida dos hospedes do Retiro, saudações infinitas dos dois mestres, com os quais muitos deles aprenderam a arte difícil de representar.

FALA OUTRA SOMBRA

Quando deixamos d. Julia Vidal em seu quarto, brincando com "Shangai", uma cadelinha pequinesa de olhos irrequietos, presente talvez de algum velho fan, a atriz repete o seu pedido:

— Não e esqueça de dizer que eu sou a Julia Vidal, uma sombra que passou pelo teatro.

Saimos para a sala. Outras sombras se movem como nuvens fugidias, entre os móveis antigos do Retiro. Ao fundo, numa larga poltrona, com o olhar perdido nas distâncias infinitas do tempo, uma sombra triste. É o ator Joaquim de Oliveira, cujo nome corre outrora todo o Brasil, cuja fama viajou por vinte Estados. Hoje, Joaquim de Oliveira está cego. Já não pode ler nos velhos jornais as referencias elogiosas da critica, o seu olhar já não pousa nas fotografias queridas dos tempos em que ele, á frente de uma companhia famosa, fazia "tournées" triunfais pelo interior.

Mas, quando fala deste passado glorioso todo o seu corpo se agita, ganhando vida e agilidade e os seus proprios olhos parecem se possuir de um brilho intenso e vivo, doce embalo das recordações amigas:

— A que ramo do teatro me dediquei? A todos. Fiz drama, fiz comedia, fiz tragédia, fiz revista. Fui ator e fui empresario. Viajei por todo o Brasil em companhias de outros atores e dirigindo minhas proprias compa-

nhias.
outros a
Barbosa
ram me
vezes e
— E
balhou?
— Na
ele era
era um
recitas
nais do

OREMOS
dos Artistas
templo p

nhias. Trabalhei com artistas de nome, fiz outros artistas ganharem nome e glória. João Barbosa e sua esposa Adelaide Coutinho foram meus companheiros de trabalho. Muitas vezes contracenei com eles.

— E com o Leopoldo Froes, nunca trabalhou?

— Não. Quando o conheci, em São Paulo, ele era apenas um amador. E eu, então, já era um ator quase veterano, acostumado às recitas diárias a que se obrigam os profissionais do palco.

O velho ator passa a mão pela testa, como se procurasse afagar as recordações que visitam a sua cabeça fatigada.

Lançamos-lhe a última pergunta:

— E há quanto tempo o senhor abandonou o teatro?

— Há muitos anos. Não posso me lembrar precisamente quantos. Estou cego há oito anos. Vivo agora de minhas recordações. O presente para mim não existe, pois não posso vê-lo. Mas as visões interiores são belas e consoladoras. E o passado me basta.

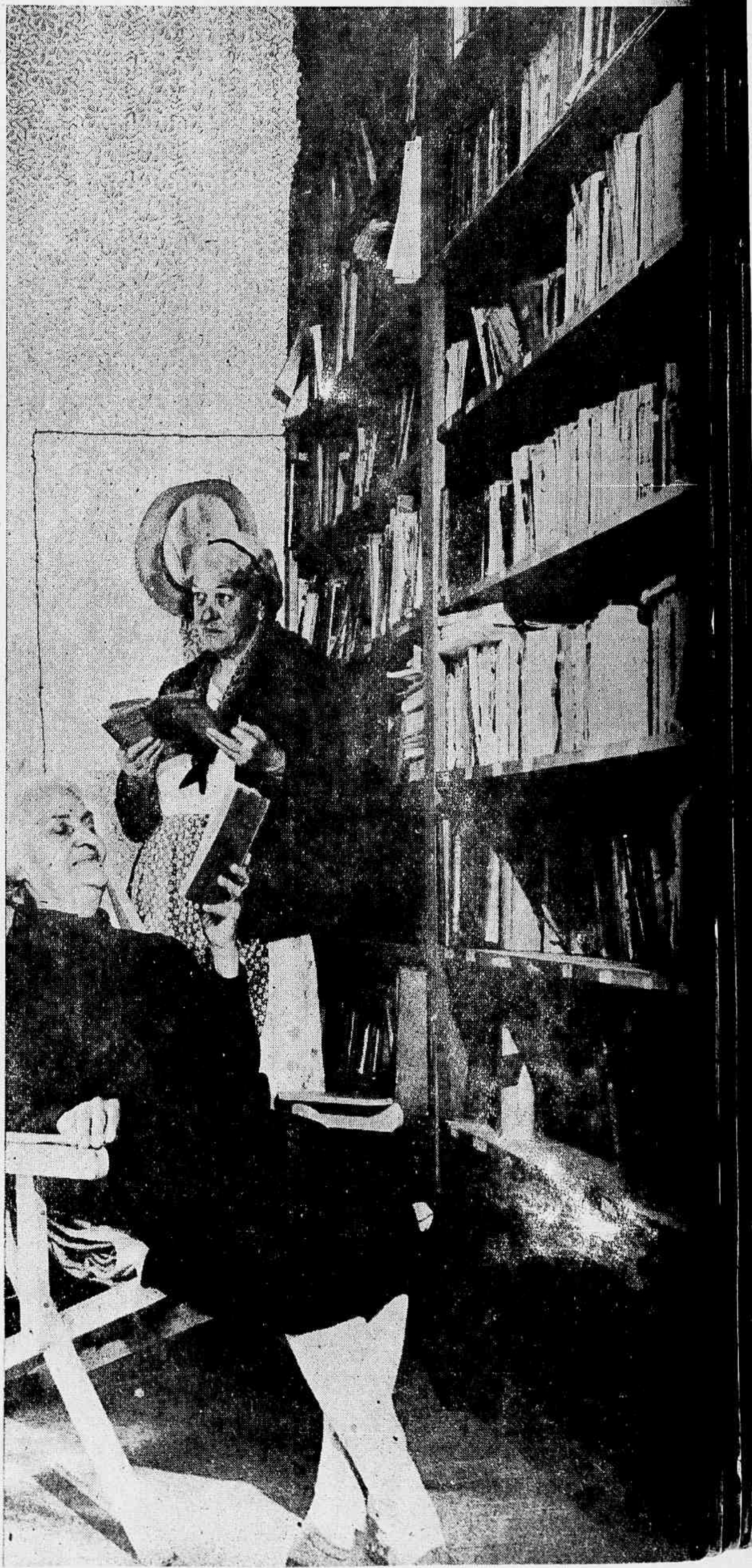
A ESPADA DE JOÃO CAETANO

Continuamos a nossa excursão pelo Retiro dos Artistas. Este velho sobrado talvez não seja bastante para abrigar uma companhia de infantes. Mas dentro dele vive e se agita todo um mundo. Um mundo de recordações e saudades. Uma volta em torno da sala de visitas seria uma viagem interessante, como a que fez Gil Blaz ao redor de seu quarto.

Quem nos serve de cicerone, acompanhando-nos na longa caminhada, é o sr. Pascoal

OREMOS — Nesta capela reza-se aos domingos uma missa para os recolhidos ao Retiro dos Artistas. Aqui estão velhas celebridades do teatro brasileiro dirigindo-se ao pequeno templo para as orações dominicais. Quase todos aproximaram-se mais de Deus com a aproximação da velhice.

NOSSOS AMIGOS OS LIVROS — São poucas as distrações a que se podem entregar os hóspedes do Retiro: um livro, um cigarro, uma revista velha. Aqui estão duas artistas que já tiveram grande fama, entregues à leitura de velhos romances, na biblioteca da casa que as abrigou.





AOS PÉS DO ALTAR — O conhecido ator Taveira, que apesar de morar no Retiro ainda se dedica à arte teatral, como ensaiador, ora na capelinha da instituição, aos pés da imagem de Santo Antonio. Ele e os outros hospedes do Retiro conservam sempre enfeitado o singelo templo.



JOSE' FELIPE BATISTA — além de ator, autor e poeta é também um inveterado pescador. Todos os domingos e às vezes mesmo nos dias de semana, ele se dirige ao sítio de um amigo, para apanhar gordos lambaris num corrego ali existente. Volta alegre, embora nem sempre trazendo peixes.

HORA DA BOIA — No salão de refeições do Retiro dos Artistas, duas vezes por dia reúnem-se os moradores da casa. Hoje, afastados de outros divertimentos, as distrações principais destes velhos atores são comer e fumar. A "boia" é boa e variada. Na mesa, conversam eles como nós todos o fazemos, contam anedotas, comentam os acontecimentos do dia falam de coisas corriqueiras e sem importância. As recordações dos tempos de glória ficaram nos quartos lá de cima...



America
todos,
cioso.

Em
de um
gnifica
Pergun
quela a
a cabe
da hist
dor do
para q
Este ta
mas p
— Q

Martin

"Seu
Henric
donou
memor
longas
frases

Henr
Quand
que tr
seus l
ambas
antes
gunta.

— E
tano.
interpr
tro".

Tom
prosse

— M
João C
vamen
dro. E
convid
não p
mesma
saudos
função
Pedro

Tom
titue a

— A
espada
ponta
coraçã

O at
tão br
diosa.
neta c
Martin
um ap
sua g
refeic
a espa
de He
tos an
guard
reliqu

No
velhos
ram c

Ele
Batist
de m
quare
sorrin
quant
parav
dos at
fim q
uma t
uma c

Hoj
não p
amad

Americo, que nos informa sobre tudo e sobre todos, com palavras explicitas de guia atencioso.

Em dado momento, encontramos no fundo de uma estante uma espada de cruzeta, magnífica obra de um armeiro do eculo XVIII. Perguntamos ao nosso guia a significação daquela arma. E o sr. Pascoal Americo, coçando a cabeça, confessa a sua ignorancia a respeito da historia da espada. Chama o administrador do Retiro, sr. Ramiro de Souza Salvador, para que ele nos fale sobre o historico objeto. Este tambem pouco sabe a respeito do mesmo, mas pode adiantar-nos qualquer cousa:

— Quem conhece bem a espada é o “seu” Martins.

“Seu” Martins é o velho ator-dramatico Henrique Martins, que há muitos anos abandonou o teatro. Deixou o palco quando a sua memoria cansada impedia a fixação das falas longas e os seus ouvidos já não escutavam as frases murmuradas pelo ponto.

Henrique Martins nos recebe em seu quarto. Quando os seus olhos caem sobre a espada que trazemos, um largo sorriso se abre em seus labios estreitos. Tomando a arma com ambas as mãos, acaricia-lhe a bainha negra e, antes mesmo que esboçassemos qualquer pergunta, a historia brota de sua boca:

— Bonita espada esta. Serviu a João Caetano. Foi com esta arma que ele triunfou na interpretação do D. Pedro de “Ignez de Castro”.

Tomando uma expressão de saudade, o ator prossegue:

— Muitos anos depois da morte do grande João Caetano, d. Isolina Mondar encenou novamente a grande tragedia no teatro São Pedro. Eu era então um jovem amador. Mas, convidado para o difficil papel de D. Pedro, não pude deixar de aceitá-lo. Servi-me da mesma espada de que se tinha utilizado o saudoso mestre. A espada tinha na peça uma função relevante. Era com ela que o terrivel Pedro se matava, ao saber da morte de Ignez.

Tomando a arma, Henrique Martins reconstitue a cena:

— Assim eu fazia: Colocava o punho da espada no assoalho e, inclinando-me sobre a ponta da lamina, fingia que atravessava o coração.

O ator está em pijama, os seus cabelos estão brancos. Mesmo assim, a cena é grandiosa. Ela se desfaz porem, ao toque da sineta que chama para o almoço. Henrique Martins deixa o quarto em direção á ala. Tem um apetite guloso e, nem as recordações de sua gloria serão capazes de fazê-lo adiar a refeição. Sobre a sua cama de ferro lá ficou a espada de João Caetano, velha companheira de Henrique Martins que ele, depois de muitos anos de separação, veio encontrar de novo, guardada no Retiro dos Artistas, como uma reliquia gloriosa do teatro.

ENVELHECERAM SORRINDO

No Retiro dos Artistas mora um casal de velhos, que durante longos anos se dedicaram com amor aos serviços de teatro:

Ele é o sr. José Felipe Batista e ela d. Luiza Batista, antiga encarregada do guarda-roupa de muitas companhias teatrais. Casados há quarenta e cinco anos, os dois envelheceram sorrindo á luz das lampadas da ribalta. Enquanto o marido representava, d. Luiza preparava com carinho os trajes característicos dos atores, as cabeleiras das atrizes, tudo enfim que emoldurava as cenas comoventes de uma tragedia ou as passagens hilariantes de uma comedia.

Hoje, d. Luiza descansa. Mas o seu marido não pára. Representa ainda em grupos de amadores, escreve peças, pesca nas horas va-



TEMPOS IDOS — D. Arminda Santos veio de Pernambuco mocinha, estreou com sucesso na revista “Pega na Chaleira”. Quando Procopio Ferreira se firmou, interpretando o negrinho de “A Juriti”, já ela era uma atriz consagrada. Hoje, os anos quase não a deixam locomover-se por meio de suas proprias pernas. Aqui está d. Arminda descendo com custo as escadas do Retiro, segurando-se ao corrimão.

LEOPOLDO FROES — foi o idealizador do Retiro, cujo fundação se deve a êle e a Eduardo Leite. Na sala de visitas da casa, os seus hospedes ouvem radio junto a um busto de bronze do saudoso ator. Nesta foto aparecem d. Maria Alonso, que foi a mais querida de seu tempo, e José Felipe Batista, que até hoje anda trabalha para o teatro, como autor, e ensaiador.





gas. E' o homem dos sete instrumentos. Dramaturgo, ator, poeta, ainda encontra tempo, nos momentos que lhe deixam livre Talia e outras musas, para apanhar lambaris graúdos no riacho que corre nos fundos do sítio de um amigo, localizado nas proximidades do Retiro.

Vimo-lo chegar apressado para o almoço, trazendo ao ombro os compridos caniços, com a bolsa vazia a tiracolo. Uma senhora de cabelos brancos que fumava sentada a uma cadeira de balanço levantou-se e vai ao encontro do pescador, perguntando ironicamente, com um sotaque espanholado.

— Deixa-me ver os tubarões que apanhaste. E solta uma gargalhada cristalina.

A MARAVILHA DE ARAGÃO

Procuramos conversar com a alegre senhora. Ela porem se nega a responder a qualquer pergunta sobre o seu passado. Quando, indiscretamente, perguntamo qual a sua idade, responde-nos séria:

— Noventa e dois anos. Conheci João Caetano. Posso contar-lhe muita coisa a respeito de teatro antigo. Posso mas não quero. Não gosto de falar. Sou do contra. Vocês reporters são muito intrometidos; gostam de se meter na vida dos outros, mas comigo não arranjam nada. Eu gostava dos reporters no tempo em que eles me elogiavam. Agora estou velha, não preciso mais de vocês.

E a velha atriz solta uma risada zombeteira.

Com muito custo conseguimos convencê-la a nos mostrar o seu quarto. Folheando ali velhos jornais e recortes antigos, pudemos ficar sabendo que estamos diante de Maria Alonso, uma atriz que foi considerada, nos tempos de sua mocidade, a mais bela mulher do Rio. Nas paredes do dormitório, fotografias antigas, quadros rememorativos, um retrato do Duque do Forno em farda de Coronel da Guarda Real, com uma dedicatória afetuosa. Quando lhe perguntamos sobre a significação da fotografia, d. Maria Alonso muda de assunto e conta uma anedota.

Conversamos muito com Maria Alonso. Mas dela, que fugiu inteligentemente a todas as perguntas, só conseguimos saber que havia nascido em Aragão e corréra todo o mundo.

Quando nos despedimos, ela nos acena longe um adeus largo, gritando com todas as forças:

— Não e esqueçam de me mandar a REVISTA. Quero ver se ainda estou fotogenica.

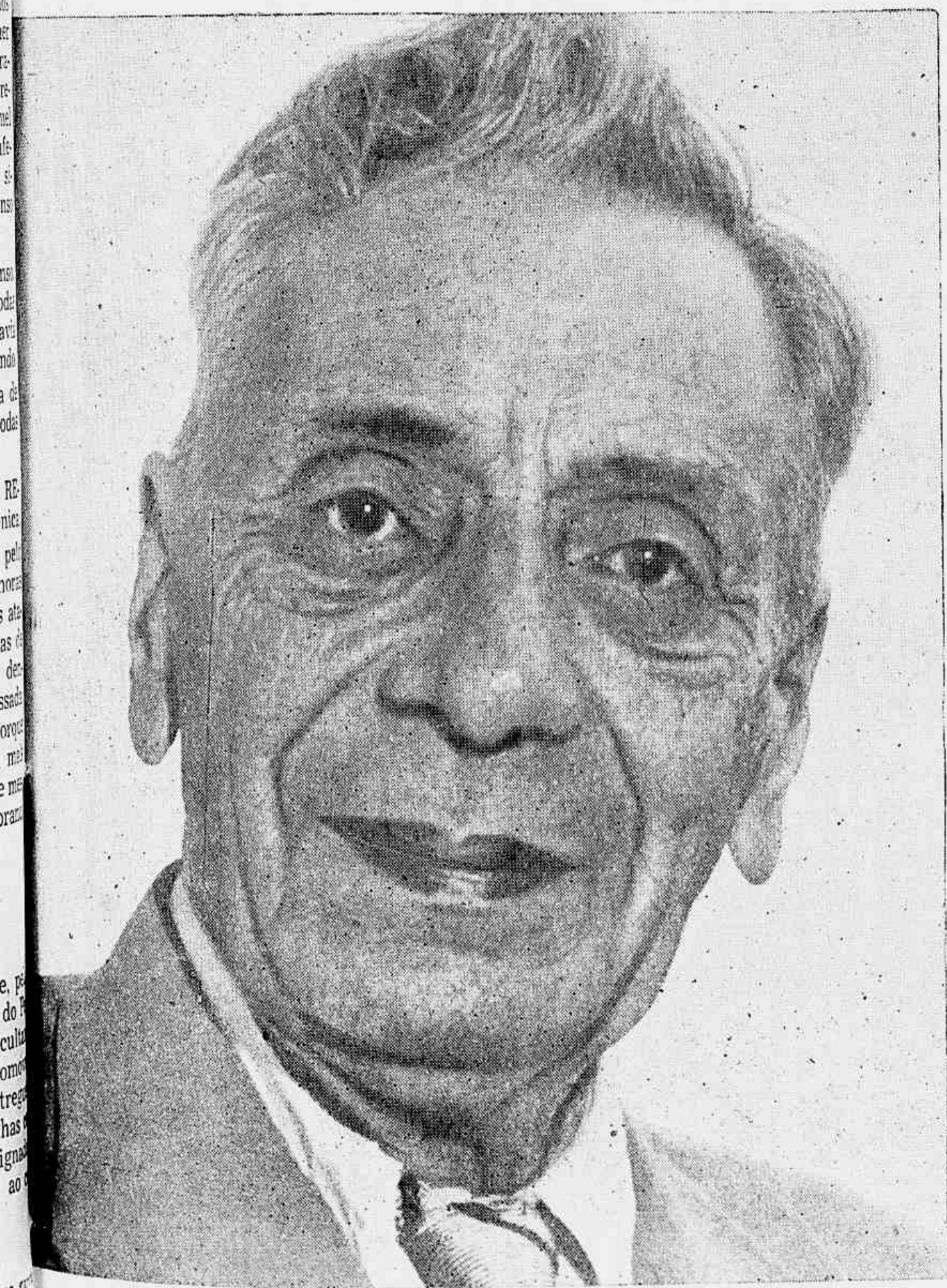
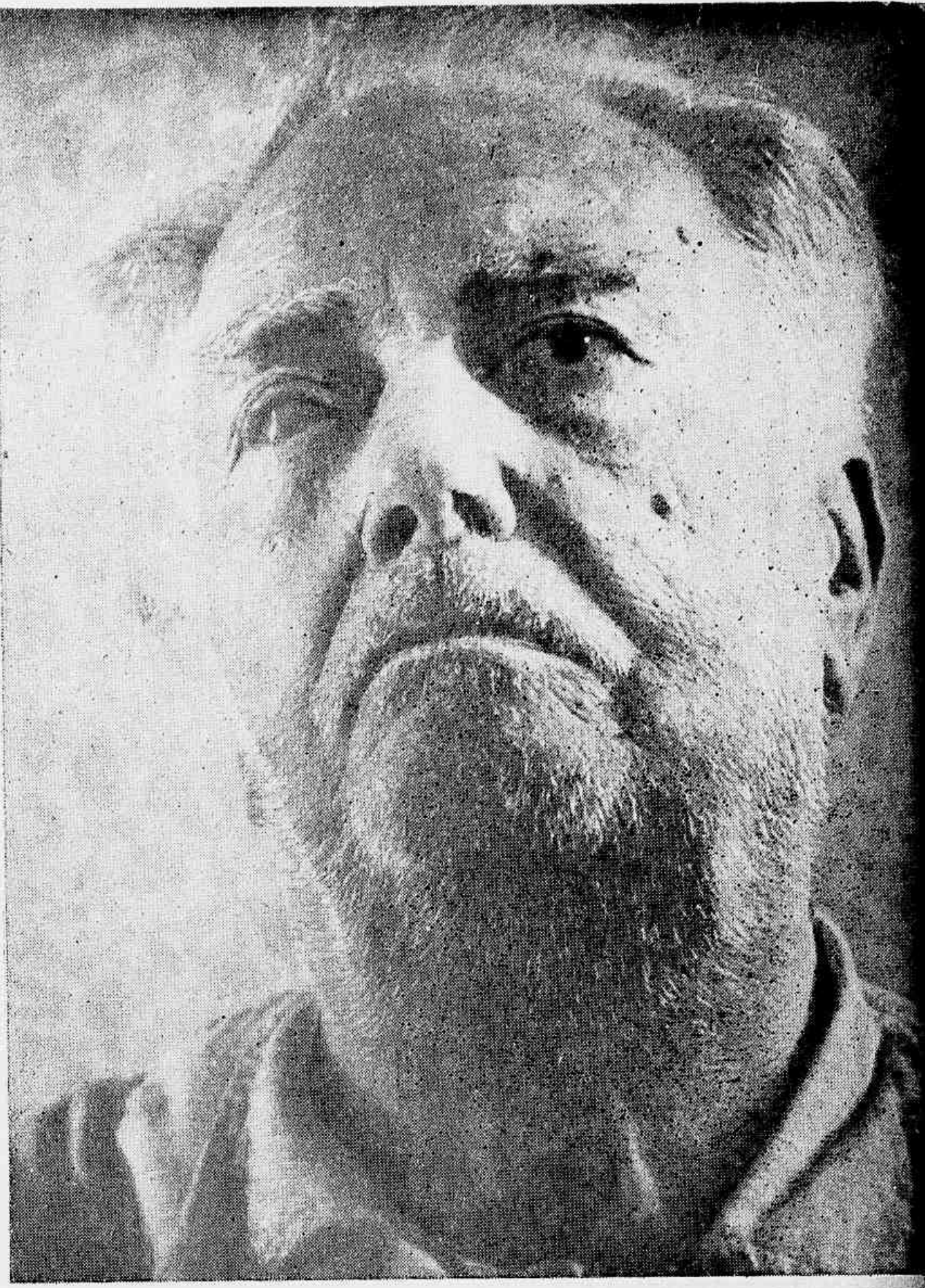
Mesmo de longe, vimos que passa pelo olhar de Maria Alonso a saudade das horas passadas, as flores enchendo os camarins atropetados, as ceias á luz do gas, as corridas de carruagem estofada pelas madrugadas a dentro. Hoje, pouco resta desta gloria passada. Mas Maria Alonso não perdeu nada, porque não perdeu a alegria de viver, que era mais forte que a sua propria beleza, mais forte mesmo que os anos que lhe tingiram de branco os longos e sedosos cabelos negros.



Vamos voltando agora para a cidade, pela estrada ingreme que desce até o largo do Funchinha. O Retiro dos Artistas vai se ocultando atrás da nuvem de poeira que o automóvel arranca do caminho. Ali deixamos, entregando as suas cismas e ás suas tristezas, velhas lembranças do teatro, que esperam resignadas a vez de subir o morro, para chegar ao miterio branco de Jacarepaguá.

FIM — No branco cemiterio de Jacarepaguá, uma eterna reza sobre um sepulcro. Nestas sepulturas confundem-se os outros mortos, repousam muitas celebridades do velho teatro brasileiro. Este é o ultimo canto do teatro brasileiro. Este é o ultimo canto...
Cae o pano...

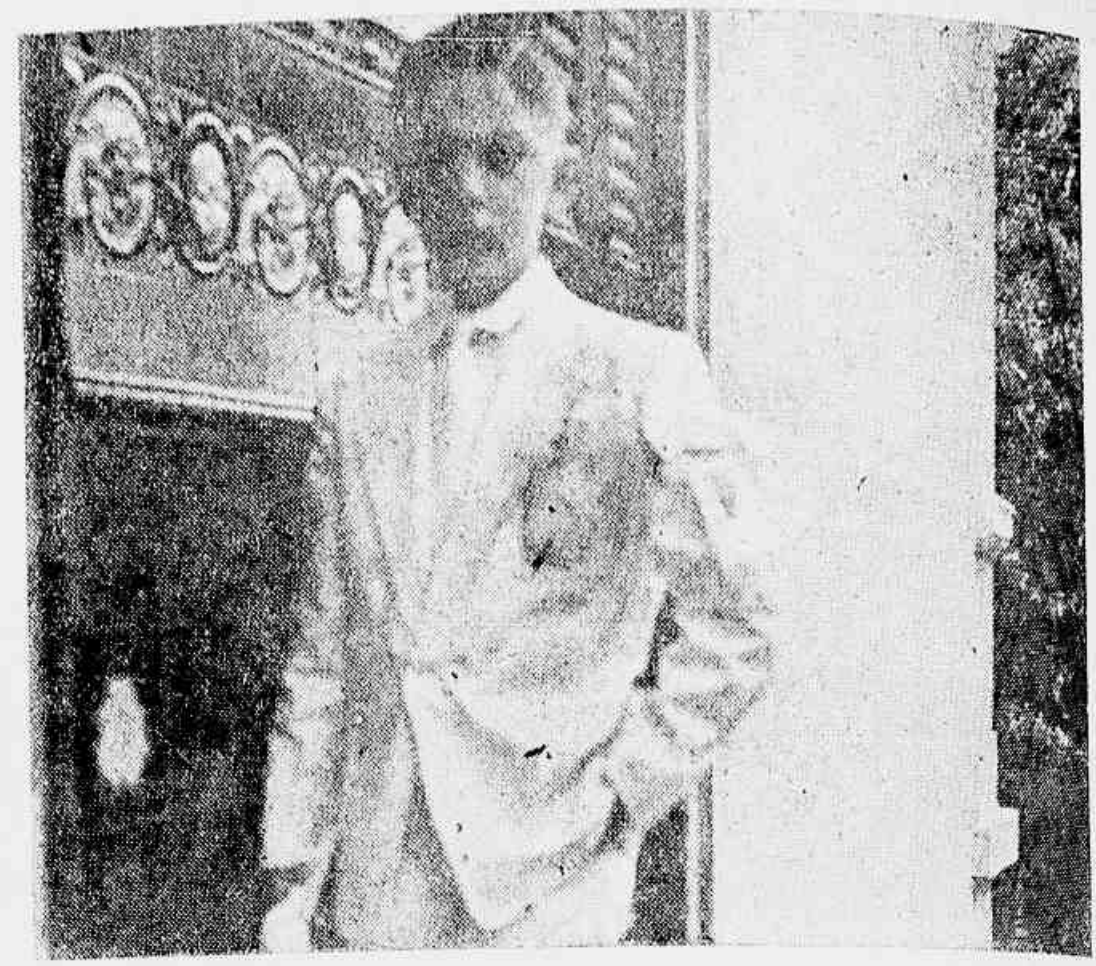
QUATRO
ainda brilha
na Chaleira
dos raros



QUATRO VETERANOS — Apesar dos anos ingratos, apesar das rugas, os hospedes do Retiro dos Artistas ainda conservam um resto da alegria dos dias passados. Uma esperança ainda brilha em seus sorrisos já meio apagados. Nesta pagina aparecem em sequencia, da esquerda para a direita e do alto para baixo: Arminda Santos, que já ao tempo de "Pega na Chaleira" trabalhava como vedette. Joaquim de Oliveira, velho e conhecido astro do teatro, que há muitos anos se encontra cego no Retiro dos Artistas. Teodoro Taveira, um dos raros habitantes do casarão que ainda está em atividade, ensaiando amadores e representando quando pode; discipulo de Eugenio Magalhães, ele teve dias de gloria, ao tempo de Leopoldo Froes. Por ultimo, d. Marina Szuleda, uma atriz madrilena que fez sucesso no drama, ao lado de Francisco Santos.



Sta. Maria Conceição Villas-Bôas Santos, fino ornamento da sociedade carioca, filha do dr. José Pedro Saragoça Santos (falecido) e da sra. Maria Luiza Villas-Bôas Santos.



O menino Francisco José, filho do Comte. Sylvio Motta e de sua esposa d. Marianna Salles Motta. É neto do antigo deputado federal dr. Salles Filho, atual ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal e de sua esposa d. Julieta Bastos de Salles.



Arnaldo Nogueira, locutor e rádio-ator do "cast" da Rádio Tupi, que está de embarque para Londres afim de fazer parte do quadro de redatores brasileiros da British Broadcasting Company.

FIGURAS E FATOS

Grupo feito após a inauguração do retrato do maestro Francisco Braga no Conservatório de Musica do Distrito Federal, tendo presidido a cerimonia a maestrina Joanidia Sodré, comemoração feita por motivo do centenário do saudoso compositor patricio.





Costumes da Páscoa na Grã-Bretanha

T. F. LINDSAY, para a "REVISTA DA SEMANA"

Londres, abril — A Páscoa, a maior festa do calendário cristão, marca o fim da longa estação de penitências da Quaresma. Não pode constituir surpresa, pois, que tantos costumes tradicionais estejam associados a essa quadra do ano, principalmente no que concerne a comidas e bebidas, ou com a alegria natural a que homens e mulheres se entregam para celebrar a Páscoa. A Grã-Bretanha é particularmente rica desses costumes, tanto nacionais como locais. Muitos deles possuem o óbvio caráter cristão, enquanto outros procedem das épocas anteriores ao próprio Cristianismo, incorporados aos novos tempos como reminiscências inocentes do paganismo. O mais universal desses costumes, comum em todos os lares britânicos, consiste na variada e abundante refeição da quinta e da sexta-feira santas, para quebrar os jejuns da penitência. A "panqueca", na Grã-Bretanha bastante usada, é um bolo delgado e transparente, que deve ser ingerido por todos aqueles que se dirigem à igreja na terça-feira para fazer suas confissões da Páscoa. Os ovos da Páscoa, contudo, parecem significar o mais antigo de todos esses costumes e um dos que sobrevivem com maior tenacidade. O consumo de ovos, após o jejum quaresmal, provém de uma velhíssima tradição medieval que proibia esse alimento durante os quarenta dias anteriores à Semana Santa. A fórmula de bater os ovos ainda permanece em muitos pontos a mesma do antigo ritual romano, como na Abadia dos Beneditinos, em Finknash, perto de Gloucester. Varia muito, porém, a maneira do preparo dos ovos da Páscoa que, durante a quaresma, eram fornecidos em sucedaneos de chocolate.

As crianças encaram a Páscoa quase como um se-

gundo Natal, esperando sempre receber presentes, o que acontece também com muitos adultos. E algumas tradições locais associam isso com a importação de preceitos de caridade. Em Biddenden, no Condado de Kent, os pobres são recebidos na igreja para que lhes sejam entregues pão e queijo, bem como um biscoito especial, na segunda-feira pela manhã. Esse costume vem do século XII.

Há também o lava-pés, familiar a todos os católicos como parte dos ritos da quinta-feira maior. Originariamente, doze ou mais pobres homens tinham os seus pés lavados e enxugados pelo rei, e recebiam depois um bom presente. A última cerimônia desse tipo foi realizada em 1685 pelo rei James II. Depois, os soberanos passaram a distribuir apenas os presentes, findo o lava-pés. Por último, já no tempo de George V, houve uma breve reviviscência, em 1932, do costume. A Semana Santa coincide com a primavera ou com a sua chegada. Por isso, a temporada de "football" tem início muitas vezes no Domingo de Ramos, ou na segunda-feira. E às vezes, envolve-se numa partida de proporções gigantescas a população inteira de duas aldeias, jogando através de campos, ruas, lamaçais, sem nenhuma regra a não ser a de impulsionar a pelota para o campo oposto.

Em Londres, o Lord Mayor e os dignitários civis fazem uma procissão interna, sendo ouvido um sermão, seguido por uma recepção na "Manston House". Há celebrações urbanas, também, e é nessa quadra primaveril, em que tantas tradições amáveis revivem, que melhor se aplica a expressão "Merry England" ao país engalanado de flores e aquecido pelos primeiros e tímidos calores que anunciam o verão ainda distante.

A CERIMONIA DOS OVOS DE PASCOA — E' ainda mantida com o maior carinho, a cerimonia da oferenda de ovos de Pascoa entre os cidadãos ingleses. Velhos e moços, trocam presentes simbolicos, e agora, com o advento da paz, essas comemorações foram ainda mais solenemente festejadas.

O BEIJO CLASSICO NA VARANDA — Outro velho costume das aldeias britânicas, ressuscitado agora, transcorridos os dias macabros da guerra. Vai o namorado, utilizando-se de uma pequena escada de mão, à residência da sua eleita, a quem oferece um "bouquet" de flores em troca de um osculo.





A guerra e seus bombardeios destruiu um grande numero de imoveis, em todos os paises atingidos pelas suas consequencias tragicas. Aqui vemos a que ficou reduzida a Praça do Hotel de Ville em Beauvais, na França, com as barracas onde se instalaram os comerciantes cujas lojas foram sinistradas. Por aqui passaram os vândalos nazistas e dali foram escorraçados quando mais acreditavam terem creado raizes. Beauvais é um dos primeiros pontos restaurados em terra francesa.

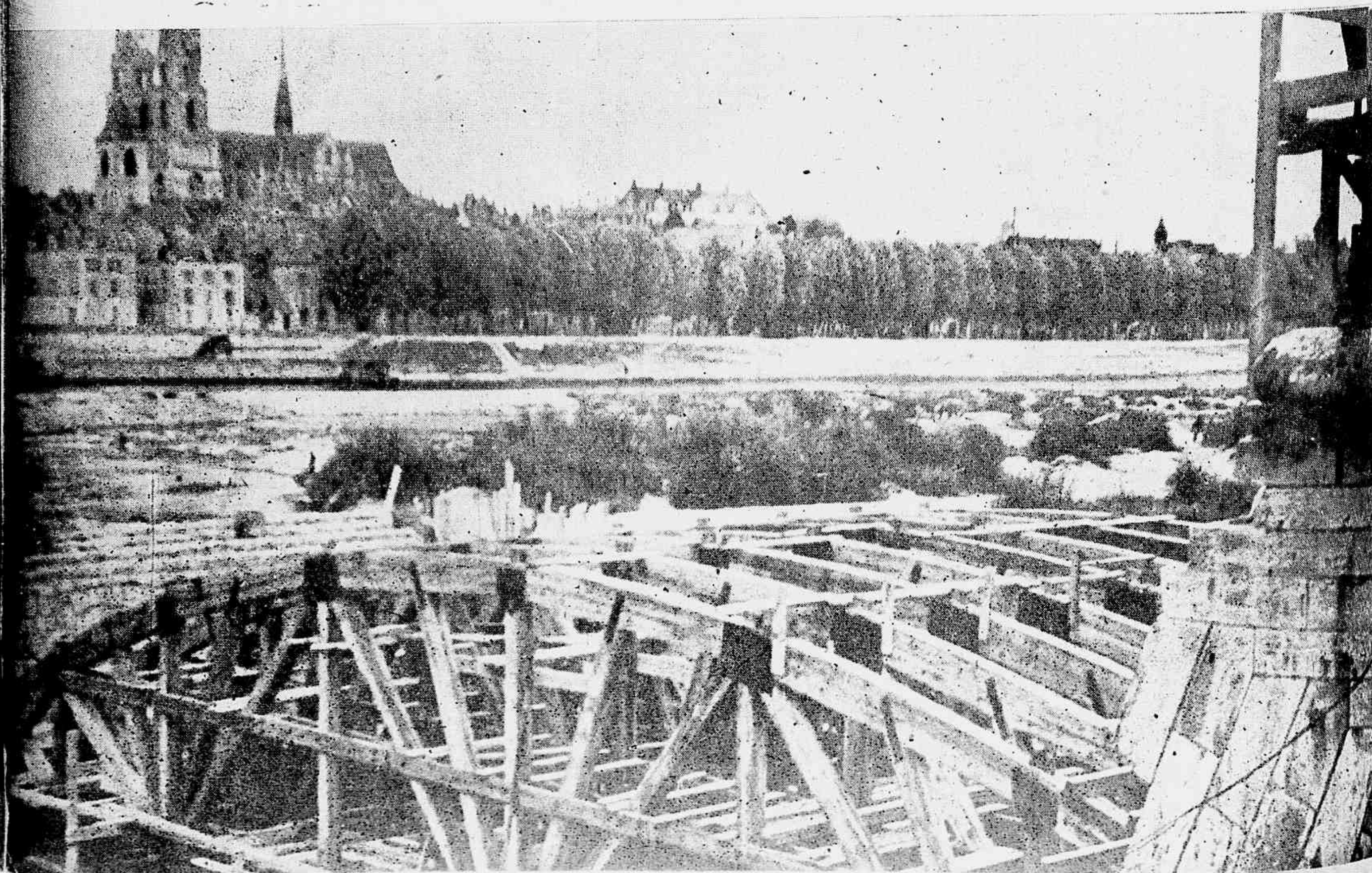
A FRANÇA DE APÓS - GUERRA

Muitas coisas faltam na França. Faltam, também, o meio de recriá-las. Faltam os habitantes de uma aldeia, florestas inteiras, assim como coisas infinitamente pequenas e insubstituíveis. A cidade de Nevers está mutiladíssima; Orléans, Avignon, apresentam graves ferimentos; a Normandia parece um museu de regiões devastadas. Aqui, é o século XIV que sofreu; ali, é o XVIII. A direita, falta uma ponte; à esquerda, desapareceu um campanário. Macon tem sua estação de estrada de ferro em frangalhos;

a de Montellier ainda clerece, aos viajantes, o espetáculo de um trem blindado alemão semi-destruído, semelhante a um animal pre-histórico. No alto de uma colina, depora-se um cemitério americano entre as terras lavradas.

Dijon e Besançon não têm mais estação ferroviária. No Doubs, pontes romanas desapareceram, dias antes da Libertação. A Alsácia está coberta de cicatrizes. Gerardmer, estação balneária, não mais existe, assim como Coen, Brest e Oradour.

Uma vista da carcassa em madeira da ponte Royal de Orleans, construída em substituição à ponte de Orleans, destruída pelos bombardeios. Árvores decepadas, campanários decapitados, pontes destruídas, todas essas tristes visões que a devastação deixou, esses campos cheios de horribes crateras, sofrem como seres humanos abandonados sob o céu. Mas, se faltam janelas, portas, se as estações ferroviárias parecem ter-se volatilizado, viaja-se facilmente através das ideias da poesia...





A guerra e seus bombardeios destruiu um grande numero de imoveis, em todos os paises atingidos pelas suas consequencias tragicas. Aqui vemos a que ficou reduzida a Praça do Hotel de Ville em Beauvais, na França, com as barracas onde se instalaram os comerciantes cujas lojas foram sinistradas. Por aqui passaram os vândalos nazistas e dali foram escorraçados quando mais acreditavam terem creado raízes. Beauvais é um dos primeiros pontos restaurados em terra francesa.

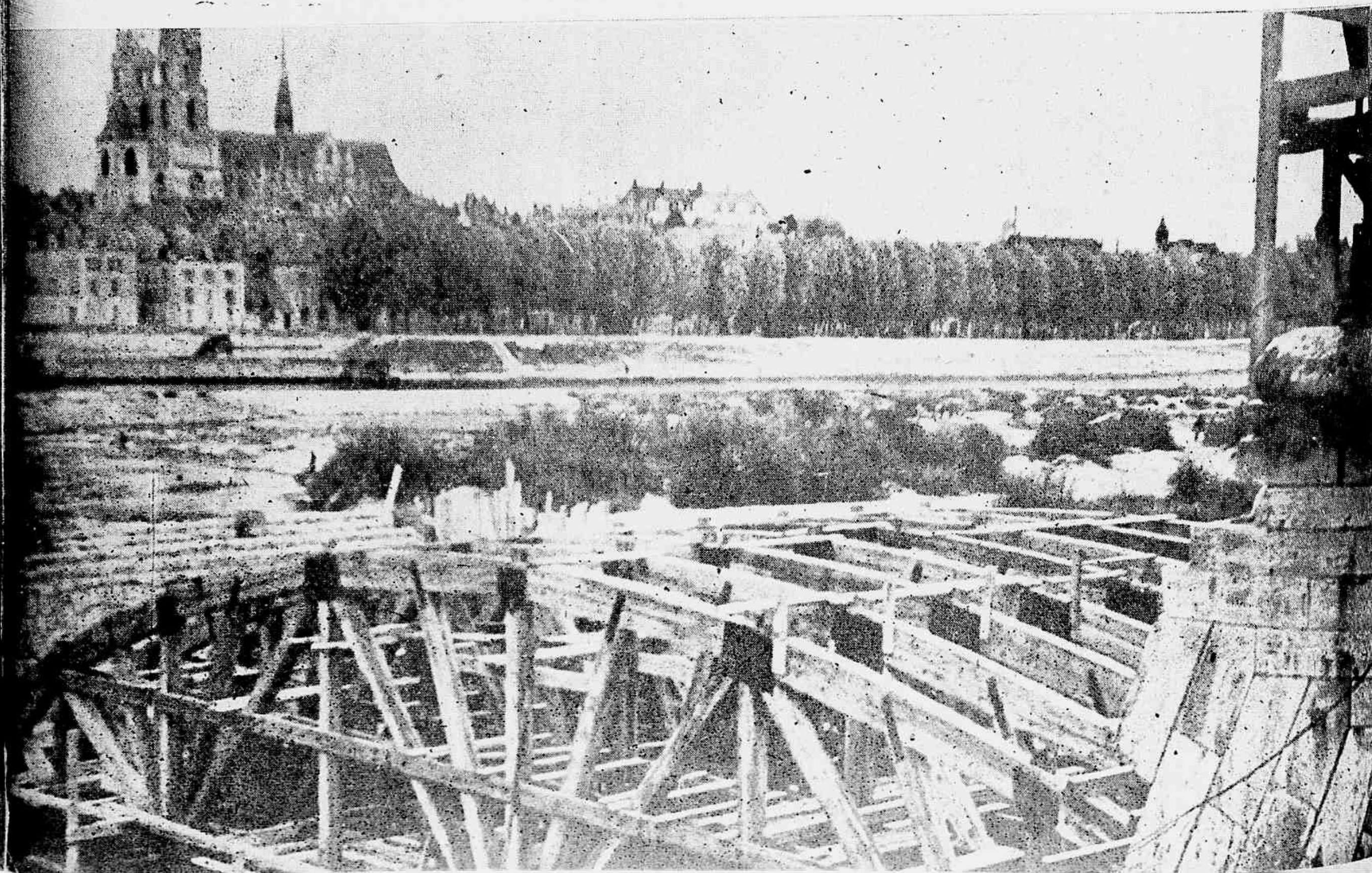
A FRANÇA DE APÓS - GUERRA

Muitas coisas faltam na França. Faltam, também, o meio de refazê-las. Faltam os habitantes de uma aldeia, florestas inteiras, assim como coisas infinitamente pequenas e insubstituíveis. A cidade de Nevers está mutiladíssima; Orléans, Avignon, apresentam graves ferimentos; a Normandia parece um museu de regiões devastadas. Aqui, é o século XIV que sofreu; ali, é o XVIII. A' direita, falta uma ponte; à esquerda, desapareceu um campanário. Macon tem sua estação de estrada de ferro em frangalhos;

a de Montellimar ainda oferece, aos viajantes, o espetáculo de um trem blindado alemão semi-destruído, semelhante a um animal pre-histórico. No alto de uma colina, depara-se-nos um cemitério americano entre as terras lavradas.

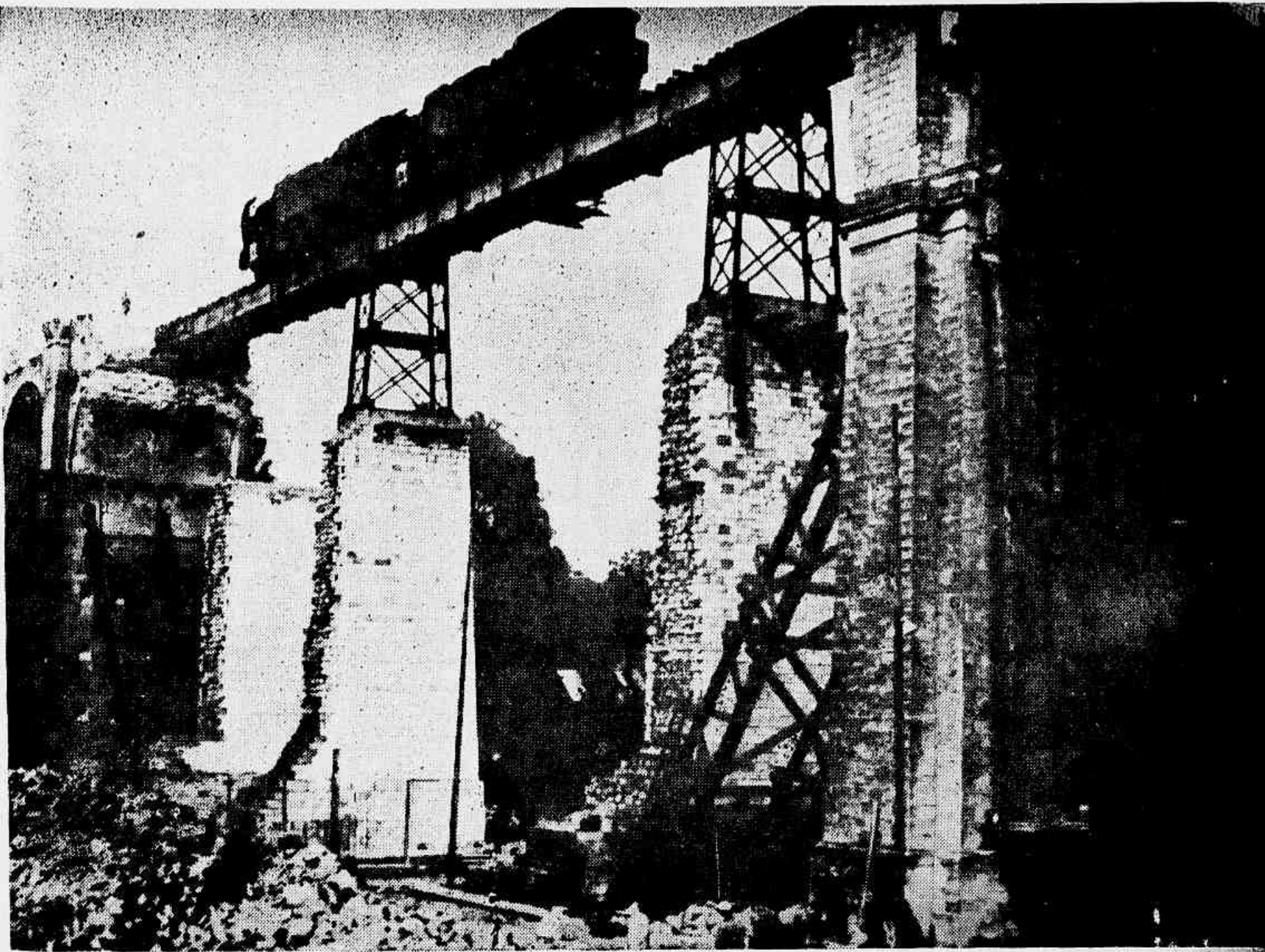
Dijon e Esmarçon não têm mais estação ferroviária. No Doubs, pontes romanas desapareceram, dias antes da Libertação. A Alsácia está coberta de cicatrizes. Gerardmer, estação balneária, não mais existe, assim como Caen, Brest e Oradour.

Uma vista da carcassa em madeira da ponte Royal de Orleans, construída em substituição à ponte de Orleans, destruída pelos bombardeios. Árvores decepadas, campanários decapitados, pontes destruídas, todas essas tristes visões que a devastação deixou, esses campos cheios de horribéis crateras, sofrem como seres humanos abandonados sob o céu. Mas, se faltam janelas, portas, se as estações ferroviárias parecem ter-se volatilizado, viaja-se facilmente através das ideias da poesia...



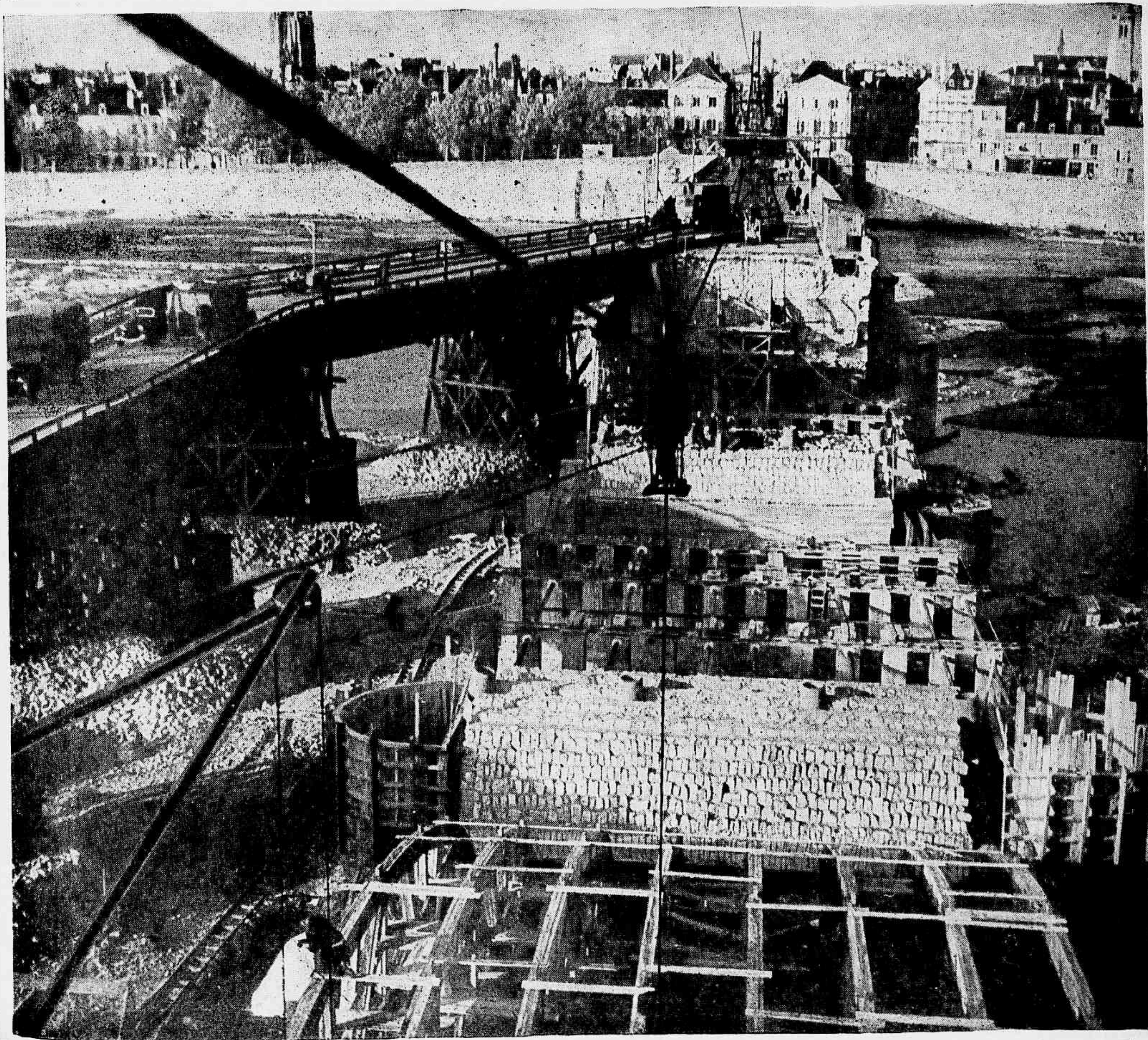
Entretanto, apesar de todas essas chagas e feridas o turismo ainda é possível e oferece encantos. Os que quiserem hoje viajar através da França, a verão melhor do que outrora, como se fosse de muito mais perto. A cada momento, serão forçados a utilizar suas faculdades de observação, consultar a memória, reviver emoções. Percorrer nossas estradas, através do que procura renascer, é, não somente reconfortar-nos, como também compreender-nos, é sentir ser preciso opôr-se ao retôrno do flagelo.

As árvores decepadas, os campanários decapitados as pontes destruídas, todas essas aldeias que a devastação esmagou, esses campos cheios de horríveis crateras sofrem como se fossem seres humanos abandonados sob o céu. Um viajante traz sempre às terras massacradas o perfume ou a saudação das terras que foram poupadas. Qual de nós, nos belos tempos do turismo, não teve a impressão, ao demorar um pouco conversando, de penetrar na intimidade de uma região, de conhecer melhor algumas famílias humanas, de participar duma fraternidade que se sentia necessário manter se se quisesse subtrair o mundo a sombrios perigos sempre ameaçadores! Essas impressões se transformam hoje em sentimento. A França, sem dúvida, não convida ninguém à sua cabeceira de convalescente: mas sente-se feliz em mostrar suas riquezas, prodigiosamente variadas, inatingíveis, que vão da classe camponesa às elites, conforme o mostrou, com talento, um grande amigo nosso: o sr. Ventura Garcia Calderón, ministro do Perú e membro da Academia Real da Bélgica. Se faltam janelas, portas, se as estações ferroviárias às vezes parecem ter-se volatilizado, se tudo parece difícil, pode-se, entretanto, viajar facilmente através das idéias da poesia, da arte e da ciência francesas. E que encantos encontraremos a cada passo!



Experiências afim de provar a resistencia do Viaduto de Chantilly, presentemente restabelecido e que muito breve permitirá a retomada do tráfico ferroviario francês. Els aqui locomotivas de ensaio provando a resistencia do viaduto. Todo esse setor foi violentamente afetado pelos bombardeiros, no rigôr da guerra, mas não tardará muito que os turistas ali voltem a encontrar os encantos, a poesia e o pitoresco das paisagens antigas, tudo em perfeita ordem.

Um dos mais graves estragos causados pela guerra em França, foi sem duvida a destruição da Ponte de Orleans, importante meio de transporte no setor das rêdes francêsas. Iniciou-se agora sua reconstrução. Uma vêz ajustadas as carcassas, dentro em pouco levantar-se-á a magnifica Ponte Royal de Orleans, para maior encantamento dos habitantes visinhos e para delicia dos itinerantes. A Ponte Royal era famosa, constituindo um dos monumentos do lugar.





— Ora, muito bem, pelo que estou vendo o meu amigo voltou a sofrer de insônia!

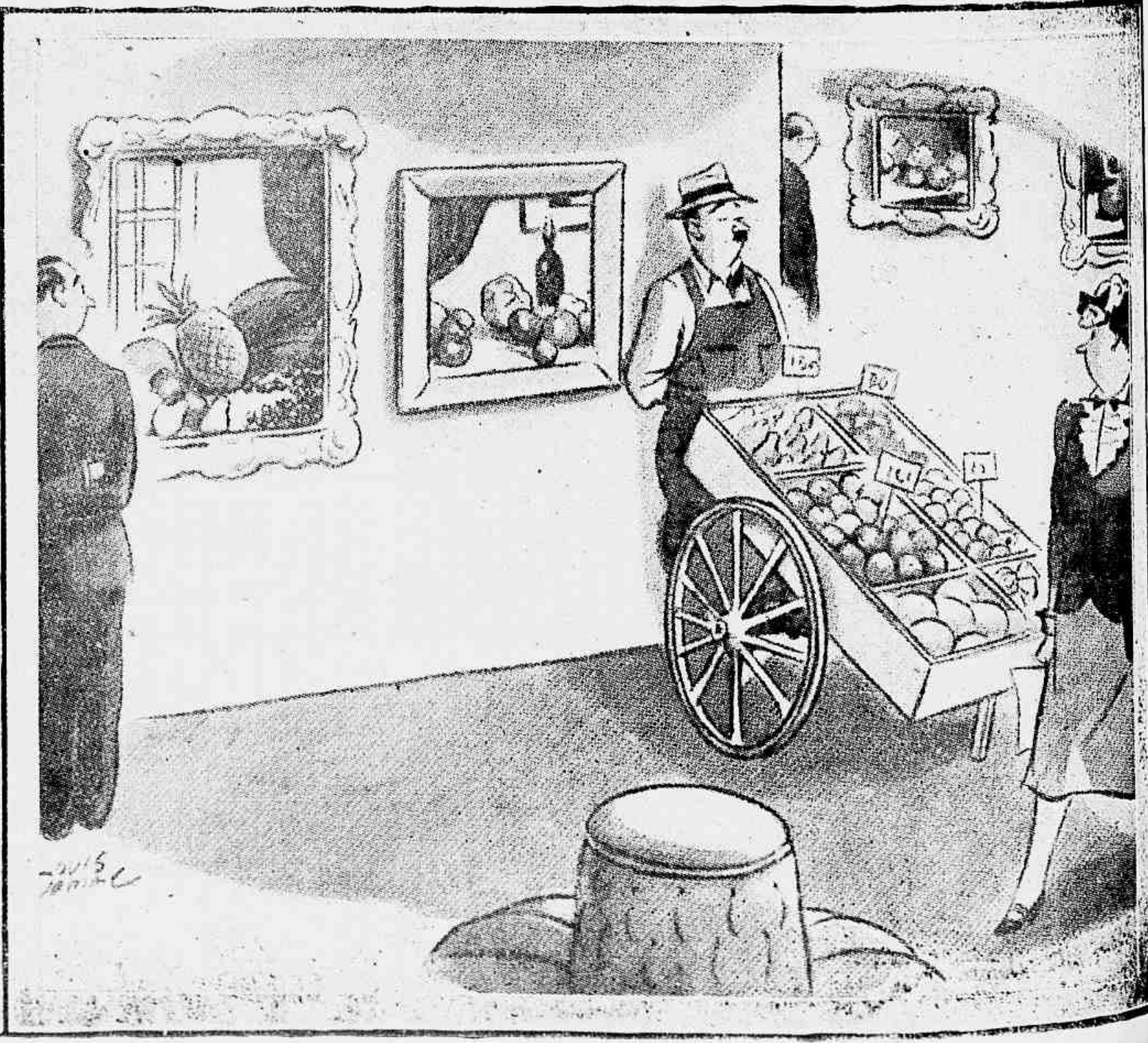
★ DE BOM HUMOR ★

20



— Agora, liberto! O ratinho vai sair agora... Força!

LEO GARBEL



LUIS J. J.

S E
do, ass
tidade
aconte
famoso
trou-lh
está. I
fume,
mente
nesco
lhe pel
pancad
e fê-lo
te. Po
nhas d
momen
se trat
se o i
ele, sin
gava o
se este
da car
tarde
vosa e
de res
se par
no nar
cido e
mente
curati
contin
bstitui
ramen
cia'me
ar frá
precár
cul'os.
forma
co'her
mo. e
El
Enc
indica
— C
Mas
ser un
pretou
dos a
mostr
mal-h
o digi
cos. A
ela p
ele d
lenço
vê-la
—
culpa
—
—
—
—
—
achei
lenta
—
—
E v
gada,

SERIA difícil encontrar u'a maneira menos romantica de apaixonar-se. Contudo, assim foi e manda a honestidade relatar os fatos como eles aconteceram e não cobertos pelo famoso "véu da fantasia". Encontrou-lhe o amor pelo nariz: aí está. Não foi sob forma de perfume, entretanto, o que certamente traria maior sabor romanesco ao caso. O amor entrou-lhe pelo nariz com uma violenta pancada que quebrou um osso e fê-lo sangrar abundantemente. Podemos, até, citar testemunhas do fato. Evidentemente, no momento, ninguém cogitou que se tratasse de amor, mas foi esse o inevitável resultado, pois ele, simples "caddy", que carregava os bastões de golf, sentiu-se estonteado diante da beleza da campeã. E ela, percebendo tarde de mais que estava nervosa e amedrontada, num jogo de responsabilidade, preparou-se para acertar a bola e acertou no nariz do rapaz que embevecido contemplava-a. Imediatamente, ele foi levado para um curativo urgente e a partida continuou, depois de uma substituição. Mas e'a ficou sinceramente impressionada, especialmente porque notara nele o ar frágil de quem goza de saúde precária e ela tinha bons músculos. Mandou procurá-lo e informaram-lhe de que ele se recolhera. Morava no club mesmo, em cima das cocheiras.

Ela fez questão de ir lá.

Encaminhou-se para o lugar indicado e chamou:

— O' você aí!

Mas não houve resposta a não ser um grunhido que ela interpretou como provindo de um dos animais, porem a repetição mostrou que se tratava de animal-homem — segundo Darwin, o digno descendente dos macacos. Justamente aquele a quem ela procurava. Minutos depois ele descia as escadas com um lenço encostado ao nariz. E, ao vê-la porem parou:

— Ah... E' você.

— Sim. Eu vim pedir desculpas.

— Não foi nada.

— Deixe ver.

— Não.

— Está zangado?

— Não. Mas confesso que achei a carícia um tanto violenta.

— Já lhe pedi desculpas.

— Está desculpada. Até logo.

E voltou-lhe as costas. Zangada, sentindo que não soubera

desincumbir-se de sua missão, ela afastou-se.

— Rapazinho impertinente!

Mas da próxima vez que lá foi procurou-o entre os "caddies". Ele estava conversando, num grupo. Ao vê-la aproximar-se, e.e parou de falar.

— Preciso de um "caddy", — disse ela.

Imediatamente muitos avançaram.

— Você aí, disse e'a.

E e'e, sem pestanejar.

— Sinto muito. Estou ocupado.

Ela retirou-se, sem ter jogado.

Mas, terminou descobrindo o ponto fraco de'e. Interessava-lhe menos o golf do que as corridas de cavalos. Era por isso, que ele morava ali sobre a cocheira, porque, nas horas vagas



treinava para jóquei. Ela arranjou com o diretor do clube que o encarregasse de serviço mais agradável. E ele da próxima vez que a viu, foi forçado a agradecer-lhe. Um tanto ou quanto desageitado ele aproximou-se e disse:

— Obrigado pelo negócio.

— Que negócio?

— O negócio dos cavalos.

— Não sei de nada.

— O' com quatrocentos milhões de diabos! Não foi você

quem pediu a ele que me desse esse serviço?

De repente, eles estavam se encarando e ela começou a rir.

— Você fica engraçado quando se zanda!

E, sem saber por que, ele estava rindo também. Sentia-se feliz, despreocupado, só porque ela estava ali na sua frente, rindo sadicamente.

— Mas foi uma pancada e tanto, disse ele depois.

Ela perguntou:

— Você sofreu muito?

— Quebrou um osso... Olhe, meu nariz agora é como borraça.

Ela tocou levemente no nariz. Depois murmurou:

— Eu... eu não sei como desculpar-me... Ele sorriu:

— Não tem importancia. Agora pode bater à vontade que eu nem sinto mais.

E mudando de tom:

(Continua na pág. 47)

A CAMPEÃ

Conto de
JOHN FARROW

UMA VISITA AOS ESTÚDIOS DE WALT DISNEY

OS FENÔMENOS SOCIAIS DO APÓS-GUERRA E O SENTIDO ESPIRITUAL DO DESENHO ANIMADO

WALT DISNEY RECORDA SEUS TEMPOS DE VENDEDOR DE JORNAIS — COMO SE FAZ UM DESENHO ANIMADO EM CÔRES — HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS, CAPAZES DE DIVERTIR OS ADULTOS — A NEUTRALIDADE DOS DESENHOS EM FACE DAS CONTROVERSÍAS POLÍTICAS E SOCIAIS

Por CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA aos EE.UU.)

A primeira profissão de Walt Disney foi a de vendedor de jornais. Aos nove anos de idade, era essa realmente a sua primeira aventura comercial. Levantava-se o garoto Walt às quatro da madrugada e lá ia, mesmo no rigôr do inverno, fazer a distribuição das gazetas aos assinantes de sua cidade natal, Chicago, Estado de Illinois. Voltava para casa horas depois, tomava o seu café com crême e ia para a escola, mas à tarde repetia a tarefa, entregando de porta em porta, um vespertino, para reforçar o "pão de cada dia".

Essas recordações da meninice do "pai" de Camondongo Mickey, éle mesmo as faz, durante um almoço que nos oferece no restaurante de seus estúdios e na presença de Aloisio Oliveira e Gilberto Souto. Na verdade, Walt Disney nasceu para desenhista:

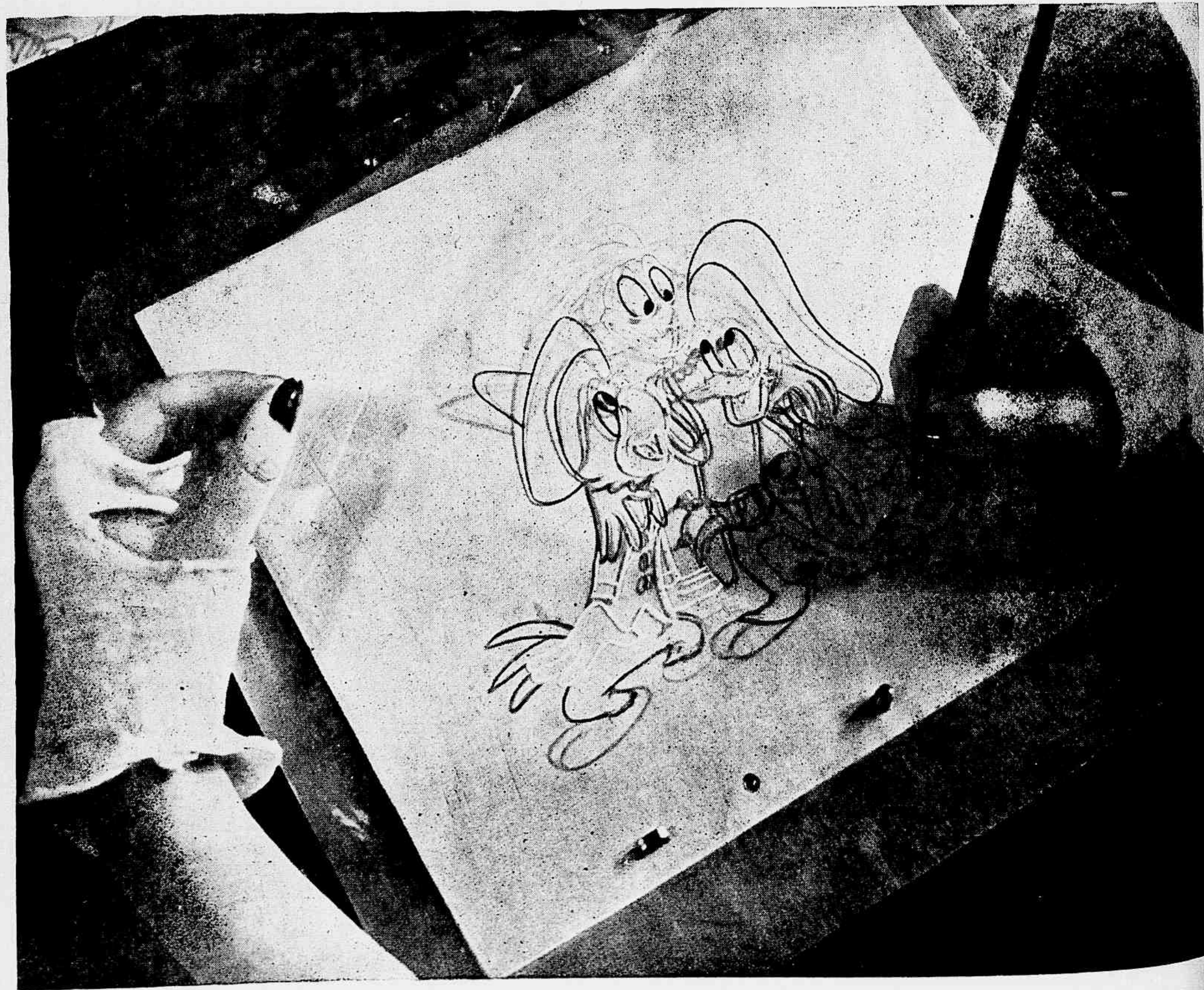
— Desde garoto minha distração maior éra traçar garatuja em qualquer pedaço de pa-

pel que me caía nas mãos — diz-nos agora: Mas foi já rapazinho, matriculado no ginásio McKinley, na cidade de Chicago, que comecei a interessar-me pela fotografia. A combinação d'esses dois setôres, desenho e fotografia, mais tarde realmente me conduziram ao desenho animado. Não me esqueço, antes, evoco com saudade e poesia, o meu primeiro emprego "de verdade", como vendedor de jornais e revistas nos trens que fazem o percurso entre Chicago e Kansas... Isso no ano de 1917, quando os EE.UU. acabavam de entrar na guerra. Um ano mais tarde, procurei alistar-me no exercito, mas fui regeitado por ser demasiado m'ço. Demasiado m'ço para pegar no fuzil, quando havia muito tempo eu vivia empenhado na luta do ganha-pão...

Assim mesmo Disney não disistiu porque éle pertence á legião dos grandes teimosos, sempre levando avante um proposito por mais difícil. E enfim, obteve o posto de chofér de

uma ambulancia no "front" francês. Mas quando a guerra terminou, não quiz voltar ao colégio. Empregou-se numa agencia de anuncios em Kansas, especializando-se em desenhos para jornais de agricultura, com circulação entre os fazendeiros do Estado. Mas o emprego não durou muito e, em breve, Disney via-se sem trabalho. Resolveu agir por conta propria, mandando às favas os patrões. Durante algum tempo conseguiu varias encomendas de desenhos, o que lhe dava, quando muito, para viver, depois aceitou o lugar de caricaturista numa companhia que fazia anuncios por meio de chapas projetadoras durante os intervalos dos cinemas. Seu interesse pelo desenho animado, já então o perseguia, e assim, nas horas vagas, trabalhando arduamente, éle conseguiu realizar um filme, apenas com uma centena de metros. Nêle fez caricaturas de incidentes e aspectos da vida de Kansas, vendendo a novidade a al-

MAOS FEMININAS COLABORANDO NOS DESENHOS ANIMADOS — Dezenas de experimentadas desenhistas, que se especialisaram na distribuição das côres, traçavam no Departamento de Pintura. Trata-se de uma função delicada e muito apropriada para as mãos femininas que dela se incumbem. Os desenhos são feitos — os contornos — em fôlhas de celuloide, que as m'ças depois enchem com os respectivos matizes coloridos, como se pode vêr na gravura. Milhares de fôlhas de celuloide são coloridas, para dar movimento aos animais de Walt Disney, com toda naturalidade. Os "fundos" são desenhados em fôlhas à parte sobre as quais se colocam as figuras, para facilitar a tarefa.





Uma ilustradora explica a Celestino Silveira, o seu delicado trabalho, enquanto vai colorindo uma expressão típica do Pato Donald.

E
DO

CORES
FACE

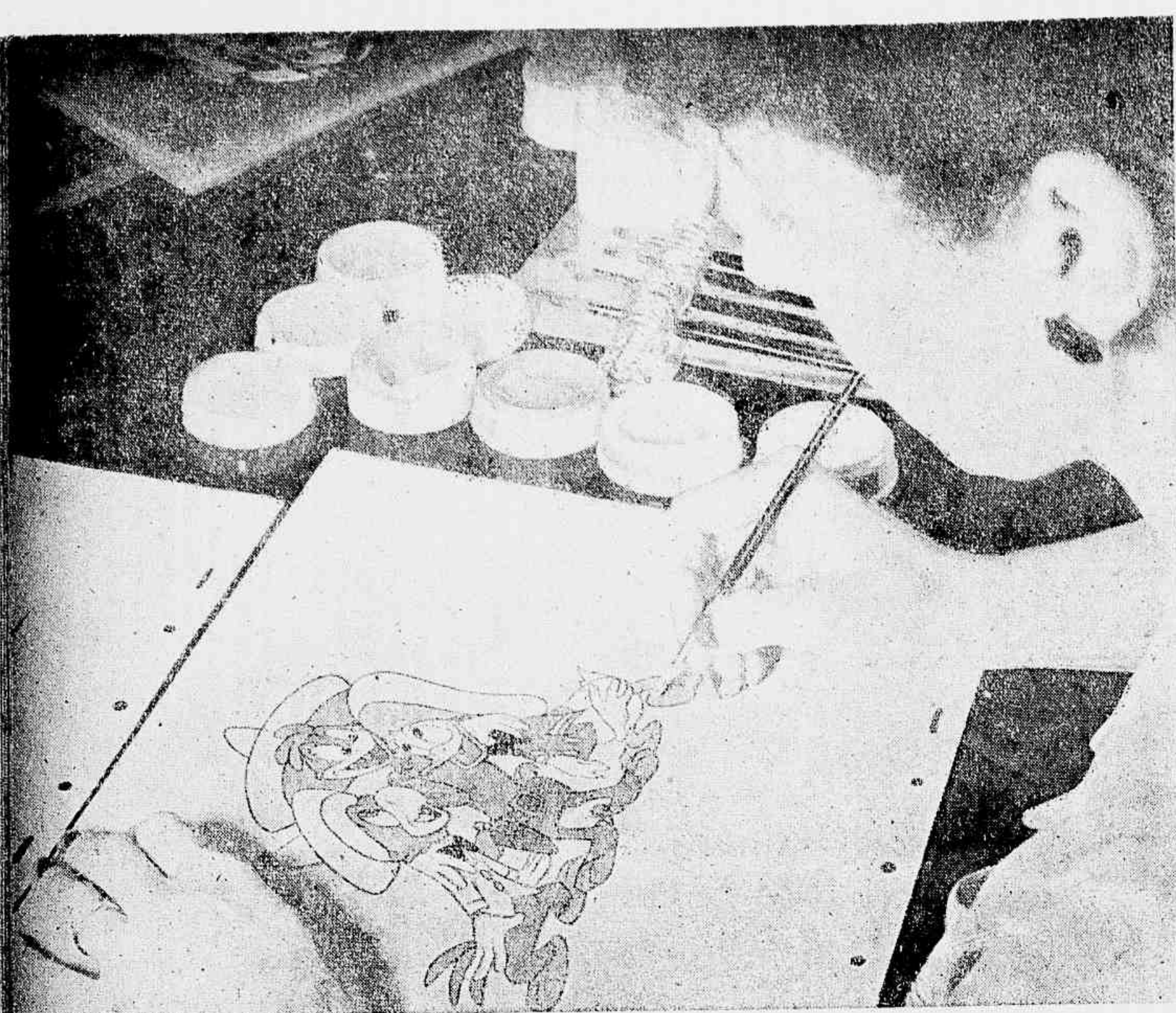
J.)

. Mas
voltar
cia de
se em
om cir-
o. Mas
breve,
eu agir
os pa-
uiu va-
e dava,
eitou o
ia que
rojeta-
eu inte-
o per-
alhando
n filme.
Néle
ctos da
le a al-

ainam no
os — em
para dar
a tarêta.



Uma ilustradora explica a Celestino Silveira, o seu delicado trabalho, enquanto vai colorindo uma expressão típica do Pato Donald.



Onde se vê (em cima), com detalhes, o trabalho de colorir as figuras de um desenho animado. Para a apresentação de cada quadrinho do filme, requer-se o trabalho de inúmeros auxiliares, pois enquanto uns fazem os contornos das figuras, outros se incumbem do cenário ("fundo", ambientes, paisagens, etc.), e as moças encarregam-se das cores. — A preparação das tintas (em baixo). O pigmento de todas as cores é pesado em partes matematicamente calculadas e submetido a processos químicos. Há um completo laboratório nos estúdios de Walt Disney, e alguns anos de experiências foram consumidos antes de se obterem os excelentes resultados dos filmes atuais.



guns cinemas da cidade. Satisfeito com o primeiro resultado dessa tarefa, convidou outros desenhistas e caricaturistas a trabalharem com ele à noite. Passados alguns meses conseguiu fazer um conto de fadas que foi logo vendido a uma companhia de Nova-York. Mas a empresa não tardou a falir...

Sentindo que em Kansas City não poderia avançar muito, decidiu Walt Disney tentar a sorte em Hollywood. No mês de agosto de 1923, chegava à Califórnia e na sua bagagem havia apenas um terno, com algumas camisas, tintas e lapis para desenhos. Nos bolsos, a magra quantia de quarenta dólares.

Seu irmão, Roy Disney, vivia em Hollywood, e com a chegada de Walt, eles formaram uma pequena sociedade. Com o dinheiro de Roy — que continua supervisionando os negócios de Walt — este fez um filme curto e o mandou a Nova-York. Uma empresa distribuidora viu o desenho animado, gostou do serviço e encomendou uma série deles. A encomenda deu-lhes novas forças, entusiasmo e um desejo grande de produzir filmes mais interessantes.

Logo a seguir, Walt — como é chamado na intimidade, pelo pessoal da "casa" — anunciou pelos jornais que precisava de duas moças como assistentes. Dentre as candidatas, escolheu Lillian Bounds, hoje sua esposa. Lillian e Walt casaram-se em meados de 1925. Foi logo em seguida que ele começou a produzir a série do "Coelhinho Osvaldo", com muito agrado, motivo por que pediu ao distribuidor dos filmes mais dinheiro para aumentar o número de seus auxiliares e assim desenvolver a pequena empresa. O distribuidor, homem de mentalidade restrita, negou o auxílio e Walt, vendo-se contrariado em seus propositos, deu por terminado o contrato que tinha com ele. Resolveu trabalhar por conta própria embora enfrentando qualquer adversidade inicial.

Foi por essa época que criou o Camundongo Mickey. Estava o cinema falado em seus primórdios, e assim, ninguém queria dar-se ao trabalho de assistir a um desenho silencioso. Fez então os três primeiros desenhos com música e efeitos sonoros, distribuindo-os por conta própria, contando com o irmão Roy para essa tarefa comercial. O sucesso foi tamanho que ele decidiu sincronizar alguns desenhos anteriormente feitos, e daí em diante, a popularidade de Mickey cresceu de tal maneira que Walt e Roy, acompanhados do seu grupo de artistas, viram-se forçados a mudar para um estúdio mais espaçoso.

— Em 1933 tínhamos cem auxiliares — recorda Walt.

— E hoje?

— Ao todo, para cima de mil.

Ha seis anos passados, o estúdio de Walt Disney ocupava um grande terreno onde foram levantados edificios modernos, confortáveis e espaçosos. Hoje eles são incontestavelmente os mais completos no gênero, orgulhando-se Walt de ter sido um pioneiro na arte-industria do desenho animado. Foi ele quem fez o primeiro desenho sonoro, o primeiro desenho em technicolor, o primeiro com a fusão de elementos humanos e os bonecos. E agora mesmo prepara outras inovações, porque na sua "casa", não se descansa. Há sempre em funcionamento o setor das experiências.

Tem o casal Disney duas filhas, Diane e Sharon. A família vive numa linda residência, estilo provençal francês, a curta distância do estúdio. Além de Roy, conta Walt Disney com três irmãos mais velhos e uma irmã caçula. O passatempo favorito do "pai" de Pato Donald consiste em jogar "badminton" e... ir ao cinema. É fan de todos os astros em evidencia e coleciona autografos, apesar das quarentas e cinco primavéras que vai completar no próximo dia 5 de dezembro.

Veja inform se faz, confec fi'me d colha d e a seg sonage um gr função encont rietas suger param bôcos, filme e e plan a histo finidos depart longa cias pe tores. harmo Cada go fic e o ec vêz. te rias fa partan anima aos pe dos es encarr se me

Artistas "atelier madore

Vejamos agora, guiando-nos ainda pelos informes do estúdio e do próprio Walt, como se faz, ali dentro um desenho animado. Essa confecção é mais complicada que a de um filme comum. O primeiro passo reside na escolha de uma história adaptável a esse gênero: e a seguir, no desenvolvimento de seus personagens. Para esse fim, mantém o estúdio um grupo de escritores especializados, cuja função é rebuscar o campo da literatura até encontrar um assunto ideal; escrever histórias diretamente para o cinema ou, ainda, sugerir apenas uma idéia interessante. Preparam então os desenhistas uma série de esboços, ilustrando as diversas sequências do filme em projeto, criando vários personagens e planejando a ação e o movimento. Logo que a história seja aprovada, e os personagens definidos, o filme está pronto a seguir para o departamento dos diretores. Cada filme de longa metragem divide-se em várias sequências por sua vez entregues a diversos diretores. Estes trabalham de perfeito acordo, harmonizando assim o trabalho comum.

Cada diretor tem um assistente, a cujo cargo ficam o trabalho de gravação do diálogo e o corte das cenas. O assistente, por sua vez, tem um auxiliar que se encarrega de várias fases mecânicas do trabalho. Cada departamento de diretores inclui um grupo de animadores, que dão movimento às cenas e aos personagens; alguns desenhistas, a cargo dos esboços; realizadores de cenas e artistas encarregados dos "fundos" em que as figuras se mexem. Os realizadores das cenas plane-

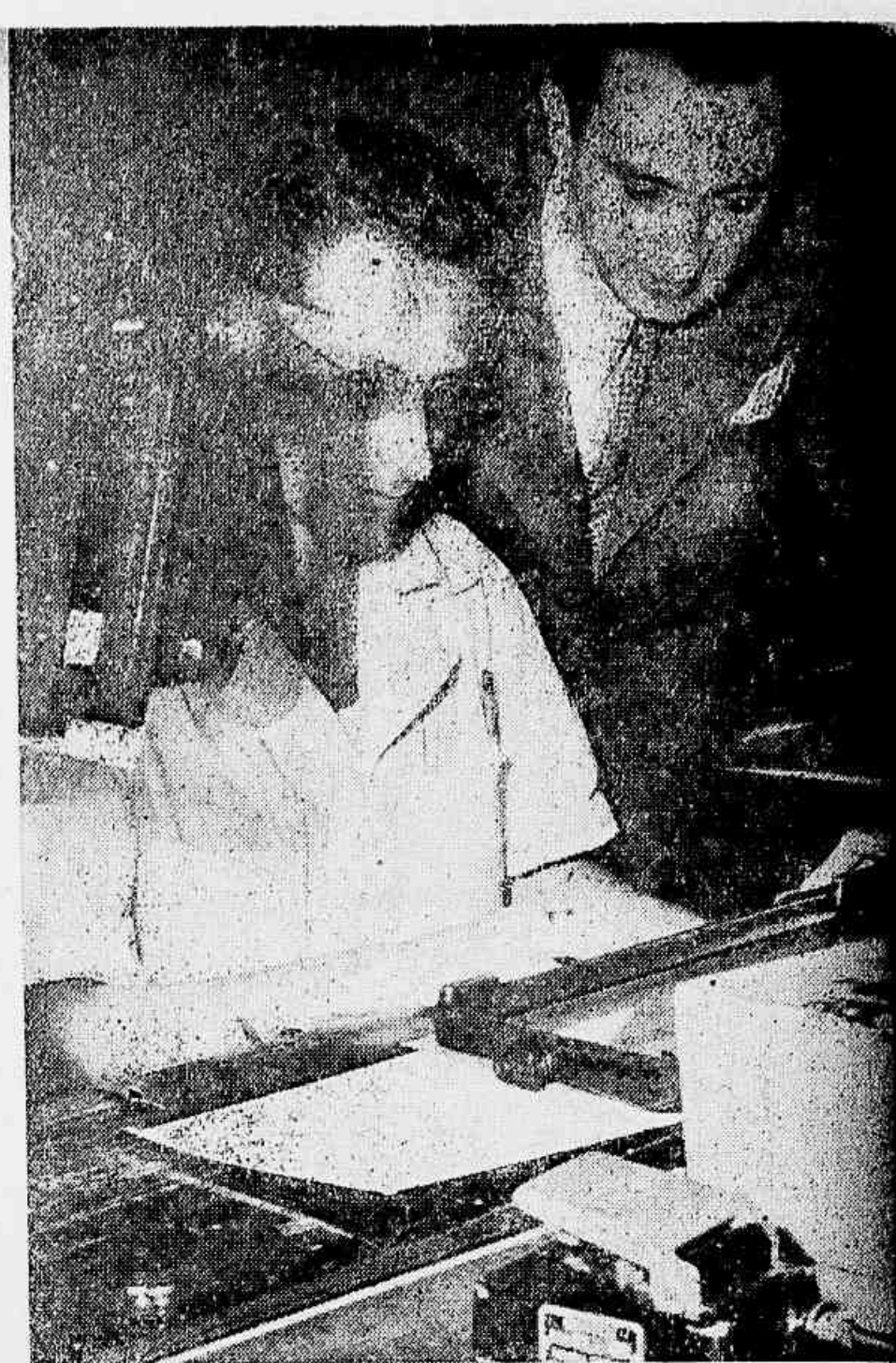
jam o ambiente, as situações dramáticas ou cômicas, imaginam os ângulos da máquina, o modo pelo qual a cena deve ser mostrada na tela, e colaboram ainda com os animadores, a fim de que estes saibam exatamente onde seus personagens irão mover-se.

O animador só começa a desenhar a ação e o movimento depois que os "fundos" estão terminados, assim como depois que o diálogo, os efeitos sonoros e a música foram gravados. Tem ainda que prestar muita atenção às cenas planejadas, evitando que os personagens fiquem fora de proporção como os "fundos" e cenários.

Os desenhos são traçados em folhas de celuloide transparente e não em papel, depois sobrepostos uns aos outros. Depois que o diálogo foi gravado, o filme vai para o departamento do corte. Ali, um técnico mede o número de quadrinhos de filme que cada palavra leva para ser enunciada. O tamanho de cada palavra é medido em tantos quadros de filme; os intervalos entre uma palavra e outra, as pausas, as inspirações e expirações, descritas cuidadosamente numa folha de papel. Se, por exemplo, Zé carioca diz: "Como vai você, Donald?", o cortador marca o número exato de quadrinhos de filme que essas quatro palavras requerem. Assim, o animador, examinando as indicações do cortador, pode animar o Papagaio de tal modo que a sincronização sairá perfeita. O movimento do corpo, os gestos das mãos, pés ou braços; a expressão dos olhos, tudo enfim é levado em conta pelo animador para maior ênfase do diálogo. Os

A tarefa de fotografar os desenhos, um por um, é das mais delicadas e por isso confiada a "experts" de absoluta confiança. Os cenários de "fundo" são desenhados em longas extensões, podendo movimentar-se em todas as direções, de acordo com as necessidades da ação da história. Também o processo da filmagem em super-posição é adotado na preparação de uma película desse gênero.

Artistas de todos os gêneros, pintores de todas as escolas, paisagistas e técnicos na distribuição das matizes, encontram nesse estúdio largo ensejo para trabalhar. Verdadeiros "ateliers" de inspiração, ali eles trabalham sem compromisso de produção por tarefa, levando-se mais em conta a qualidade que a quantidade. Nesse departamento, não há animadores nem caricaturistas, mas autênticos maneiradores do pincel. São eles que emprestam um cunho mais pronunciado de arte pictórica aos filmes no estilo de "Fantasia" e "Você já foi à Bahia". Nesse momento, a "equipe" de Disney preparava cenários para "Música, maestro!".



movimentos e atitudes do personagem são decididos pelo diretor, pelo animador e, muitas vezes, pelo próprio Walt Disney.

O animador trabalha numa mesa de vidro, iluminada por baixo. Isso facilita a tarefa, porque um desenho é sobreposto a outro e, dêsse modo, ele pode apreciar rapidamente a variação ligeira que cada desenho deve oferecer. Quando a série de desenhos terminou, a pilha vai para o departamento de provas, onde cada um é fotografado. O animador passa essa prova em conjunto numa pequena máquina de projeções, examinando atentamente si o movimento é natural ou não. Aprovado esse material, segue para a seção de Traço e Pintura, onde os desenhos são decalcados ou traçados em folhas de celuloide, marcando-se com extrema cautela o contorno de cada personagem.

Logo após, a pintura é aplicada; isto é feito nas costas do desenho, afim de que as linhas em preto que contornam as figuras possam aparecer bem definidas na tela. Essas tintas são preparadas no próprio estúdio de Walt Disney, com formulas especiais, obtidas depois de muitas experiências e pesquisas feitas pelos técnicos daquele laboratório. A seção de Tintas tem, catalogadas, para mais de duas mil cores diferentes.

Depois que as folhas de celuloide foram pintadas, passam para a Sala de Fotografia. Cada celuloide é colocado sobre o fundo indicado e, a seguir, fotografado. A metragem diária é aproximadamente de cinco metros por hora. Um filme curto de cerca de tresentos metros (uma parte), leva duas semanas a ser fotografado e empregado, mais ou menos, cerca de quarenta e cinco mil desenhos. Um quadrinho de filme requer, pelo menos, uma combinação de quatro desenhos. Cada trinta e três centímetros de filme reclama dezesseis quadrinhos. O filme passa pelo projetor á razão de aproximadamente trinta metros por minuto.

Depois que um desenho foi fotografado, o processo final é semelhante ao de qualquer

outro filme. As sequências são postas em ordem e o negativo segue ao laboratório para ser copiado. Está pronto então o desenho animado.

★

Três requisitos principais despertaram a nossa atenção nos estúdios de Walt Disney: luz, conforto e limpeza. As salas foram construídas de tal modo que recebem luz direta, por imensas janelas. O chão é coberto por linoleum e não ha cortinas de espécie alguma. Fecham-se as janelas hermeticamente, evitando-se assim a entrada de poeira. O ar entra por encanamentos, renovado continuamente afim de evitar que o cheiro da tinta empregada nos desenhos, perturbe os funcionários. A temperatura e a úmidade dessas salas são controladas cientificamente. O trabalho de Traço e Pintura é feito por moças, e na hora do almoço elas podem descansar em duas grandes salas ou no terraço do prédio, onde existe um restaurant destinado especialmente para essas auxiliares. Nos edificios de Fotografia e Corte, nem sequer linoleum existe. As portas são duplas, isto é, em cada entrada ha um pequeno "hall" separando uma porta da outra. Cada pessoa que entra, passa por um aparelho de ar comprimido que elimina qualquer camada de poeira porventura acumulada em suas roupas. As folhas do celuloide onde os desenhos são pintados, sofrem uma limpeza completa antes de serem fotografadas, passando ainda por um processo científico que elimina também qualquer acumulo de eletricidade estática. A menor particular de pó que se deixasse numa folha de celuloide desenhada, iria reproduzir-se na tela, mais tarde, em dimensões fantásticas, prejudicando a ação do filme.

★

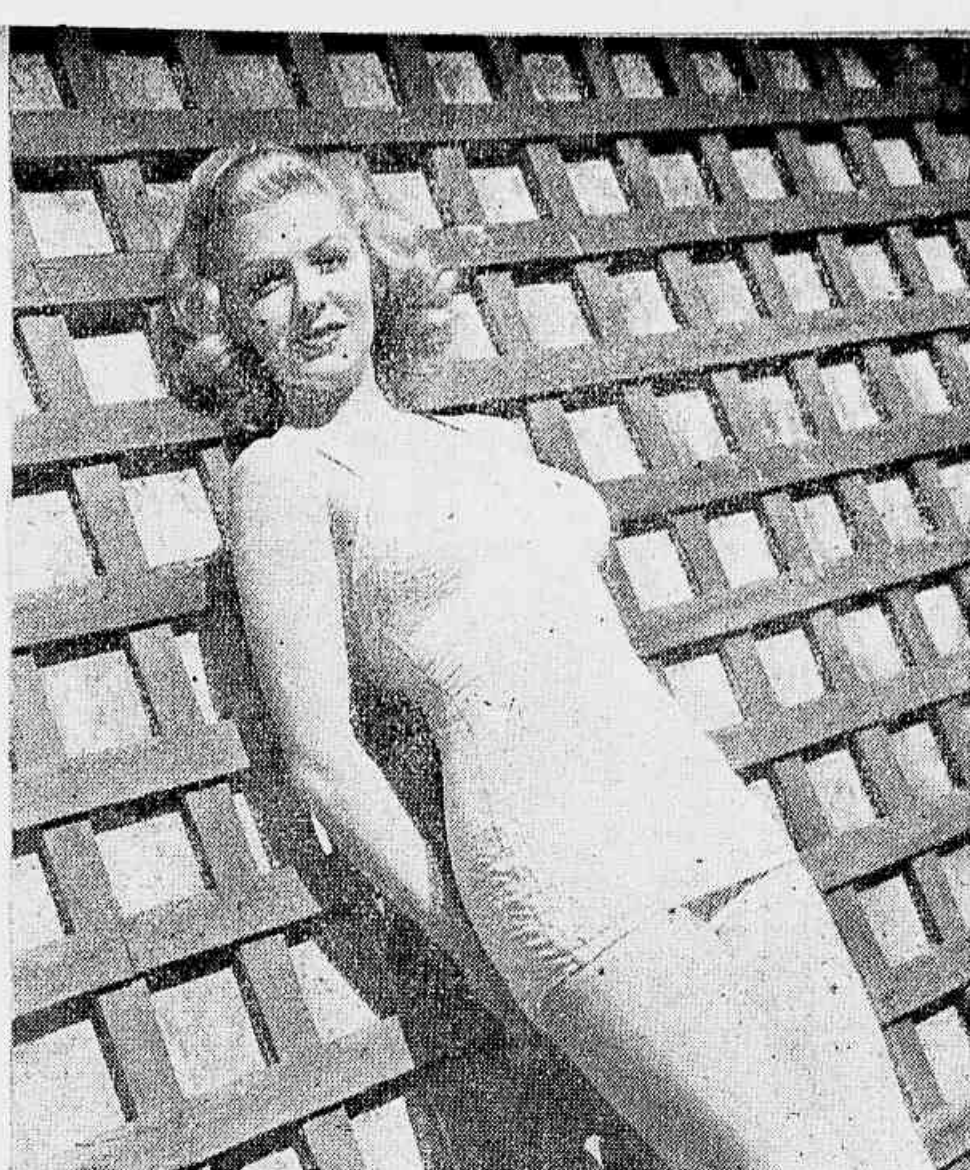
Antes de nos despedirmos de Walt Disney, ainda lhe fazemos algumas derradeiras perguntas. Ele responde:

Continua na página 40.

A "Multiplane Camera" é usada para as tomadas de "close-up", os primeiros planos, que também existem nos desenhos animados. Na gravura, um "cameraman" manejando um vaporizador especial para subtrair a menor parcela de pó porventura acumulado na folha de celuloide que vai ser fotografada em "close-up". A "tomada" de camera é feita em sentido vertical.

Na gravura inferior, pode vê-se melhor a mesma máquina, agora em pleno funcionamento. Ela tem uma altura de cinco metros, localizando-se a objetiva na parte superior e descendo, á distancia necessária, para os flagrantes sucessivos. Ao lado, elementos femininos dão os ultimos retoques na limpeza de cada folha de celuloide antes de submetida á "Multiplane", que é um aparelho famoso, creado dentro dos proprios estúdios de Walt Disney. Todo o material de filmagem é transparente, e a dependencia onde se exerce esse serviço permanece hermeticamente fechada com ventilação artificial.





Maio... Ha uma preferência acentuada dos namorados do mundo inteiro por este mês. E', talvez, em Maio que se realiza o maior número de casamentos, que numerosos sonhos se consumam.

Aqui no Brasil, Maio é o mês das noites claras e bonitas e, nada mais natural que os casais que se amam queiram viver suas primeiras noites de amor nesse mês de céu estrelado e lua cheia.

Para você que se casa em Maio, querida amiguinha, desejo ardentemente toda a felicidade; que os encantos das noites bonitas desse mês perdurem durante todo o ano e que os vendavais de Outubro não perturbem nunca a sua tranquilidade.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Procure basear a sua felicidade na confiança; sem uma confiança mútua não poderá haver felicidade completa; procure, querida amiguinha não se tornar nunca a esposa "cacete" que enche o "queridinho" de um milhão de perguntas quando ele volta para casa desejoso apenas de conforto e carinho. "On-



ALEXIS SMITH (WARNER)

de esteve?", "com quem almoçou?", "por que demorou?", "quem era a "fulaninha" que a "Biluca" viu com você esta tarde?". Tudo isto, só contribuirá para irritar o maridinho e, conseqüentemente vocês terão um jantar frio e uma noite desagradável.

O que você deve fazer é ignorar esses pequeninos fatos, perguntando-lhe apenas se passou bem o dia, ou se os negócios correram de acordo com a sua vontade.

Se ele realmente a ama e se você confia... em si mesma, esteja certa de que seu maridinho será sempre seu e, quanto ao resto, deixe as "candinhas" se expandirem...

KITTY

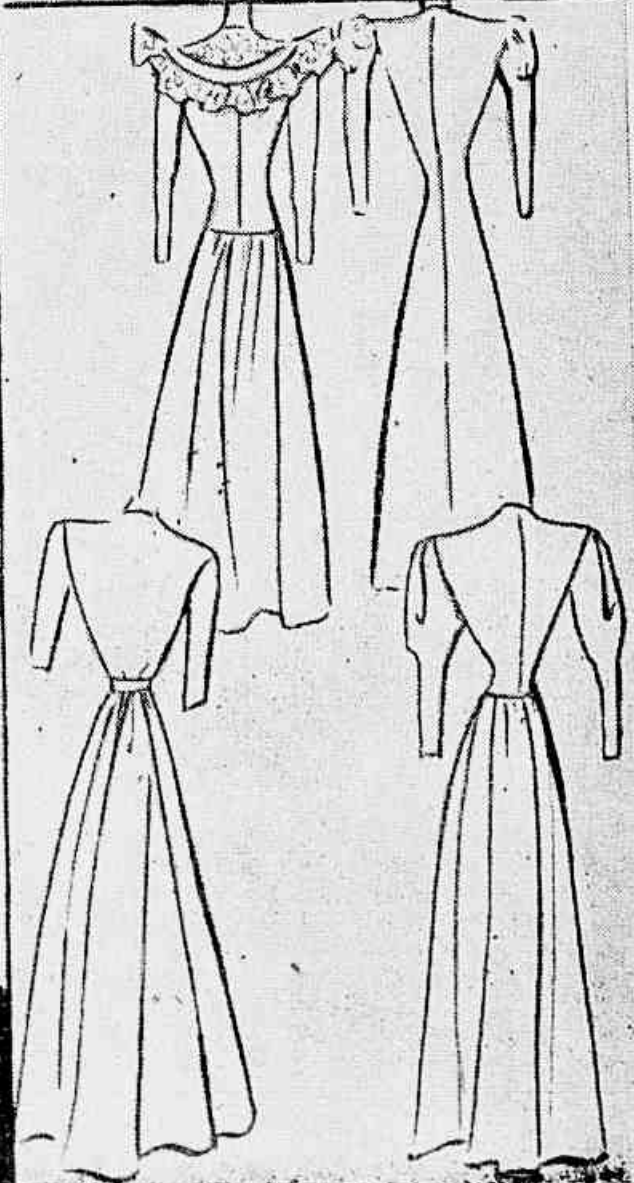


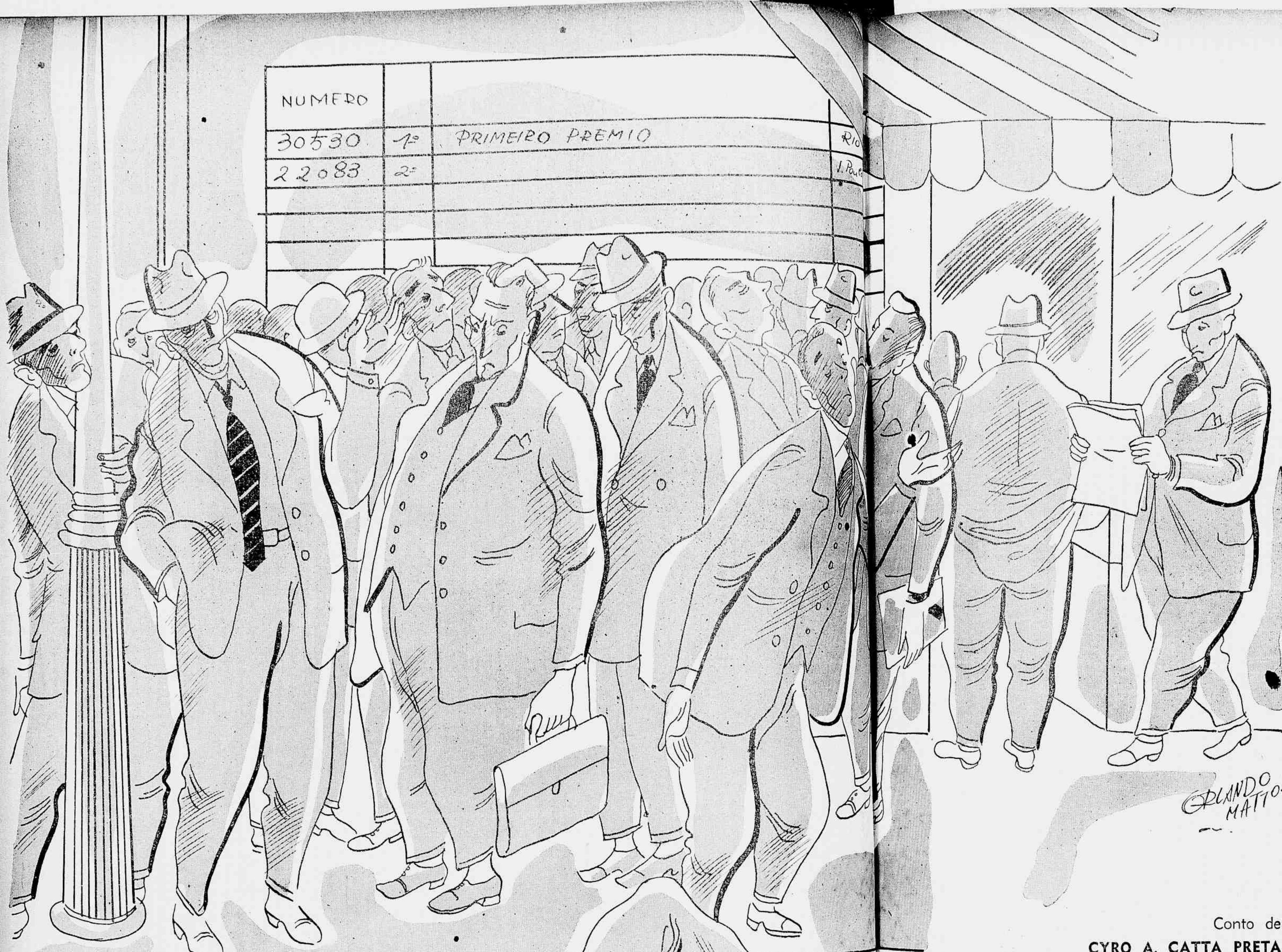


Elegante traje de noiva, usado por Dorothy McGuire, da RKO-Rádio. É feito em "tulle", com aplicações de rendas verdadeiras. No decote e nas mangas, babado plissado, rendas e laços de setim. Também na saia, plissados, um estreito e outro bem mais largo, formando ligeira cauda. Veu de "tulle".

NOIVAS DE MAIO

- 1 — Gracioso modelo em cetim, formando "duas-pegas", com pala e babado de renda. Cauda bastante longa.
- 2 — Modelo original, com recortes pespontados na blusa e na cintura, terminando em laços. Mangas "presunto".
- 3 — Modelo realizado em "faille", bastante moderno, com "festões" na blusa e na saia formando bolsos.
- 4 — De grande simplicidade e elegância é este modelo em "faille". Aplicações da mesma fazenda, mangas "presunto".





Conto de
CYRO A. CATTIA PRETA

Ilustração de
ORLANDO MATOS

Conto classificado no concurso
da "REVISTA DA SEMANA"

algarismo era o resumo de uma série de profecias. Depois aquelas coincidência incríveis! Tudo acontecera de um modo tão extraordinário!

Naquele dia dos acontecimentos, levantara-se quase de madrugada. Era dia de carne no Açougue do Tomás, e ele não possuía lugar reservado na fila. Saira quase correndo de casa, pois um minuto de atraso significaria uma hora a mais de espera. Mas, eis que na travessa da esquina, inesperado, um grande carro lhe surge quase em cima dos olhos. Um pulo rápido para a direita e a voz do chauffeur o atingiu com violência: "Quer morreu, seu burro!" Olhou ferozmente para o auto, e automaticamente guardou o nº da chapa: 3-05-30. Iria dar parte naquele

dia mesmo. Era o cúmulo, escapara por um triz de ser esmagado e aquele bruto ainda o insultava. Estava trêmulo, fervia de indignação, e ninguém aquela hora para testemunhar o fato. Lá estava porem outro desastre, a fila não esperara um instante. Costumava ser sempre o oitavo, e dessa vez teria que resignar-se na coluna dos vinte. Tomou cuidadosamente o seu lugar e começou a refletir, reconstituindo o seu quase acidente. Não esqueceria nunca aquela voz, aquele auto. 3-0-5-3-0. Sentiu algo de estranho naqueles números. Guardara com tanta facilidade, e havia mesmo uma certa familiaridade naqueles algarismos. Mas como! 3-0-5-3-0! Era incrível, precisamente aqueles números, exatamente aqueles! 3-0-5-3-0 repetiu murmurando. Eram aqueles também os números do telefone do escritório onde trabalhava. Era extraordinário, o acontecimento, o imprevisto, e aquela coincidência incrível. Esquecera por completo, a voz, o auto, a fila. 3-0-5-3-0. Nunca dera tanta atenção àqueles números, entretanto, eles estavam ali agora, aureolados na sua imaginação, segredando-lhes aos ouvidos uma infinidade de histórias. Homens que se fizeram milionários do dia para a noite, tudo por causa de um número, de um bilhete. Ele já arriscara em tantos palpites, mas nunca entretanto, conseguira uma sortezinha qualquer. Mas dessa vez, não era possível. Havia algo de misterioso e de incompreensível naquelas coincidências. Não, não era coincidência, era mesmo um aviso. Nunca arriscara comprar um bilhete de loteria, mas dessa vez era preciso, era inevitável, precisava satisfazer sua consciência, precisava tranquilizar sua imaginação. Restava agora encontrar aqueles números. Ah! Ele os encontraria, custasse o que custasse.

Levou um, dois meses a procura ansiosa, e até que afinal um dia, aquele dia, ali estavam eles, entre tantos outros. Era o de maior prêmio, um milhão de cruzeiros. 3-0-5-3-0. Iria correr no sábado, daí a três dias. Ele estava mesmo à sua espera. Adquiriu-o por 120 cruzeiros, era bem puxado, mas enfim! Guardou-o cuidadosamente na gaveta do meio, entre os seus papeis de maior importância. Até hoje não dissera nada em casa. Meditava nos velhos conselhos, dava peso contar aos outros. Era segredo seu, não diria nada, nada a ninguém. E se por acaso lhe falhasse outra vez a sorte, não queria que os outros soubessem que ele havia gasto 120 cruzeiros num bilhete. Iriam achar loucura uma despesa dessas. Uma idiotice. Um desmiolado. Um jogador. Não, ele não diria nada a ninguém. Preferia viver a expectativa sozinho.

3-0-5-3-0. Como seria bom se desse mesmo. Quantos problemas seriam resolvidos. Castelos foram erguidos vertiginosamente. Arranjaria uma pequena digna de se casar com ele... a Alice mesmo seria o seu ideal. Sua mãe deixaria de fazer costura. Ele deixaria aquele empregozinho do escritório. Iria ser chefe... 3-0-5-3-0. Pouco dormira. Seu pensamento oscilava toda a noite entre os 120 cruzeiros e os milhões de felicidades. Pouco pôde trabalhar também. A todo instante, via-se na rua, cercado por uma festiva multidão, e entre seus dedos, como uma bandeira de felicidade, ele agitava sua sorte grande.

Cinco horas. Deixou o escritório e rumou diretamente para o centro da cidade. Lá estava o primeiro placard do resultado do dia. Foi se aproximando lentamente, o coração queria saltar pelos olhos. Lá estava, encabeçando todas as outras séries. Luminoso, fulgurante. 3-0-5-3-0. Lá estavam os seus números, iguais, idênticos, precisamente os seus. Sentiu no ouvido a canção de uma loteria "uma em cada canto da cidade, para encurtar o caminho da felicidade". Ali estava, afinal, o caminho da sua felicidade, a mais dois passos. Não havia dúvida alguma, realizara-se, afinal, o esperado milagre.

3-0-5-3-0. Caminhou alguns metros, trêmulo, quase fora de si e do mundo. Queria gozar sózinho aqueles deliciosos instantes de contemplação. Foi afastando-se lentamente para o meio da rua.

De repente!

Todo mundo testemunhou o fato!

Um afirmou que a vítima lia um jornal distraidamente. Outro disse apenas que se tratava de um ébrio. Era um acontecimento diário na grande metrópole. O corpo esfacelado, encharcado de sangue. Fora milionário cinco minutos. Os números mágicos ficaram jogados, perdidos como um papel qualquer atirados por ali. 3-0-5-3-0.

Veio a polícia, veio a ambulância. Um policial deteve o carro criminoso e anotou simplesmente: chapa nº 3-0-5-3-0.

Sim, havia longos anos que ele vinha guardando com aquela grandiosa esperança. Não acontecera ainda, mas ele tinha certeza absoluta não passaria de amanhã. Amanhã seria seu grande dia. Aqueles números eram os mais belos que ele havia encontrado.

O BILHETE Nº
30530



VAMOS USAR CHAPÉU?

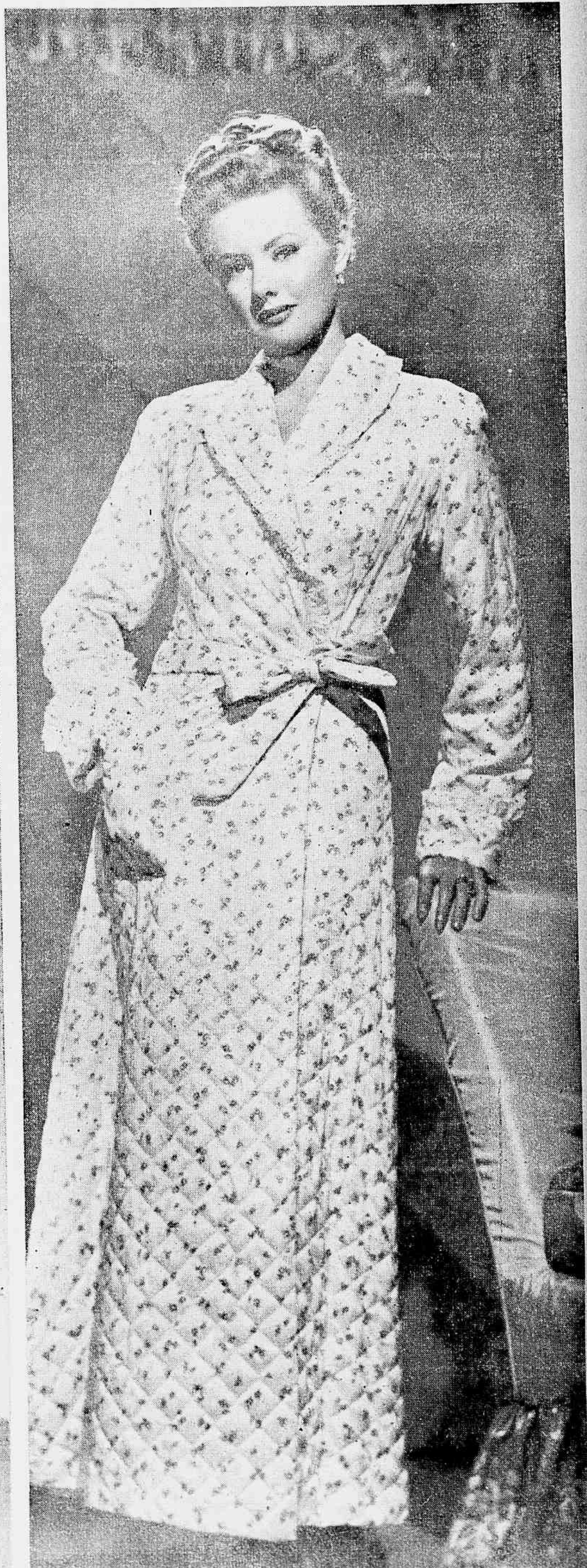
Uma "toilette" de inverno é muito mais "chic" quando tem como complemento um elegante chapéu. Deixemos pois os "cabelos ao vento" para o verão e vamos usar chapéu na temporada que se avizinha. As sugestões aí estão "chegadinhas" de Hollywood.

1 — De volta o "breião". Esses elegantíssimos modelos tão indicados para complementos de "tailleurs" voltam nesta estação. Aqui vemos um apresentado por Dorothy Patrick, da MGM, em feltro mostarda, bordado na aba com "rafta" marrom. Vêtu mar-ron 2 — Em jersey branco é esse vistoso "turban" usado pela graciosa "estreluna" da MGM, Miss Patrick recomenda-o prin-ci-palmente para ser usado com vestido preto. 3 — Elegantíssimo modelo para a noite, confeccionado em feltro rosa séco, aba despendida um retun preto e rom. Vêtu preto com pequenos bordados. 4 — Modelinho esportivo em jersey rosa. Aba virada e pespontada. Também a rep: e pespontada. Grande laço de gorgurão azul marinho.

A ELEGANCIA NA INTIMIDADE

A mulher verdadeiramente elegante deve começar a sua elegância... dentro de casa. Ha "kimonos" e "negliggés" que além de praticos fazem realçar o encanto de uma graciosa figura feminina. Eis aqui algumas sugestões de Hollywood:

1 — Casaco três-quartos próprio para usar em casa, feito em algodão com fundo branco e grandes flôres em cores vivas. O casaco é acolchoado e pespontado em losangos. Usa-o Jane Harker da Warner Bros. 2 — Também de Jane Harker é esse "robe" de setim rosa pálido com pequenina flôres azuis e verdes. Acolchoado, pespontado em losangos tendo na gola e nos punhos um babadinho de bordado inglês.



A INTRUSA

O carro deslizou suavemente pela alameda e foi parar diante da porta principal. Imediatamente, duas maozinhos frageis empurraram-na e duas meninas pequeninas e graciosas, correram em direção a ele. Alan sentiu-se, perigosamente, perto das lágrimas naquele momento. Depois de cinco anos ia finalmente rever o seu lar e aqueles dois anjinhos que vinham correndo em sua direção eram suas filhas! Duas filhas que nem conhecia, porque, quando partira, elas ainda não tinham nascido.

— E' você que é papai? perguntou uma, com um ar tão gaiato que ele pôs-se a rir.

— Não sei. Não fui apresentado a você, respondeu ele, risonho.

— Eu sou Lucy.

Mas a outra puxava-lhe pelo paletó.

— Eu sou Annie.

— Muito bem. Lucy e Annie. Vamos entrar.

As duas crianças vieram correndo ao lado dele, tentando acompanhar suas passadas largas. Perguntavam mil coisas.

Dentro de casa, estava a criadagem, pronta para recebê-lo. Durante a guerra mudara tudo.

Não reconhecia nenhum. Onde estaria Joan?

Uma moça alta, magra, vestida de preto aproximou-se dele.

— Titia! — gritaram as meninas.

Alan voltou-se, espantado para a moça. Sua cunhada?

— O senhor não me conhece. Sou Pamela Joyce, irmã de Joan.

— Muito prazer. Onde está Joan?

— Ela... teve que ausentar-se por algum tempo.

Depois, mudando rapidamente de tom, sugeriu:

— Vamos pôr estas meninas na cama? Já passa muito de sua hora de deitar-se. Mas eu não tive coragem de mandá-las para a cama antes da chegada do pai.

Alan assentiu, compreendendo que Pamela preferia explicar a ausência de Joan mais tarde, quando as meninas não estivessem perto. Subiram ao quarto das crianças e ele teve que conversar alegremente com elas, até que adormecessem, se bem que preocupado com as palavras de Pamela. Joan ausentar-se logo no dia de sua chegada... depois de cinco anos de guerra, longe dela, longe de to-

dos? Conhecer suas filhinhas sem que Joan estivesse ali para apresentá-las a ele, ela a mãe, a esposa?

— Vamos? murmurou Pamela quando viu que as meninas tinham adormecido.

Ele acompanhou-a em silêncio.

★

— Joan foi-se.

A princípio ele não percebeu o que ela queria dizer. Mas Pamela entregou-lhe uma carta.

— E' melhor que leia o que está aí.

"Pamela:

Resolvi que não posso mais suportar essa vida de mentira. Cada carta que escrevo a Alan me faz passar uma noite em claro. Eu sei bem que isso pode parecer um egoísmo, já que ele deve estar passando muitas e muitas noites sem dormir. Mas sinto que, de certo modo, é injusto esse hábito de privar os homens que estão lutando dos seus problemas sentimentais. Quando me casei com Alan, era uma menina inexperiente. Só agora compreendo o erro, o imenso erro, agora que encontrei aquele que me poderá fazer feliz! Devo ser hipócrita?

Esse é o grande dilema que me deixou muito perturbada. Mas decidi, afinal, que é elementar dever de lealdade confessar tudo a Alan. Partirei amanhã com John e o que queria pedir à sua bondade é para tomar conta das meninas até que Alan volte.

Um beijo da sua irmã, Joan".

— Naturalmente eu não deixei que ela escrevesse...

Ele tinha acabado de ler e levantara os olhos para Pamela, interrogando.

— Por que?

— Porque eu achava que era uma crueldade, tornar mais amarga a guerra para um soldado lembrando-lhe que não tinha lar para onde voltar.

— Foi boa sua intenção... mas, e a paz? Não é tão horrível voltar e verificar que não existe o lar com que se contava?

Pamela, que se tinha conseguido conter até ali, subitamente perdeu a reserva e a frieza:

— Mas eu tentei salvá-lo, Alan. Passei horas e horas tentando convencer Joan do seu dever em relação a você...

Ele sorriu.

— Obrigado, mas, nessas condições, não aceitaria...

Pamela sentou-se ao lado dele.

— Eu não sei como começar a contar...

— Não me conte nada. Tratemos das crianças. Não sei o que vou fazer, que decisões tomar...

— Eu queria pedir a você uma coisa. Enquanto tudo isso continua assim instável talvez fosse melhor que eu tomasse conta das meninas. Levo-as para minha casa, em Trenton, e guardo-as até que você arranje sua vida...

— Não sei como agradecer-lhe o oferecimento. E', de fato, a única solução.

— Você assim terá tempo para tratar de tudo antes de ir tomar conta das meninas...

— Sim...

Depois de uma pausa, Alan murmurou:

— Como tudo sai ao contrário do que planejamos. E' sempre assim. Lembro-me que, certa vez, quando eu era pequeno, pedi a meu pai, que fizesse uma festa no dia do meu aniversário, com bolo bem grande. E queria meu nome escrito em cima, com chocolate. Um desejo de criança. Mas, na véspera do dia para o qual eu vinha me preparando, morreu meu avô e eu, como criança bem pequena ainda, não compreendendo o alcance do que se tinha passado, passei o dia chorando, porque não tinha tido a festa prometida. Agora, parece-me sentir novamente esse desapontamento. Acabou-se a guerra. E eu estou quase chorando por



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

MÃE POBRE, poesia, Carlos de Oliveira — Coimbra Editora, Limitada, — Coimbra, 1946.

Esta Mãe Pobre é a pátria do poeta. Não se entenda por isto a terra portuguesa. Não aparece pelo livro fóra o nome de Portugal. Não há referência concreta aos seus panoramas nem à sua gente. Trata-se dum país espiritual ou sentimental e duma definição subjectiva. Numa das primeiras folhas vem este dístico, pôsto ao alto e com o qual de certo o Sr. Carlos de Oliveira entendeu tudo explicar e esclarecer:

*Terra Pátria serás nossa
mãe pobre de gente pobre!*

Moço ainda de certo, o Sr. Oliveira pratica, como tantos outras da sua geração, a arte poética que consiste... em não obedecer a princípio ou regra de espécie alguma. Desrespeita todo modelo métrico; quando rima é como que ao acaso, nunca por haver adotado na composição certa ordem ou correspondência musical; e por uma vez que, ao cimo da página, anuncia: *Soneto*, dá-nos uma peça em que os dois quartetos não rimam entre si e que, por consequência, desmente aquela qualificação. Há em todo o livro a preocupação simbólica. Tudo são figuras, alegorias que buscam a originalidade. Não se pode negar que frequentemente surgem as belas concepções e as imagens realmente sugestivas. E assim o Sr. Carlos de Oliveira define a sua poesia:

*Tosca e rude poesia,
meus versos plebeus
são corações fechados,
trágico peso de palavras
como um descer da noite
aos descampados.*

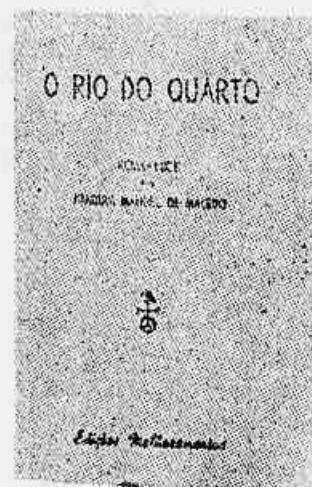
*Destino
à semelhança de alcateias
na esteira dos rebanhos,
se versos dás,
são de impiedade:
— A vós! a vós!
lobos dos nossos anhos!*

*O' noite ocidental,
que outra voz nos consente
a solidão?
Cingidos de desprezo,
somos os humilhados
Cristos desta Paixão.*

*E quanto mais nos gelar a frialdade
dos teus inúteis astros,
mortos de marfim,
— mais e mais, alma do povo,
tu cantarás em mim!*



O RIO DO QUARTO, A LUNETTA MÁGICA, AS MULHERES DE MANTILHA, romances de Joaquim Manoel de Macedo — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1946.



Ainda bem que, de vez em quando, por entre a catadupa das traduções de fãncaria, aparece um bom original brasileiro. E demos graças a Deus porque ainda há empresas editoras orientadas pela inteligência e o bom gosto para fazer ressurgir do relativo abandono, do quase esquecimento obras dos mais notáveis autores nacionais. Essa missão deveras meritória, a Companhia Melhoramentos de São Paulo a desempenha, reeditando, de José de Alencar por exemplo, não só o *Guarani*, *Iracema* e outros trabalhos de toda a gente conhecidos, mas também aqueles que só a parte erudita ou especialmente estudiosa da clientela das livrarias se podia gabar de conhecer. Este esforço de divulgação e educativa, este propósito de ensinar o grande público a prezar e guardar nas estantes as produções realmente superiores do nosso engenho literário de qualquer tempo só merece animação, louvor e até uma espécie de gratidão. Todos aqueles que, mais ou menos conhecendo a arte, de algum modo a estimam, hão de reconhecer o valor deste serviço prestado às belas letras — e a toda a gente.

Mais de uma vez, a propósito de reedições de Joaquim Manoel de Macedo aqui temos falado do valor documentário dessas obras, das qualidades do seu estilo, da significação moral de que atualmente se revestem. A sua leitura repetimos, é deveras preciosa. Elas nos falam duma época não muito distante, mas que em confronto com certos livros, indivíduos, costumes, aspectos de hoje, chega a parecer afastada em muitos séculos. As suas figuras, os seus lances, o seu ambiente nos levam a suave, salutar meditação. Sentimos uma espécie de saudade. São coisas que não chegamos a tempo de conhecer, mas que, se tal milagre dependesse da nossa simples, pobre vontade humana, quereríamos presenciar. Assim as novelas de Macedo, como as suas peças de teatro, nos inspiram uma simpatia particular: o desejo de nos transportarmos, com as idéias e os sentimentos que o tempo nos comunicou, para dentro daqueles enredos, para o meio daquelas criaturas, tais como de longe as vemos amar, lutar, ora exultar, ora padecer, viver em suma. E seria de imenso interesse — se não de rude desgano — saber como, em tal cenário e por entre tais personagens, desempenhariamos o nosso papel.

Se, nas comédias que lhe conhecemos, Macedo é sempre risonho e otimista, nem sempre no romance ele nos impõe aquela maneira de considerar a vida — cu de — ajeitar. No presente volume, por exemplo, *O Rio do Quarto*, se historia um "crime tremendo" e a cena final é do mais veemente efeito patético. Não representa, porém, isto uma nota dominante nas criações de Macedo. Nem dominante nem frequente. E, embora mais vezes se repetisse, não afectaria a noção encantadora que temos daquela individualidade.

EVOCÇÕES DO MEU PASSAPORTE, crônicas de viagem de Carlos da Silva Araujo — Rio de Janeiro, 1946.!



O Sr. Carlos da Silva Araujo é um escritor que, além de outras qualidades ditosas, possui a de saber viajar. Dá às suas travessias de mar, às suas jornadas de caminho de ferro, aos seus passeios pelas cidades, às suas visitas a edifícios e monumentos um caráter tanto quanto possível pessoal. Viaja por própria conta. De certo ninguém cuida descobrir, em países mais ou menos civilizados, alguma coisa que outros turistas não hajam mais ou menos longamente olhado. Há, porém, as maneiras de ver. O Sr. Silva Araujo tem a sua, isto é: a que não está propriamente no uia, não depende do cicerone, não confia no critério ou na emoção de outrem. E, a rigor, quem assim se conduz, atravessando quadros rústicos ou janor mas urbanos, sempre apanha o quer que seja, aspecto, *suaesão*, imagem do passado, promessa do futuro, uma síntese ou um pormenor, que lhe fica pertencendo e ninguém lhe pode negar. Sem isso, não haveria livros de viagem cuja leitura realmente valesse a pena. Sem a nota dominantemente individual — e que falta a tantas obras do gênero — tudo se reduz a uma espécie de relatório, com possível valor documental mas sem nenhuma expressão de sentimento nem de arte.

O Sr. Carlos da Silva Araujo escreve com simplicidade e clareza. Transmite-nos as suas impressões e os seus comentários de modo a cativar-nos a atenção, inspirando-nos o desejo de conhecer tudo aquilo... pessoalmente. E, quando se trate de coisas diante das quais estivemos, que nós próprios considerámos, ainda a coincidência dos gostos e até a diversidade dos conceitos nos interessam e nos dão prazer. Não é só a concordância que aproxima e aparenta os espíritos; em alguns casos, os antagonismos também. O presente livro concilia os Estados Unidos, a Espanha, a França, a Alemanha, a Inglaterra, Portugal, o próprio Brasil, sem a necessidade do passaporte, e a estância onde o escritor foi simplesmente com o propósito de férias, de repouso: Caxambú. Algumas destas páginas apareceram primeiramente na imprensa, com o título indicador de obra ligeira e sucinta: *Cartões postais*. A orientação geral do livro, e até nos capítulos de comentário social ou ensaio crítico, é aquela mesma. Cartões ou cartas, e ainda, na forma aumentativa, cartões, tudo constitui uma correspondência de viagem, amavelmente endereçada à nossa inteligência e à nossa sensibilidade.

ONDE ESTÁS, O' MORTE? páginas de espiritismo organizadas pelo Sr. Cornélio Pires — São Paulo, 1946.



O Sr. Cornélio Pires, escritor alegremente regional e artista cômico de *music-hall*, que conquistou igual notoriedade pelos seus livros e pelos seus "números", acaba de passar para outro campo de atividade. Trocou o humorismo pelo espiritismo, se é que não concilia hoje as duas coisas. Em todo caso — e como diria o nosso querido companheiro Raul — mudou de espírito. E não apenas, de certo, para variar. Deve ter sido por veemente e pura convicção.

O presente livro se compõe principalmente de fotografias. A todas, porém, o Sr. Cornélio Pires junta legendas originais ou traduzidas, quer dizer: trabalho seu. É um livro de propaganda, mas no qual, está visto, ninguém é obrigado a confiar como num Evangelho. Acredita quem sente que deve acreditar. E há nisso uma faculdade ou um direito absolutamente incontestável. Cumpre, porém, notar, imparcialmente, que gravuras semelhantes a estas saem, se algumas destas mesmas não saíram, em revista, norte-americanas, as quais comportam copiosa pu lidade de videntes e adivinhos, benzedores e curandeiros, e até de estabelecimentos como aquele de que, há pouco, nos falava uma correspondência de Nova York e no qual se alugam espectros, quer para sessões de ocultismo quer para salões particulares. Em verdade, as cenas ou episódios reunidos pelo autor de *Onde estás, ó morte?* são de grande efeito sensacional; mas os profissionais especializados em truques fotográficos conseguem coisas muito mais impressionantes. Nos anos anteriores a esta última guerra, o semanário parisiense *Marianne* estampava, graças a certas aposições, diluições e duplas ou múltiplas impressões, quadros verdadeiramente espantosos — e alguns dos quais, por sinal, foram reproduzidos na nossa *Revista da Semana*. Ai se combinava a fotografia com o desenho ou a pintura; se ajustavam uma só figura retratos de pessoas diversas; se transformava o aspecto a significação de instantâneos autênticos — e sempre com uma justeza, uma propriedade que levaria qualquer leitor menos experiente ou suspeito a jurar pela veracidade daquilo que não passava de técnica e expediente de *atelier*.

Não importa isto, bem entendido, em negar a boa fé com que o Sr. Cornélio Pires organizou e deu a público este volume, cuja capa mais parece indicar uma "super-produção" de cinema do que uma obra de acrisolamento e escrúpulo religiosos. Isso, porém, é uma exterioridade. E estamos certos de que o autor das jocosas *Conversas de ao pé do fogo* exerce a grave literatura espírita com a mesma espontânea e impecável convicção.

RECEBEMOS:

Relatório da Delegação do Brasil à Conferência das Nações Unidas para a Organização Internacional, publicação do Ministério das Relações Exteriores; e *Bibliografia de História do Brasil*, publicação do mesmo Ministério.

Bibliografia de Varnhagen, por Armando Ortega Fontes, publicação do Ministério das Relações Exteriores.

O Intendente Camara conferência do Sr. Marcos Carneiro de Mendonça, depois ampliada em livro pelo mesmo autor. — Livraria Agir, Editora.

Sifilis, dissertação do Sr. Danilo Perestrello, publicação do Serviço Nacional de Educação Sanitária, do Ministério da Educação e Saúde.

Problemas de Base do Brasil, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

**MAIS VALE
PREVENIR...
DO QUE
REMEDIA**

**SIGA
ESTE
PROVERBIO**



**TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT**



É preciso não descuidar dos desportos. As crianças nascidas durante a guerra precisam esquecer a odisséia do mundo nos seus primeiros dias de vida, e aqui estão, desenvolvidas e saudáveis.

UMA ESCOLA MODELAR EM

A guerra, em lugar de retardar, apenas serviu de estímulo para as realizações que dizem respeito a melhoramentos neste importante setor da vida social, a educação infantil. Isto porque a Inglaterra sabe que as crianças de hoje representam a estrutura do mundo de amanhã. Delas dependerá a paz e a felicidade ou a guerra e seus horrores. Por isso, o povo dedica à infância os maiores cuidados, aperfeiçoando-a no corpo e no espírito de modo que ela venha a prestar uma contribuição adequada nas imensas tarefas que lhe serão impostas.

O cuidado para com a segurança e a saúde de seus filhos foi uma das mais importantes preocupações da Grã-Bretanha durante a guerra. Mesmo que isso representasse a evacuação de um grande número de crianças — em alguns casos, escolas inteiras — de áreas visadas pelos bombardeios, tais como as grandes cidades, para distritos provincianos; e apesar do fato de que 25.000 professores estivessem nas forças armadas e 1.000 escolas tivessem sido destruídas ou despedaçadas pelas bombas inimigas, as crianças inglesas continuaram a receber lições durante cerca de vinte e sete horas por semana. Elas faziam suas refeições na escola e recebiam uma porção extra de leite. Os internatos aumentaram consideravelmente em número e seleção.

Mas a Inglaterra ainda foi além. No meio da guerra, ela conseguiu desenvolver um novo Ato Educacional, planejando muitas melhorias em seu sistema de educação, dos mais elevados do mundo inteiro. Um dos principais objetivos deste Ato era o de determinar que a idade para a conclusão dos cursos deveria ser elevada até quinze anos, e mais tarde para dezesseis, com um sistema de educação parcelada até a idade

Dois elementos de uma banda infantil na Inglaterra. Crianças que aprendem música desde cedo possuem uma noção mais apurada de harmonia, e talvez assim não provoquem novas desarmonias...





Artistas de seis anos de idade, pintores que se iniciam nas belas artes e com essa distração vão afastando o pensamento das coisas trágicas, embora um pintor "borra-botas" provocasse uma guerra!

UMA CIDADE PROVINCIANA

de dezotto anos; que um padrão mais alto de educação deveria ser ministrado a um número crescente de alunos, e que devem existir tipos diferentes de educação para crianças de habilidades diferentes. Haverá ainda aquele tipo de educação universal até a idade de doze anos. Além disso, as crianças mais intelectuais — aquelas que mais provavelmente abraçarão uma carreira como o professorado — serão matriculadas em uma "grammar school", e aquelas que demonstram habilidade nas ciências aplicadas ou na arte, ingressarão em uma "technical school"; e, finalmente, para as crianças que não pertencem a nenhuma destas categorias, existirá uma "modern school". Na verdade, serão necessários alguns anos para que sejam postos em prática todos estes projetos, mas tudo quanto é possível está sendo feito o mais rapidamente possível. Uma das primeiras coisas a serem consideradas é o padrão das escolas no que se refere às instalações.

As gravuras que acompanham este comentário mostram-nos uma escola elementar inglesa, que está em funcionamento desde 1939. Ela representa o tipo de construção e de acomodamento mais indicado para dar às crianças uma educação verdadeiramente completa. Os edifícios foram construídos de frente para o sol e como na Grã-Bretanha raramente o calor é muito forte, esta é a disposição mais higiênica e saudável. As refeições são feitas ao ar livre sempre que o tempo o permita. As lições são variadas e sempre cheias de interesse. Esta escola pertence a uma pequena cidade da província inglesa, e no entanto sintetiza todas as características de um centro educacional modelar.

Bordando sob a carícia do sol, essa menina está também treinando para dias mais felizes. A felicidade não deve ser apenas um mito, mas uma concreta realidade. Que nossos filhos a conheçam!



FLEURS D'AMOUR

ROGER & GALLET

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS-RIO

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pílulas de Herva de Bicho
compostas inestard

LIC 3518

16-3-925-0.1.3.1

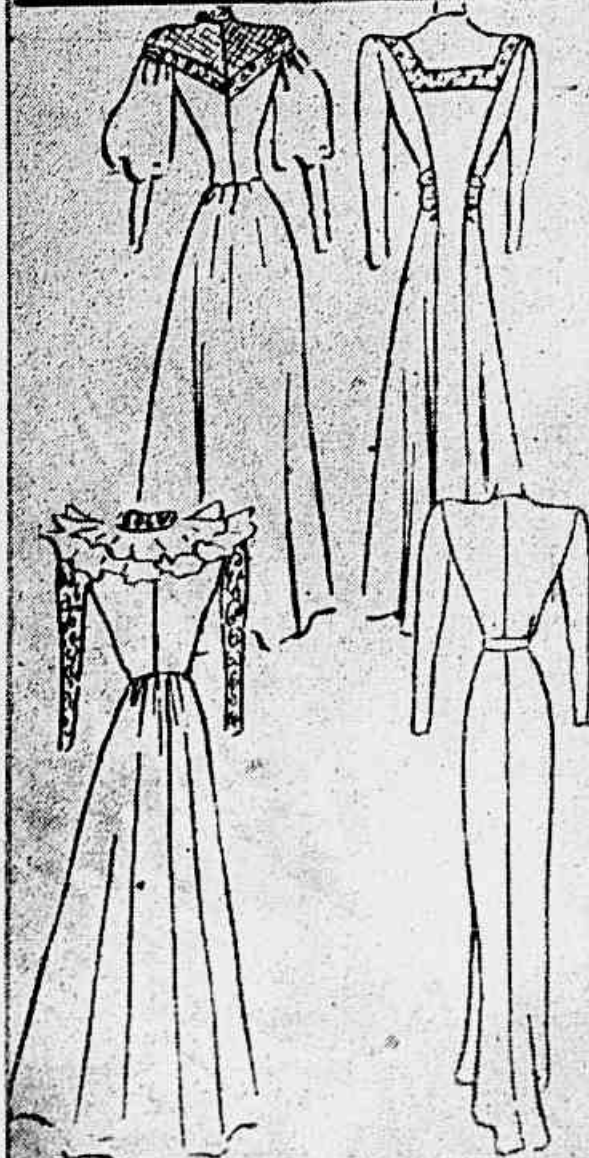
DOA BE QUANDO INFLAMA-
ÇÃO E DOR NO OVIDO?

AURIS-SEDINA



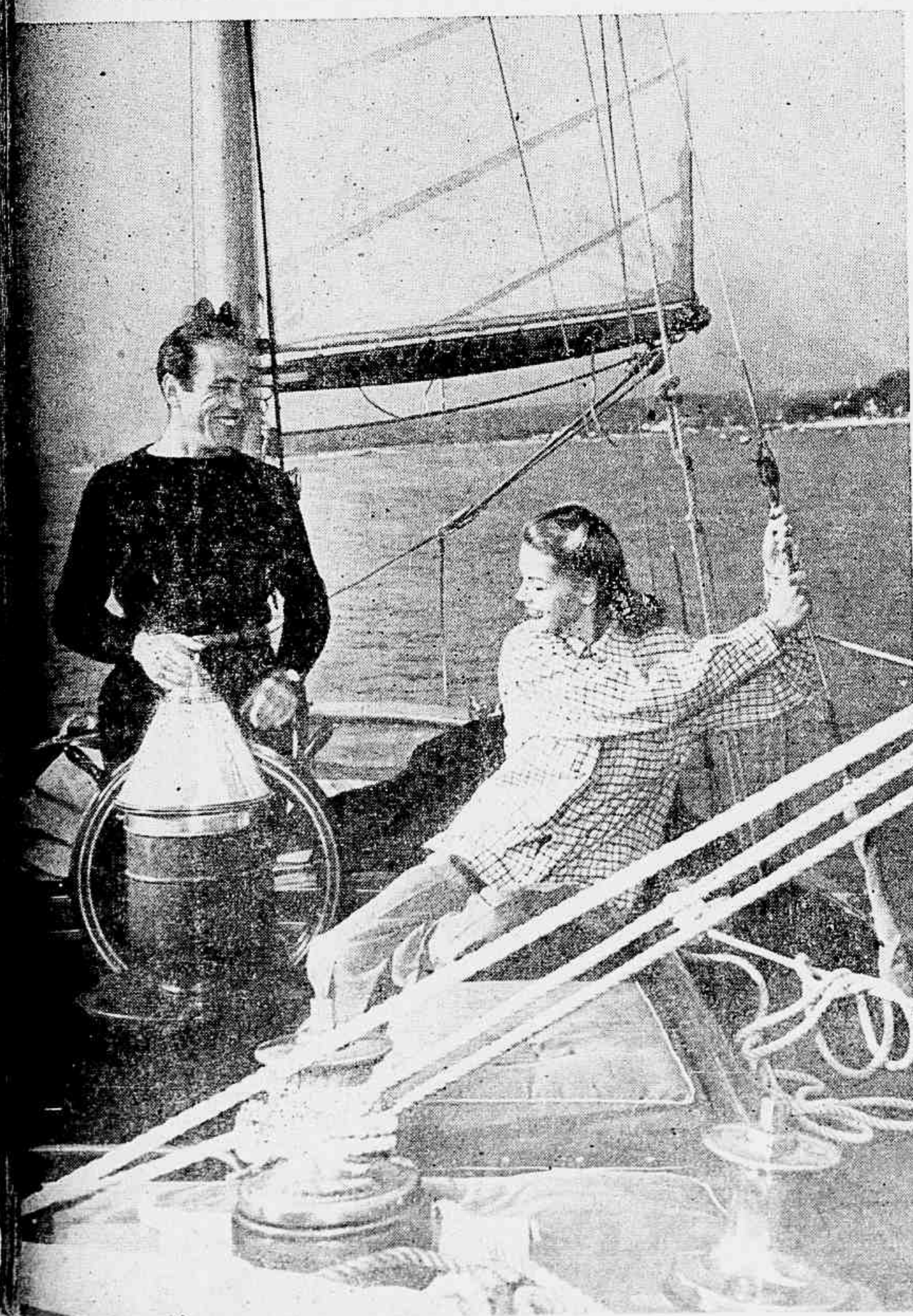
- 1 — Modelo em cetim com pala e gola de renda. Mangas "folas" presas ao cotovelo. Cauda longa, véu curto.
- 2 — Vestido de talhe muito elegante, em "peau d'ange" com incrustações de renda.
- 3 — Original modelo em "faille" com pala e mangas de renda. Ao redor da pala, dois babados "godet" de "faille".
- 4 — Belíssimo vestido de noiva, confeccionado em crepe de seda pesado, com drapados na blusa e na saia e bordados de pérolas.

PARA AS NOIVAS



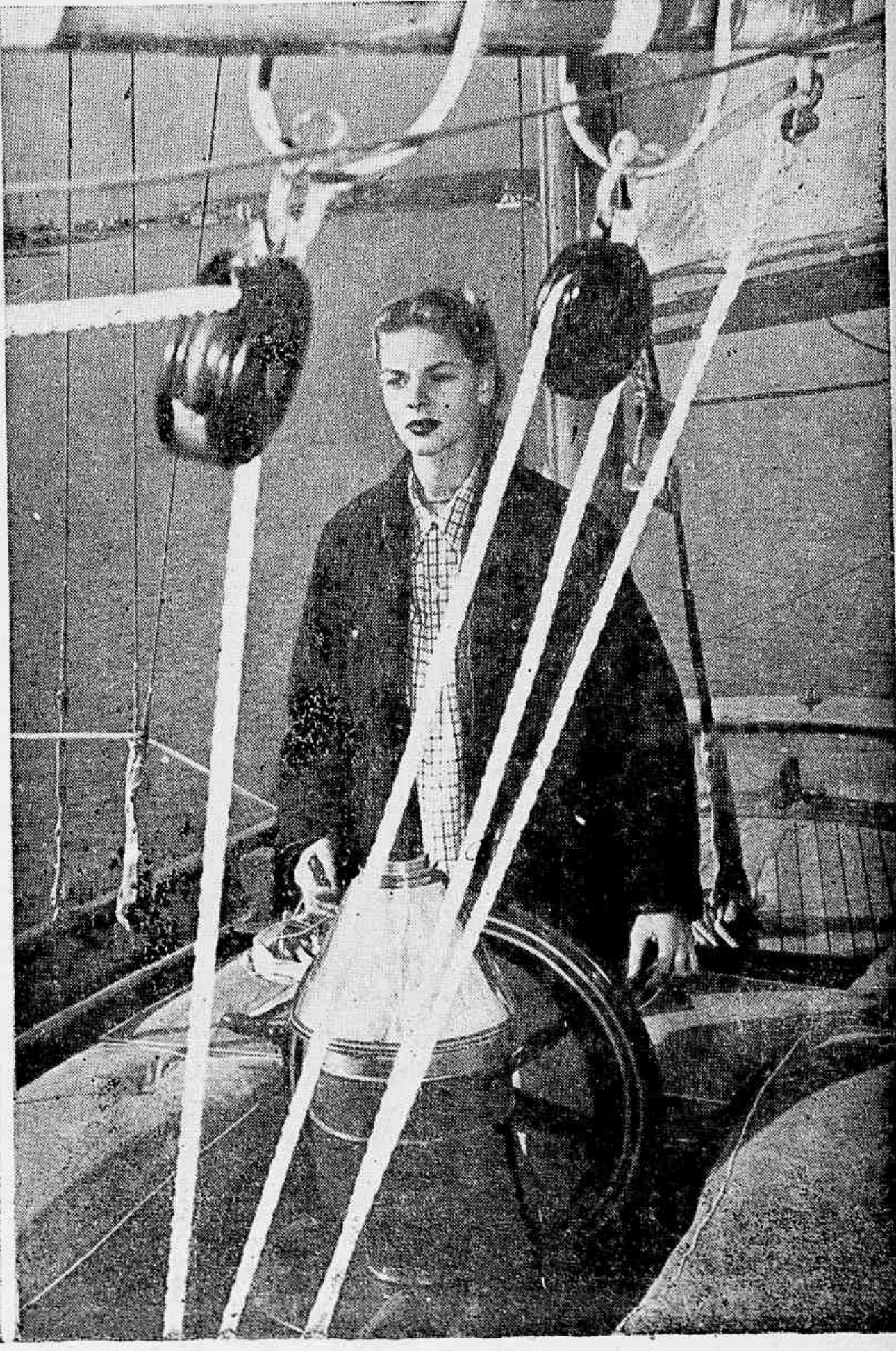
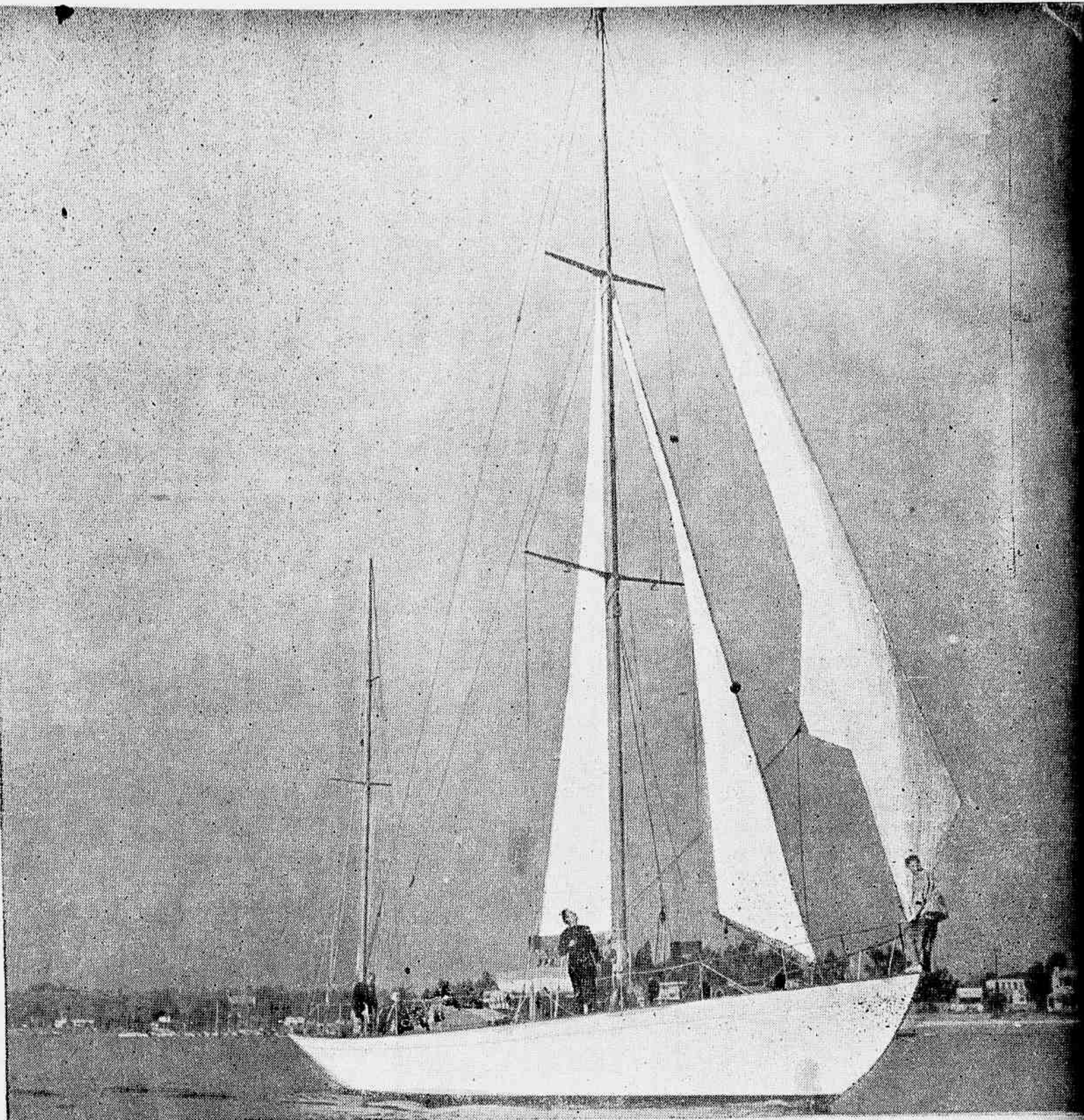


De bastante "linha" a este tailleur" apresentado pela encantadora Joan Leslie. É realizado em casemira "sal e pimenta", casaco ajustado à cintura, bolsos sobressaentes com viés claros, abotoado na frente até o alto, sem gola. Saia ligeiramente "em forma".
(Foto Warner)



O CASAL BOGART EM FERIAS

Eles constituem um exemplo de felicidade conjugal em Hollywood: Humphrey Bogart, na intimidade "Bogey", e Lauren Bacall, a quem o marido pôs o apelido de "Look". Que importa que nos filmes tenham feitos diferentes, "Bogey" especializado em desempenhar homens maus e vingativos, "Look" popularizada pelos seus tipos clássicos de mulher perigosa, vampíresca e temperamental? Longe do "set", não há quem possa vencê-los em simpatia, que fazem irradiar para todos os conhecidos e até mesmo desconhecidos. Por coincidência, recentemente ambos tiraram férias na Warner, ao mesmo tempo. E' que também ambos haviam sido os protagonistas de "The Big Sleep", e talvez para esquecer as desavenças convencionais que foram obrigados a representar diante das câmeras, meteram-se no "Santana", esse bonito barco à vela que os senhores estão vendo aqui à direita, supriram-se de um bom farnel, para duas semanas de viagem, carregaram livros, caixas de cigarros, guloseimas de toda a espécie, e carregaram-se a si próprios, com o muito amor que os faz viver dias assim amenos e felizes. Lá foram então, pelas águas quietas do oceano, até Bermuda, até mesmo Honolulu. Bogart é um apaixonado da vida marítima e diz sempre que nasceu errado: devia seguir a carreira de marujo. Acontece que fazer filmes rende mais... E Lauren Bacall "bancou" o grumete, auxiliando o maridinho querido no árduo mas agradável serviço de lançar e recolher as velas, manejar o leme e... devorar o "stock" de bombons a bordo.



A INTRUSA

(Continuação da pág. 34)

causa de minha felicidade... de minha felicidade...

E com um sorriso acrescentou:

— Fica engraçado não? Como a gente muda com o tempo. Ontem, um bolo de chocolate... Hoje, a esposa...

Sentiu a mão de Pamela no seu ombro:

— Você tem as meninas...

Sua voz era tão suave e tão compreensiva que ele quis exprimir sua gratidão, mas só conseguiu murmurar um obrigado abafado.



No dia seguinte trataram dos trens para Trenton. Ficou combinado que Pamela partiria com as meninas e que Alan iria mais tarde, assim que decidisse o que ia fazer, buscar as filhas.

Ao meio dia já estavam prontas as meninas. Alan conversava com elas na sala. Mal conhecera as filhas, e já ia separar-se delas.

Lucy brincava com os botões da farda que ele ainda envergava.

— Papai, que é isso?

— É o distintivo da Força Aérea, meu bem.

— Quer me dar?

— Depois, minha filha, quando você for mais crescida.

— Você também me dá um, papai, perguntou Annie.

— Dou, meu bem, dou.

Chegara o momento da despedida. Ele beijou as meninas e apertou a mão de Pamela.

— Não sei como agradecer tudo o que você fez por mim...

— Não fiz nada. Nem você tem o que agradecer. Envergonho-me do procedimento de minha irmã. Tento suavizar o golpe...

— Adeus Pamela respondeu ele.

E viu afastar-se o carro. Ao longe, ainda as mãozinhas das meninas se agitavam, para o pai...

— Adeus...

De volta à casa, ele tentava refletir serenamente. A base sobre a qual imaginara construída toda sua vida depois da guerra, ruína. Que lhe restava? Simplesmente um recurso: começar tudo de novo. Mas ele traria na nova vida a duas filhinhas a lembrá-lo constantemente o passado. Lembrava Joan, loura e frágil, e tentava imaginar como ele se deixara prender por outro homem. Eram tão felizes... Verdade que sua vida de casados fora uma lua de mel rápida. Poucos meses depois de casados, ele fora convocado e partira nas vésperas do nascimento das gêmeas. Recebera a notícia por carta, longe, do outro lado do mundo. E desde então ele vira, em pensamento, Joan multiplicada. Três mulheres o esperariam à volta. Pa-

ra isso lutara. E nada do que desejava estava se realizando.

Passeou pela casa, que dava uma estranha impressão de vazio, agora que Pamela e as meninas tinham partido e só resta-

va a criadagem. Um mordomo era o único membro do grupo que ele vira após a recepção na véspera. Procurou-o. A princípio tocou a campainha, porém, não obtendo resposta, pôs-

se a visitar a casa toda. Ninguém. Onde estariam todos? Teriam saído? Mas, toda a criadagem? No palacete vazio ele

(Continua na pág. 50)



Ser Mãe

Ser mãe, é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ter no alheio
Lábio que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormindo! É ser anseio,
É ser temeridade, é ser rezeio,
É ser força que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe gosa é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!...

Coelho Netto

TRIANGULO

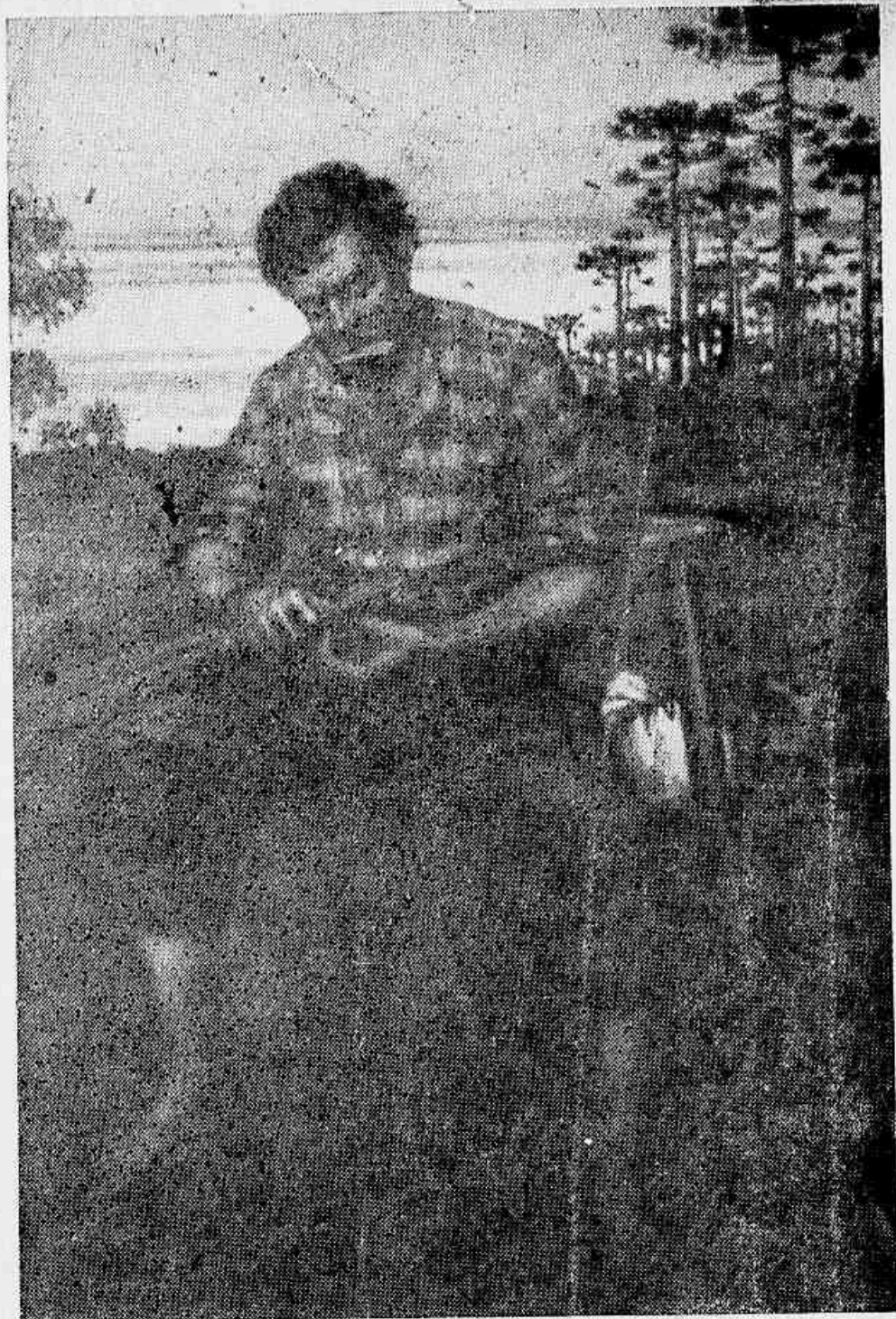
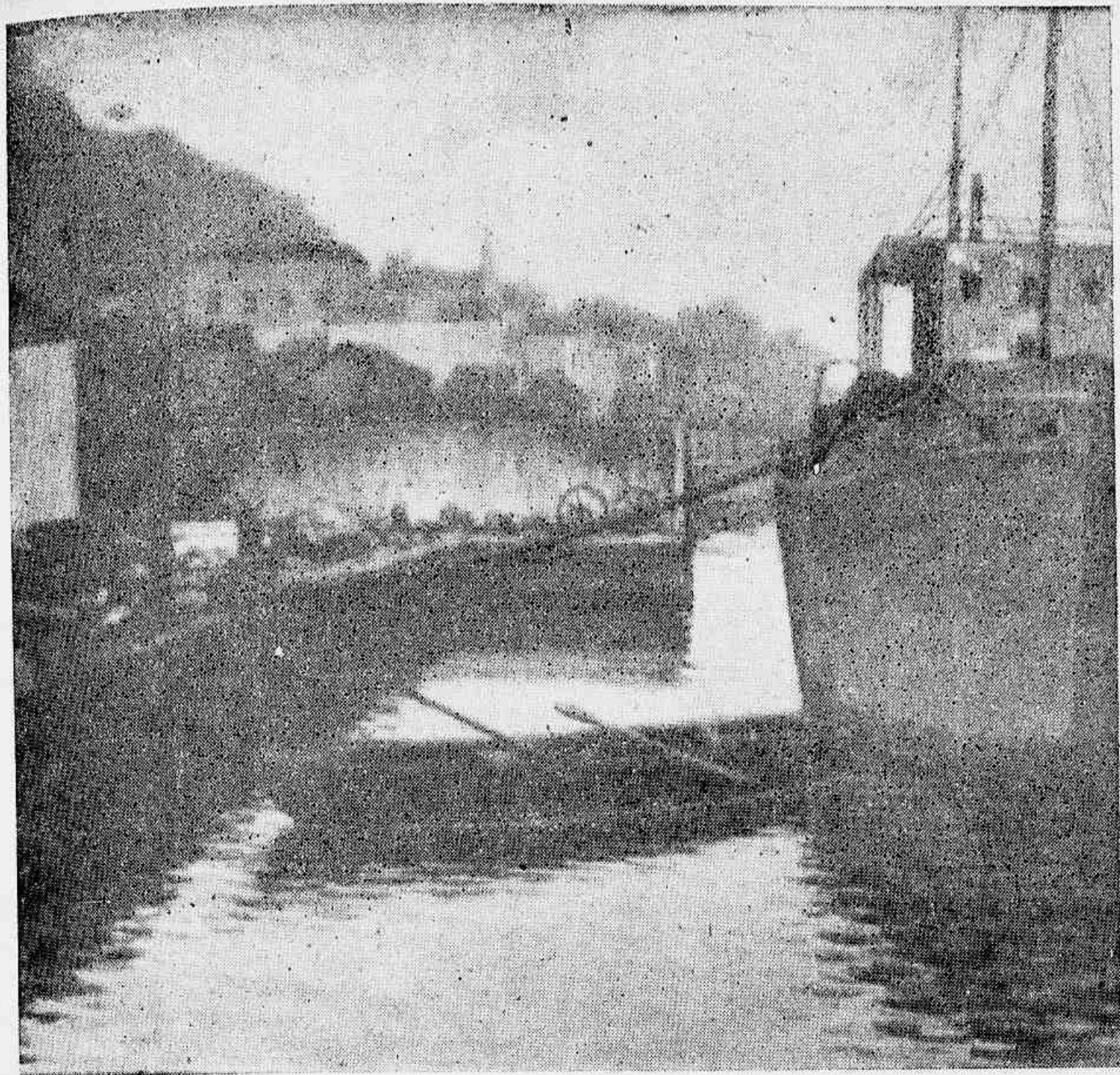
Homenagem ao Dia das Mães do
MAIZENA DURYEA.

Em cima,
realizado

AR

Malin
está em
realiza
Sua inau
de telas
como da
mesmo, r
admiram
nada leg
lidade d
de Malin
cias tem
incluida
sente est
seguros
no proxi
visitada
não o te

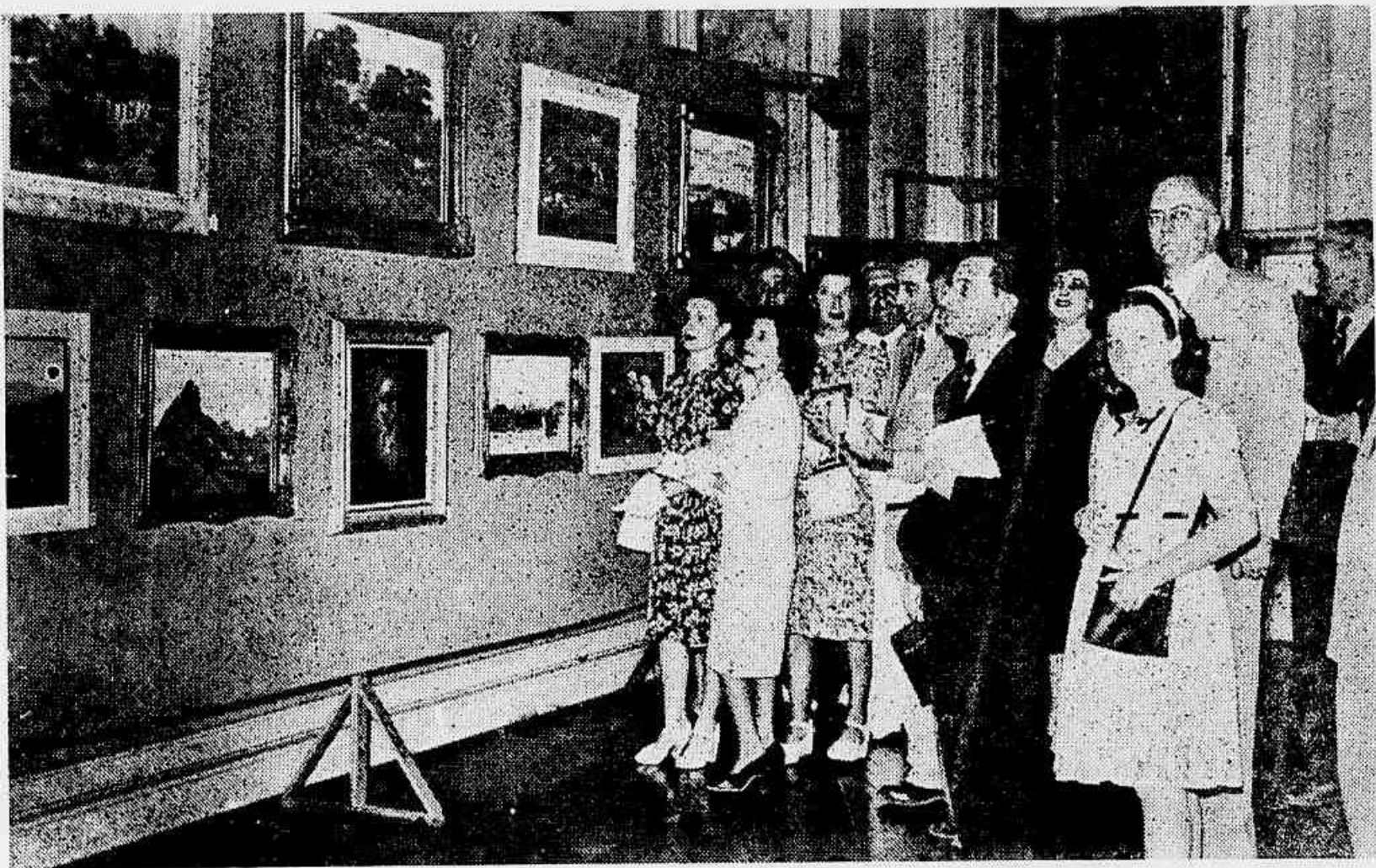
Nas dua
de Minas



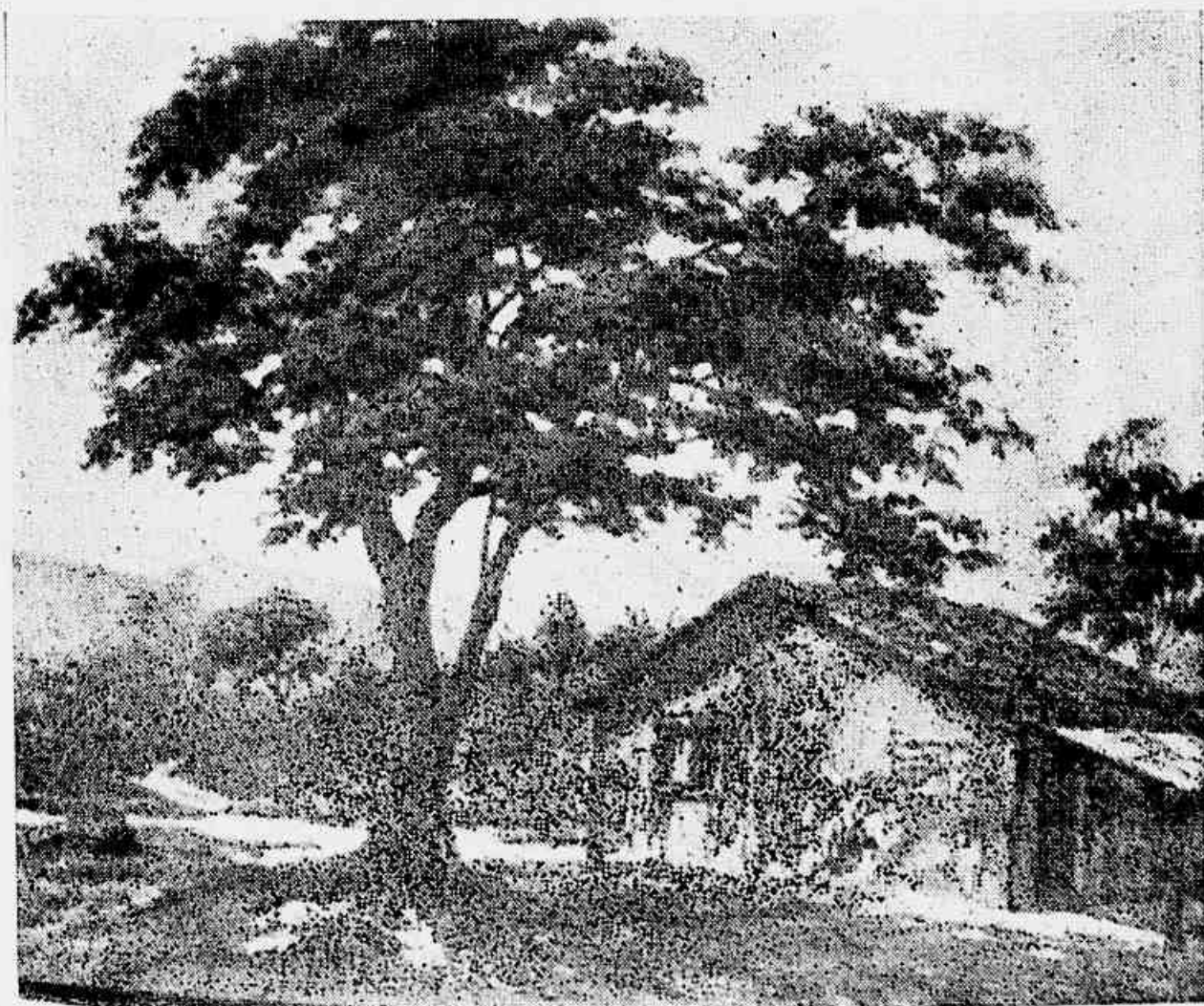
Em cima, à esquerda, "Ponta da Areia — Niterói", um dos bons quadros expostos por Malinverni Filho, e à direita, "Picando Fumo", motivo típico de absoluta fidelidade, realizado admiravelmente pelo ilustre pintor de Santa Catarina. Na gravura ao centro, um instantâneo batido por ocasião de ser inaugurada, no salão nobre do Palace Hotel, a exposição do referido artista, que vem provocando os melhores comentários e apreciações dos amantes das belas artes.

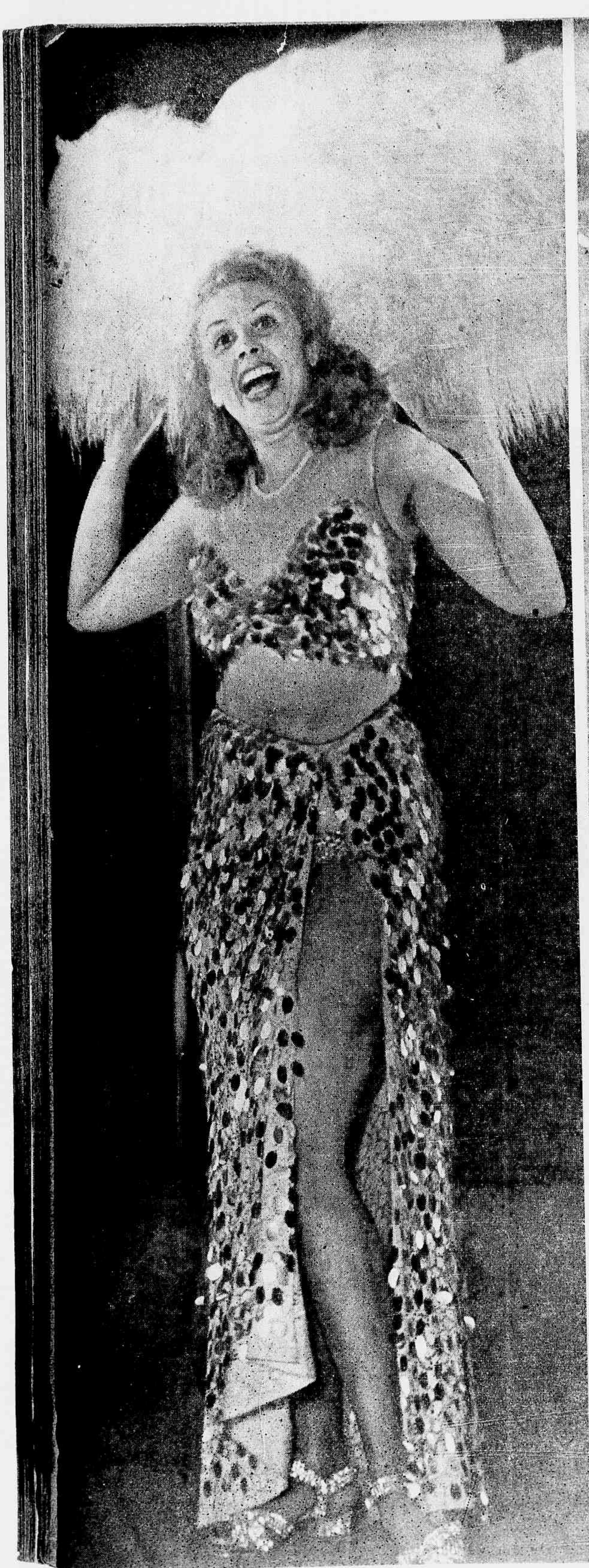
ARTES PLÁSTICAS

Malinverni Filho, nome do festejado artista catarinense, está em evidência, mercê de sua exposição de telas que ora se realiza no salão nobre do Palace Hotel, à Avenida Rio Branco. Sua inauguração deu-se no dia 2 do corrente, com uma série de telas abordando assuntos cariocas e fluminenses, bem como da terra onde nasceu. Essa exposição foi, por isso mesmo, recebida com visível interesse e simpatia por quantos admiram a boa pintura, e tem levado àquele local, selecionada legião de apreciadores das belas artes. Na impossibilidade de reunir nesta página todos os excelentes trabalhos de Malinverni, aqui estão quatro dos que melhores referências tem recebido. A exposição do pintor sulista deve ser incluída entre as que mais agradaram no transcurso da presente estação, já pela variedade dos motivos expostos, já pelos seguros méritos de seu realizador. Seu encerramento dar-se-á no próximo dia 15, restando assim os últimos dias para ser visitada e devidamente apreciada pelos leitores que ainda não o tenham feito.



Nas duas gravuras inferiores, vêem-se: A' esquerda, "Barracão solitário", aspecto que reproduz um recanto de paisagem tão comum no sertão brasileiro, e à direita, "Montanhas de Minas", com as perspectivas características das regiões alterosas. Em todos seus quadros, Malinverni Filho registra qualidades esplêndidas de artista clássico, justificando assim o incontestável êxito de sua mostra de telas, que o Rio assiste neste momento, com simpatia e muito apreço.





T

No
feminin
malicio
teatral,
lisada
com u
encont
moso
Agora
ior Jac
com s
mesma
plástico
uma in
sos. T
as mu
escassa
assum
a fre
que n
esse v
plexa
classe
apena
dade

S
os int
mos t

TEATRO

Uma figura popular:
DERCY GONÇALVES

Nosso teatro de revista conta hoje com um indiscutível valor cômico feminino: Dercy Gonçalves. Ela não é apenas a interprete do "sketch" malicioso e do "couplet" brejeiro, modalidades comuns desse gênero teatral, mas também uma esplendida figura de característica, especializada na reconstituição de perfis e caricaturas posias ao vivo, no palco, com um traço humorístico inegavelmente ótimo. Também o "travesti" encontra em Dercy Gonçalves uma excelente interprete, tornando-se famoso aquele em que nela mostrou no ex-presidente Getúlio Vargas. Agora mesmo, essa artista repete a façanha, com o seu impagável "Doutor Jacarandá". O tipo de arcebispo do ilustre causidico "da nossa praça", com seus menores cacóetes, todas as minúcias de indumentaria e até mesmo o infame monoculo feito com um naco de vidraça, diverte a platéia, na revista "Fôgo no Pandeiro", onde ainda Dercy Gonçalves faz uma imitação de Mistinguette, em estilo Bataclan, e outros papéis avulsos. Trata-se de uma atriz popular que descobriu o segredo de agradar às multidões, e poucas desse feitio possuem o nosso teatro de revista, tão escasso de valores autênticos que a simples revelação de um deles, assume proporções de um legítimo acontecimento. O público acostuma-se a frequentar um determinado teatro atraído por uma exclusiva figura, que nesse caso é a "estrela" do João Caetano. Não há porque negar-lhe esse valor, quando, dentro do gênero revista, dos mais difíceis tão complexa é a formação de um espetáculo capaz de agradar a todas as classes de público, ela vale por um cartaz completo. Foi a principio apenas uma bisonha figura que desde logo se impunha pela originalidade do seu trabalho, e tem sabido evoluir, dentro do gênero revista.

Sem duvida Dercy Gonçalves ficará definitivamente incluída entre os interpretes mais populares do teatro de revista nacional nestes últimos tempos.



MILHÕES



DE TELEFONES

estão ligados
ao seu pelo

«SERVIÇO INTERNACIONAL»

Tarifas reduzidas noturnas e aos Domingos para os EE. UU. e Canadá.



Dentro do Brasil, também, as principais cidades contam com o

SERVIÇO TELEFÔNICO INTERIOR

Telefone para os Estados do Brasil. Pelo convênio de Tráfego Mútuo que mantemos com a COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA, no Distrito Federal, São Paulo, Estado do Rio e Minas Gerais, COMPANHIA TELEFÔNICA PARANAENSE no Estado do Paraná e COMPANHIA TELEFÔNICA RIOGRANDENSE no Estado do Rio Grande do Sul, é dado aos senhores assinantes desses Estados o conforto de poderem falar de seus próprios telefones.

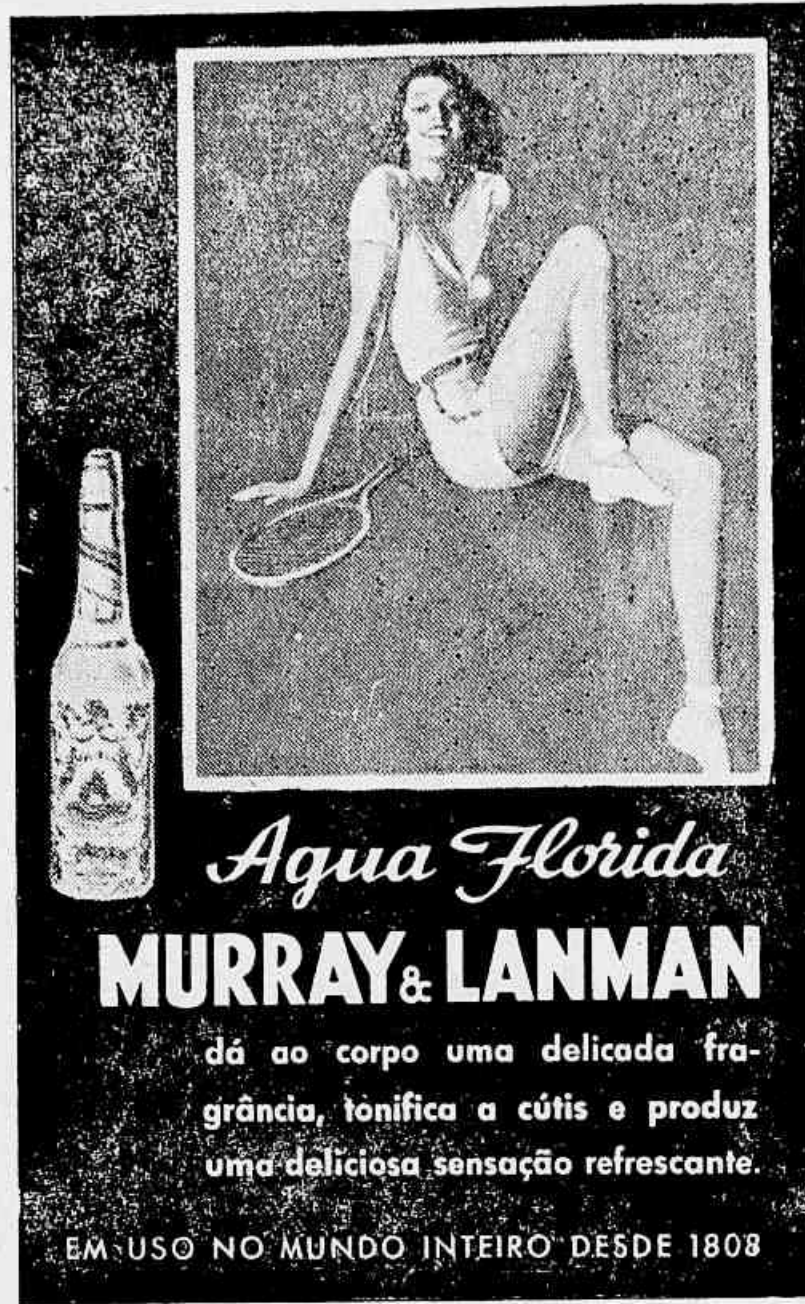
RADIOGRAMAS PARA  TODO O MUNDO

Procure na lista telefônica

1ª Radio Internacional do Brasil

Av. Almirante Barroso, 91-esq. de Graça Aranha
Telefone 22-5191

SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - CURITIBA - VITÓRIA
SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - BELÉM - MANAUS



Agua Florida
MURRAY & LANMAN
dá ao corpo uma delicada fragrância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.
EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808

Uma visita aos estudios de...

Continuação da página 26

— Durante a guerra, por força da situação, desviamos em parte da orientação de nossos desenhos. Nem todos podiam ser destinados a méro divertimento, mas impunha-se a obrigação de intensificar a campanha de guerra e nesse particular demos conta de nossa tarefa. Agora, reintegrados nos dias normais, apressamo-nos a voltar á finalidade primitiva e única do desenho animado: divertimento.

— Não lhe parece que a função do desenho animado pode ir além do divertimento?

— E realmente tem sido — replica mr. Disney. Acredito que na maioria dos nossos trabalhos, prevaleça um acentuado sentido moral. Mesmo sob o pretexto de divertir, nossos desenhos têm aspectos culturais que nunca despresamos.

— Algumas vezes não foram despresados esses princípios culturais? De seus estudios têm saído desenhos nos quais não mais prevalece aquele traço de ingenuidade e candura dos primeiros. E justamente porque os seus desenhos visavam divertir as crianças, também deliciavam aos adultos, permitindo-lhes uma volta à infância, sempre agradável...

— Errar é humano — responde mr. Disney. Si uma vez por outra algum desenho ficou mais malicioso e menos infantil, aqui estamos para receber as advertências da critica sincera. E certamente o fato não se repetirá,

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

GABRIEL RANGEL

FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 - 2.º Lda



ANEL ZODAICO
Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no acto de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" - Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

STANDARD CR\$ 115,00
FEDERAL CR\$ 165,00
INCA CR\$ 285,00
AMERICA CR\$ 150,00
CAPITAL CR\$ 265,00
BRASIL CR\$ 300,00

porque o desenho animado tem de ser predominantemente puro e bem intencionado.

— Finalmente: os fenômenos de ordem social oriundos da guerra, e do após-guerra, podem influir nas diretrizes espirituais dos seus desenhos?

— Uma vez os fatos consumados, só nos resta aceitá-los — concluiu Walt Disney. Mas enquanto esses fenômenos se encontrarem no terreno das controversias, das lutas e dos esclarecimentos, nossa função é de absoluta neutralidade. Continuaremos fazendo desenhos para as crianças, mas desenhos capazes de também divertir os mais velhos.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMITINA

CORTE E COSTURA

Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisíssimas. Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:



GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinos moderníssimos - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO
Caixa Postal 5317 - São Paulo

397

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME:

RUA:

CIDADE:

ESTADO:

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



A campeã

(Continuação da pág. 21)

— Você vai jogar hoje? Eu carrego os bastões.

Naquele dia ela jogou bastante. Mais tempo, aliás do que era costume. Depois convidou-o para tomar um refresco. Mas ele recusou, mudando de expressão.

— Era só o que faltava. Um "caddy" ir ao bar do clube. O diretor me botava para fora.

— Indo comigo ele não fará nada.

— E', mas assim não quero. Naquele dia separaram-se um pouco constrangidos. E ela notou, depois, que ele demonstrava certa frieza ao conversar com ela. Adotava, deliberadamente, um ar distraído, se bem que respeitoso. O que justamente lhe desagradava porque aquele incidente inicial parecia ter propiciado uma maior intimidade entre eles, que agora desaparecera.

Certo dia, interpelou-o:

— Por que você não conversa mais comigo?

— Para que? Eu sou "caddy". Homem que leva e traz bastão. Conversar com você para que se eu não posso convidá-la para tomar qualquer coisa no clube, porque caddy ali não entra, se eu não posso convidá-la para sair qualquer dia porque não vou levá-la aos lugares onde eu vou. Você está acostumada aos divertimentos caros. Conversar com você somente. Você é bonita demais para isso...

Foi em vão que ela tentou convencê-lo.

Ela pensou muito no caso. O que ele tinha dito era uma verdade. Ficava até feio a insis-

tência dela, mas não podia deixar de voltar ao assunto, porque não queria perder contacto com ele.

Certa tarde foi ao pai:

— Papai que é que o senhor acha da questão social?

O pai deixou cair os óculos no chão, espantado.

— Que tem você minha filha?

— Eu acho que há certas injustiças que devem ser sanadas.

— Quais, meu bem?

— Desigualdade de classes, etc.

— A que vem tudo isso?

— Papai, a que classe o senhor acha que pertence um "caddy"?

O pai começou a sorrir.

— Estou vendo que aqui há alguma coisa muito séria.

— O senhor sabe que me apaixonei por um "caddy"?

O pai riu abertamente.

— Olhe minha filha não quero mostrar a você o que há de absurdo em tudo isso. Você se convencerá de tudo por si mesma. Hoje mesmo vou apresen-

tá-la a um rapaz de boa família, que a admira muito e deseja conhecê-la. Você notará a diferença de educação entre ele e o "caddy", a distinção de um em contraposição com a grosseria de outro.

— Papai o meu "caddy" é mais distinto do que qualquer moço da sociedade.

— Veremos, veremos...

Mas naquela noite ela teria a maior surpresa de sua vida, porque quando o pai apresentou-a ao rapaz, ela reconheceu nele o "caddy", o seu "caddy"...

— Como foi isso? — perguntou-lhe mais tarde.

— Você vinha passando e eu estava com um dos bastões nas costas. Usava uma roupa suja e estragada porque na estrebaria não é lugar para se andar elegante... Você pensou que eu fosse "caddy". Eu resolvi topar a brincadeira. Todas as vezes que você ia ao clube seu pai me avisava... e eu ia também...

— Então papai também estava metido nisso?!

— Lógico!

— Se você não fosse o meu "caddy", e, portanto, indispensável para os jogos de golf, eu cortava relações com você.

— Não faça isso. Lembre-se de que este "caddy" até pode receber pancadas no nariz. Porque ele não tem osso ali. Nariz de borracha. A que horas amanhã, miss?

— Quem fala é o "caddy" ou o moço rico?

— O "caddy".

— Sete horas no gramado.

— Uff! Cedo hein?

— Não quero "caddy" gran-

fino!

— Combinado, sete horas.

— Escte "caddy", você sabe que eu andei pensando seriamente a respeito de uma coisa?

— O que?

— A questão social...

Ele riu.

— E descobriu uma solução para o problema?

— Não. Afinal de contas nem todos os caddies são "doublés" de gran-finos!

Harmonioso *como a Música no seu Lar*

**LUSTRES
CANDELABROS
CASTIÇAIS
APLIQUES**

Os lustres de cristal, criação altamente artística, constituem o complemento das mais modernas e luxuosas residências. Escolha os lustres de cristal fabricados pela Cristaleria Lusitana que lhe oferece uma variedade de lindos modelos dignos de um ambiente de bom gosto.

**CRISTALERIA
LUSITANA
LTDA**

AV. CELSO GARCIA, 1501 - TELEFONE 9-3710 - SÃO PAULO
RUA BUKOWSKI, 114 - ANGARA - TELEFONE 43-1281 - RIO DE JANEIRO

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postica o incomoda, coçando quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó dentado (não ácido) mantém a dentadura postica com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não azarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

Quando a "REVISTA" surgiu... A.D. 1900



Não despreze a terrível
PIORRÉIA
De cada 5 pessoas — 4
(também V.S.) estão
ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o excecível afrouxamento dos dentes, a Piorrêia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acautele-se — pode ser Piorrêia!

Proteja-se imediatamente com o método experimentado Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vezes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrêico do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora num mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentífrico FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com

Forhan's



Desperte a Bilis do seu Fígado

• saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. São aceito em todo o mundo. Preço Cr\$ 3.00



FEMININAS

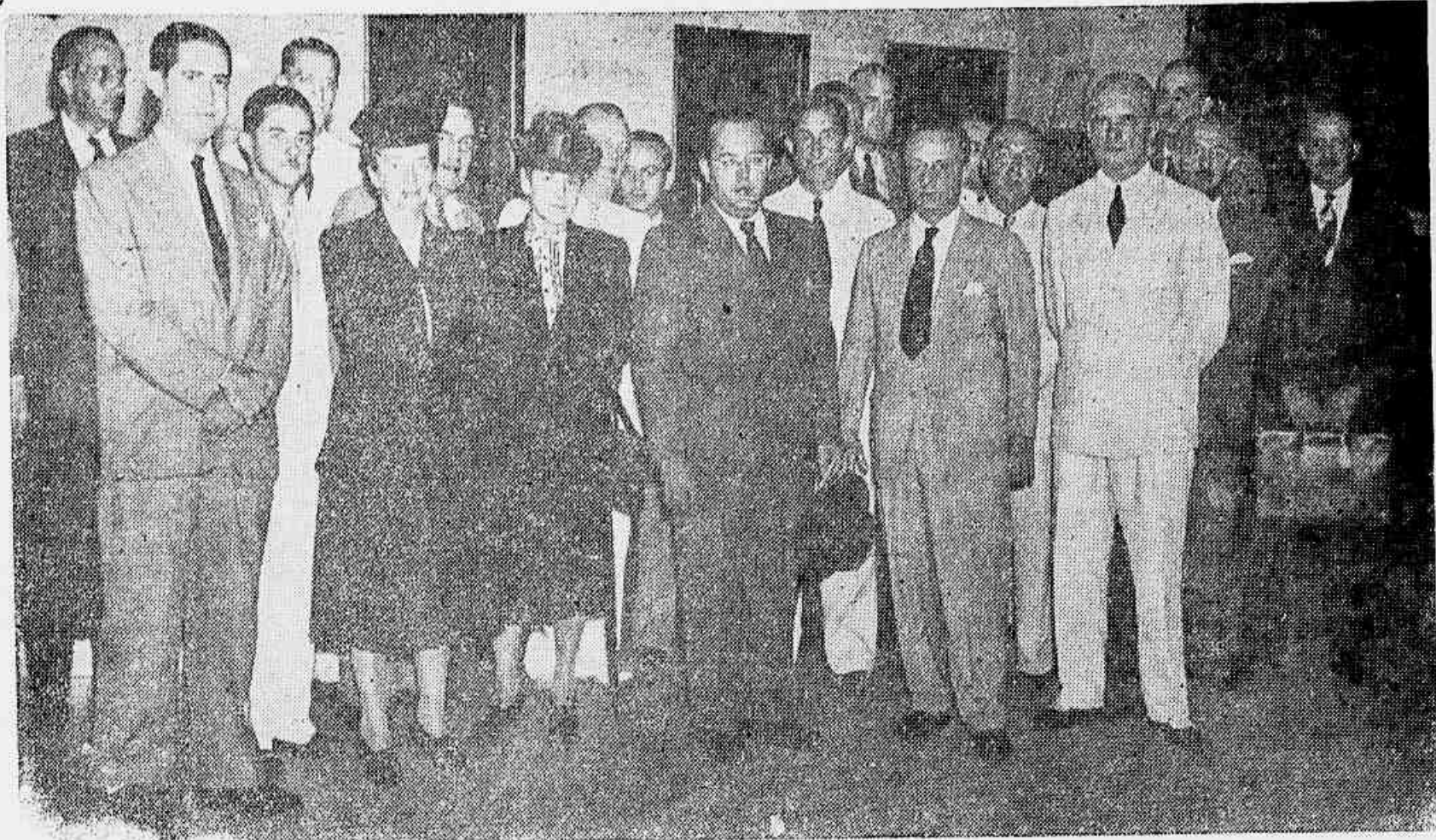
No inverno você poderá usar um "make-up" mais escuro, mas não opte nunca pelos tons arroxeados porque eles não embelezam a ninguém.



As "sweaters" são muito graciosas, joviais, mas, não as use si é gorda ou si tem busto grande. O espetáculo não seria nada elegante.

A FECULA DE BATATA

Ha ingredientes de cosinha dum emprego tão variado que se tornam interessantes apesar de sua banalidade. Citaremos entre outros a fecula de batata, essa farinha impal-



PRIMEIRA CONFERENCIA INTERAMERICANA DE SEGUROS — Seguiu com destino a New York, para participar da 1.ª Conferência Hemisférica de Seguros, organizada pela Camara de Comércio Americana e sob os auspícios da Junta Interamericana de Comércio e Produção, de Montevideu, o dr. Angelo Mario Cerne, Diretor-Gerente da Cia. Internacional de Seguros, Conselheiro efetivo do Conselho Técnico do Instituto de Resseguros do Brasil e conhecido advogado de nosso fôro. O flagrante acima foi tomado por ocasião do seu concorrido embarque, onde figuravam Diretores e altos funcionários da Cia. Internacional de Seguros, Diretores de outras Companhias de Seguros e pessoas de relêvo da nossa melhor sociedade. O dr. Cerne foi convidado para fazer parte da comissão de recepção da Conferência e também designado para falar na sessão inaugural.

pavel, utilizada duma maneira corrente para engrossar os molhos, ajudando a economia da casa, permitindo obter logo a consistencia desejada dos cremes, chocolates, etc. Sabe-se tambem que esta mesma fecula é empregada com sucesso na medicina em cataplasma, calmantes, e tambem muitas pessoas se servem dela como pó de arroz.

Esta fecula pode ser feita em casa. Depois de colhida a batata é descascada e raspada numa vasilha com agua, agita-se a polpa na agua e deixa-se descansar. Um deposito se forma e logo se despeja a agua com precaução, de maneira a deixar na vasilha só o deposito, que não é outra coisa senão a fecula. Resta lavar bem, vasar uma segunda vez, deixar o deposito se formar, vasar, ainda, e tirar então a fecula que deve estar duma brançura extrema. Para terminar esmaga-se sobre um pano e expõe-se ao sol. De vez em quando devemos mudá-la de pano e quando estiver seca deveremos conservá-la em um saco.

Esforço visual prolongado

Quando urgentes afazeres exigirem esforço visual extremo e continuado, e seus olhos se ressentirem, pingue-lhes **LAVOLHO**. Para acalmar e tratar os olhos irritados, avermelhados e lacrimejantes, **LAVOLHO** é inexcelvel.



LAVOLHO

Higieniza os olhos



Adquira o direito de ser jovem e bela usando **VELAS ANTISSEPTICAS**



EM TODAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Succssora de Mappin Stores

P. Ramos de Azevedo, 131

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras costumam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc.! Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos vícios da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento muito acentuar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao regulador que é fabricado de acordo com a natureza deles: **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A INTRUSA

(Continuação da pág. 42)

ouvia o eco dos próprios passos... Desceu à cozinha mais uma vez. Ninguém, todos desaparecidos. Havia uma escada que levava à adega.

Desceu. Lá em baixo, nada. Acendeu a luz. Naquele momento distinguiu, no escuro, um vulto deitado... Ouviu um gemido. Aproximando-se verificou que o homem estava ago-

nizante. Com surpresa reconheceu nele o antigo mordomo, que ele empregara antes da guerra, antes de partir.

— Dr. Alan...

O homem mal tinha forças para falar.

— John! Que foi isso...

— Um punhal, dr. Ela com um punhal...

— Ela quem?

— A outra. A outra que prendeu sua mulher.

Mas não deixe que ela leve as meninas doutor. Ela quer as meninas também...

Um estranho pressentimento que Alan tivera concretizou-se.

— Quem é ela?

O homem fez um esforço su-

premo e, num último arquejo, murmurou:

— Não sei.

Depois caiu para um lado. Alan abaixou-se auscultou-lhe o coração! estava morto.

★

Evidentemente, o endereço que ela lhe dera estava errado. Como encontrar, no mundo, aquela mulher que fugia, levando suas filhas? Por que ela raptara sua esposa? Por que levava, agora, suas filhas?

Passeava, pela casa deserta, impaciente, querendo formar um plano, reconhecendo que agir sem pensar seria inútil e ao mesmo tempo, sem saber o que deveria fazer.



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



V. TARQUINO

De repente, ele lembrou-se. Se Joan houvesse deixado alguma pista, algum indício, ao ser levada...

Mas, onde? Como? Uma idéia que estava batendo às portas do consciente há bastante tempo explodiu de repente. Como não se lembrara ele antes. Se ela tivesse tido tempo, se houvesse possibilidade de deixar alguma mensagem, seria, justamente, na caixa do correio. Não pôde deixar de sorrir mesmo naquele momento ao recordar as loucuras que faziam quando, recém-casados, ele ia de manhã colocar na caixa do correio cartas que ela lia na sua frente, muito séria como se fosse de um amigo distante.

— Mrs. Parker, que é que a senhora está lendo?

— A carta de um admirador. Ele fingia-se zangado.

— Não admito isso.

— Quer dar um soco nele?

— Lógico.

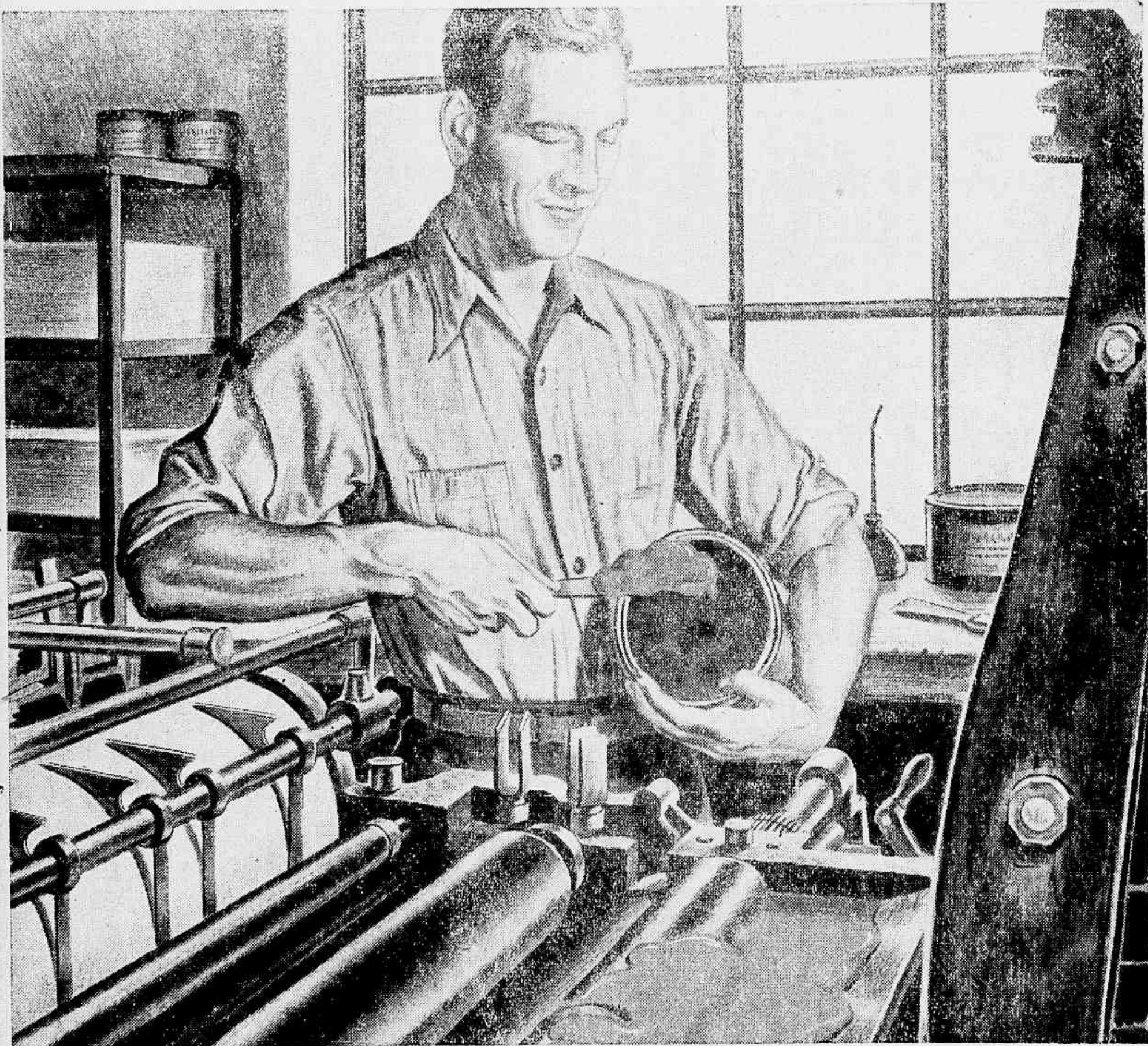
— Então dê, dizia ela e entregava-lhe um espelho. Depois riam, loucamente.

Sim, ela deixaria um recado, se pudesse. Correu para a caixa do correio. Nervosamente abriu. Nada. Vazia. Mas enfiado de um lado, um pouco escondido, havia um pedaço de papel. Abriu-o, impaciente e leu:

— Condado de Kent, Castelo de Bretton, Palmerstone.

★

Os acontecimentos, a seguir, precipitaram-se. Alan guardou daqueles momento uma série de impressões. O policial com quem falou, o trem que tomaram. O rosto espantado de Pamela. A entrada forçada no castelo e finalmente Joan, magra, pálida, abatida e, também as meninas. Depois, ele recordava o momento em que, reunidos, em presença do policial, Joan contara tudo.



PETROLEO... Impressor de notícias...

As enormes e barulhentas rotativas e máquinas que imprimem os jornais as revistas e os livros que lemos, são lubrificadas com produtos de petróleo. Sabia o leitor, entretanto, que também em suas tintas se emprega largamente o petróleo? Os laboratórios Esso desenvolveram uma enorme variedade de preparados que atendem, de modo econômico e adequado, a inúmeras necessidades da impressão... facilitando, assim, uma distribuição de notícias e conhecimentos mais vasta que antes. Esta contribuição da Organização Esso é uma das muitas razões para sua reputação como líder da indústria do petróleo, desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

— E' de fato minha irmã, Pamela. E é o que mais me punge. Por que ela quis me matar a mim e minhas filhas só para receber uma herança, que, há anos, de acordo com estipulação do testamento, passa para a linha feminina da família. Se eu não existisse, nem minhas filhas, ela herdaria. Trouxe-me para cá. Mas é preciso explicar o que aconteceu antes. Ela queria envenenar-me lentamente, para que parecesse uma doença e o médico poder dar um atestado de óbito diferente. Minhas filhas teriam o mesmo destino. Para isso, mudou todos os criados, exceto o mordomo, que era seu cúmplice. E prosseguiu no seu trabalho. Mas acabou a guerra. Você anunciou sua volta sem que ela tivesse tempo de terminar o "trabalho". Resolveu então trazer-me para aqui. Mas antes fez-me escrever a você aquela carta. E depois, preparou-se para partir. Queria ganhar tempo. Levou as meninas e deu um endereço fictício. Assim ver-se-ia livre de você por algum tempo. Você chegara pouco antes dela partir. Mandou-me levada pelos criados de sua confiança, na noite em que você chegou. Mas eu tive tempo de escrever o endereço dessa propriedade que nosso pai deixou para ela. No dia seguinte persuadiu você a confiar-lhe as crianças. Mas ao partir, como o mordomo exigisse muito pelo seu silêncio, exas-

perada, já não podendo mais voltar atrás, matou. E foi aí que o seu plano se quebrou. E assim você descobriu a verdade.

O policial que ouvira o relato em silêncio, murmurou:

— Que cupidez! Só pelo dinheiro ela foi capaz de tudo isso...

Joan sorriu:

— Não só o dinheiro. Mas ela esperava, depois de tudo, fazer-se amiga e conselheira de Alar, mostrar-se boa nos momentos de tristeza, a fim de que ele, agradecido, viesse mais tarde a casar-se com ela.

Mas como poderia ela ter pensado tudo isso, se não o conhecia?

— Tinha-se apaixonado por um retrato...
O detetive abriu a boca, espantado. Depois murmurou:
— Inacreditável!

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sab. Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....



Perfume

NARCISO AZUL

de GALLY

Eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Talco

Senhoras!
Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crimes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O rijo, o brilho de uma pele viva e sediz volta a superar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-a.

É um produto das Laborações Alvin & Freitas.

À VENDA EM TODO O BRASIL

D. Ferraz e

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A INTRUSA

(Continuação da pág. 42)

ouvia o eco dos próprio passos... Desceu à cozinha mais uma vez. Ninguém, todos desaparecidos. Havia uma escada que levava à adega.

Desceu. Lá em baixo, nada. Acendeu a luz. Naquele momento distinguiu, no escuro, um vulto deitado... Ouviu um gemido. Aproximando-se verificou que o homem estava ago-

nizante. Com surpresa reconheceu nele o antigo mordomo, que ele empregara antes da guerra, antes de partir.

— Dr. Alan...

O homem mal tinha forças para falar.

— John! Que foi isso...

— Um punhal, dr. Ela com um punhal...

— Ela quem?

— A outra. A outra que prendeu sua mulher.

Mas não deixe que ela leve as meninas doutor. Ela quer as meninas também...

Um estranho pressentimento que Alan tivera concretizou-se.

— Quem é ela?

O homem fez um esforço su-

premo e, num último arquejo, murmurou:

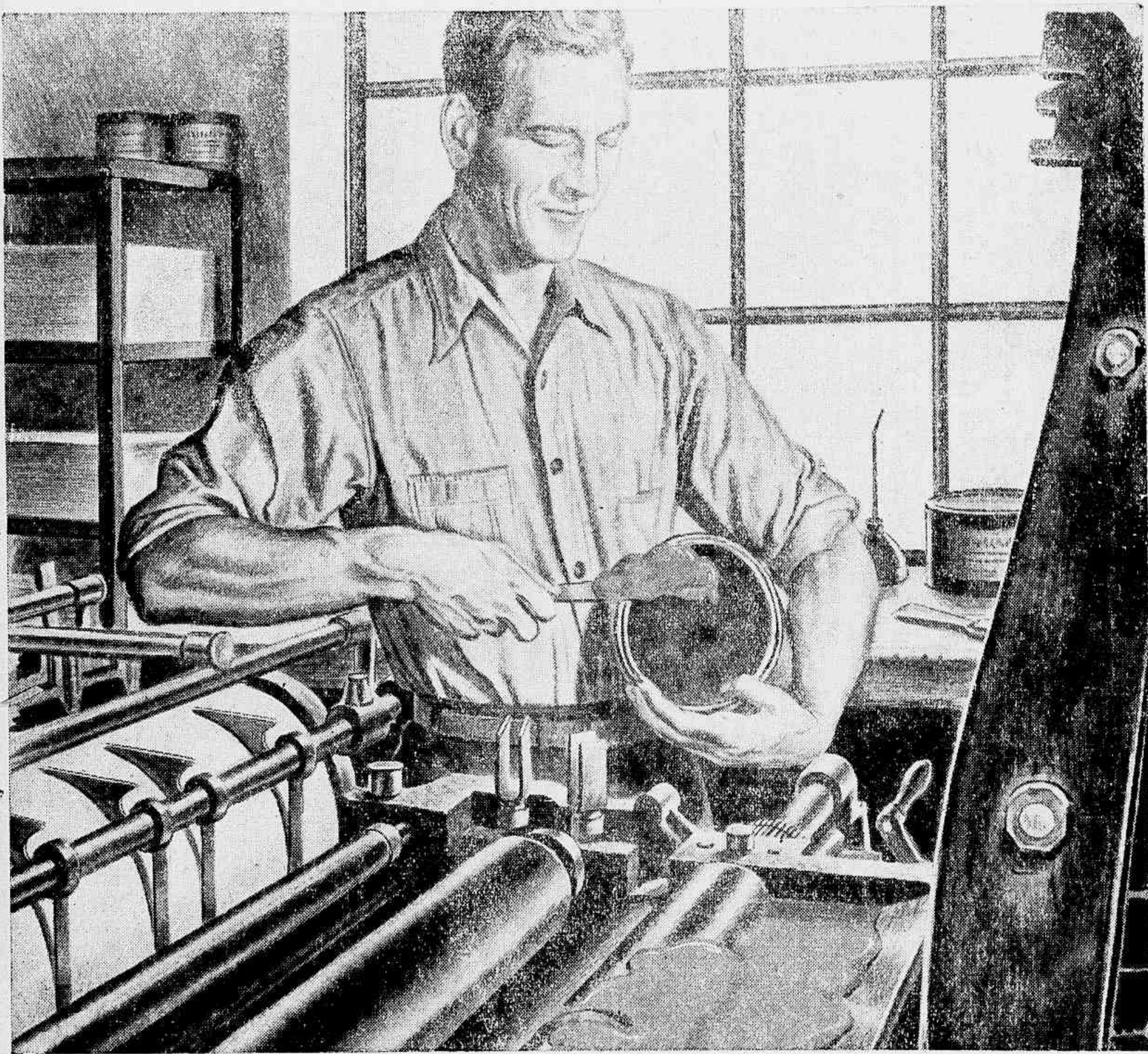
— Não sei.

Depois caiu para um lado. Alan abaixou-se auscultou-lhe o coração! estava morto.

★

Evidentemente, o endereço que ela lhe dera estava errado. Como encontrar, no mundo, aquela mulher que fugia, levando suas filhas? Por que ela raptara sua esposa? Por que levava, agora, suas filhas?

Passeava, pela casa deserta, impaciente, querendo formar um plano, reconhecendo que agir sem pensar seria inútil e ao mesmo tempo, sem saber o que deveria fazer.



PETROLEO... Impressor de noticias...

As enormes e barulhentas rotativas e máquinas que imprimem os jornais as revistas e os livros que lemos, são lubrificadas com produtos de petróleo. Sabia o leitor, entretanto, que também em suas tintas se emprega largamente o petróleo? Os laboratórios Esso desenvolveram uma enorme variedade de preparados que atendem, de modo econômico e adequado, a inúmeras necessidades da impressão... facilitando, assim, uma distribuição de notícias e conhecimentos mais vasta que antes. Esta contribuição da Organização Esso é uma das muitas razões para sua reputação como líder da indústria do petróleo, desde 1870.



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

Para a mãe e o filho

MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE

De repente, ele lembrou-se. Se Joan houvesse deixado alguma pista, algum indício, ao ser levada...

Mas, onde? Como? Uma idéia que estava batendo às portas do consciente há bastante tempo explodiu de repente. Como não se lembrara ele antes. Se ela tivesse tido tempo, se houvesse possibilidade de deixar alguma mensagem, seria, justamente, na caixa do correio. Não pôde deixar de sorrir mesmo naquele momento ao recordar as loucuras que faziam quando, recém-casados, ele ia de manhã colocar na caixa do correio cartas que ela lia na sua frente, muito séria como se fosse de um amigo distante.

— Mrs. Parker, que é que a senhora está lendo?

— A carta de um admirador.

Ele fingia-se zangado.

— Não admito isso.

— Quer dar um soco nele?

— Lógico.

— Então dê, dizia ela e entregava-lhe um espelho. Depois riam, loucamente.

Sim, ela deixaria um recado, se pudesse. Correu para a caixa do correio. Nervosamente abriu. Nada. Vazia. Mas enfiado de um lado, um pouco escondido, havia um pedaço de papel. Abriu-o, impaciente e leu:

— Condado de Kent, Castelo de Bretton, Palmerstone.

★

Os acontecimentos, a seguir, precipitaram-se. Alan guardou daqueles momento uma série de impressões. O policial com quem falou, o trem que tomaram. O rosto espantado de Pamela. A entrada forçada no castelo e finalmente Joan, magra, pálida, abatida e, também as meninas. Depois, ele recordava o momento em que, reunidos, em presença do policial, Joan contara tudo.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

— E' de fato minha irmã, Pamela. E é o que mais me punge. Por que ela quis me matar a mim e minhas filhas só para receber uma herança, que, há anos, de acordo com estipulação do testamento, passa para a linha feminina da família. Se eu não existisse, nem minhas filhas, ela herdaria. Trouxe-me para cá. Mas é preciso explicar o que aconteceu antes. Ela queria envenenar-me lentamente, para que parecesse uma doença e o médico poder dar um atestado de óbito diferente. Minhas filhas teriam o mesmo destino. Para isso, mudou todos os criados, exceto o mordomo, que era seu cúmplice. E prosseguiu no seu trabalho. Mas acabou a guerra. Você anunciou sua volta sem que ela tivesse tempo de terminar o "trabalho". Resolveu então trazer-me para aqui. Mas antes fez-me escrever a você aquela carta. E depois, preparou-se para partir. Queria ganhar tempo. Levou as meninas e deu um endereço fictício. Assim ver-se-ia livre de você por algum tempo. Você chegara pouco antes dela partir. Mandou-me levada pelos criados de sua confiança, na noite em que você chegou. Mas eu tive tempo de escrever o endereço dessa propriedade que nosso pai deixou para ela. No dia seguinte persuadiu você a confiar-lhe as crianças. Mas ao partir, como o mordomo exigisse muito pelo seu silêncio, exas-

perada, já não podendo mais voltar atrás, matou. E foi aí que o seu plano se quebrou. E assim você descobriu a verdade.

O policial que ouvira o relato em silêncio, murmurou:

— Que cupidez! Só pelo dinheiro ela foi capaz de tudo isso...

Joan sorriu:

— Não só o dinheiro. Mas ela esperava, depois de tudo, fazer-se amiga e conselheira de Ala, mostrar-se boa nos momentos de tristeza, a fim de que ele, agradecido, viesse mais tarde a casar-se com ela.

Mas como poderia ela ter pensado tudo isso, se não o conhecia?

— Tinha-se apaixonado por pantado. Depois murmurou: um retrato... — Inacreditavel!



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sub. Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

Perfume NARCISO AZUL de GALLY



Eterniza os momentos sublimes
com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Talco

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor e brilho de uma pele viva e sadia volta a aparecer com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-a.

É um produto das Laboratórios Alvim & Freitas.

A VENDA EM TODO O BRASIL

De música

Planos e Realizações

A temporada oficial, este ano, promete surpresas. Logo no início, houve a mudança na administração do Teatro Municipal, por iniciativa do Prefeito, que resolveu confiar, agora, a organização dos concertos sinfônicos ao sr. Arnaldo Guinle. O sr. Guinle imediatamente convidou a Orquestra Sinfônica Brasileira para encarregar-se dessa série, tendo sido transferido o grupo de regentes contratados especialmente pela Orquestra Sinfônica para a temporada oficial. Já estão anunciados os nomes dos maestros, figurando, entre eles, Eugene Ormandy, Charles Munsch, Macmillan e Kruger, que já nos visitou, o ano passado. A orquestra do teatro, corpo estavel,

ficará reservada para o bailado e a ópera, ainda a cargo do sr. Silvio Piergilli.

Já se acha anunciada, também, a chegada de um pianista muito popular no Brasil, para uma série de recitais: trata-se de Alexandre Brailowski que, sem dúvida, conseguiu aliar o seu nome ao de Chopin, na opinião do público.

Nem é só o Municipal que já encetou definitivamente as suas atividades musicais desta temporada que promete caracterizar-se pela ascensão, cada vez mais rápida, da música de camera. Eis aí um aspecto muito lisonjeiro para o nosso público que manifesta preferência, nesse momento, pelas qualidades, menos acessíveis porém mais puramente musicais, desse genero difficilimo.

A Sociedade Brasileira de Música de Camera, agremiação dirigida por um poeta apaixonado pela música, o sr. Manuel Bandeira, comemorou seu aniversário com um notavel concerto, no qual tivemos a oportunidade de ouvir Bach, Mozart e Vila Lobos. Trata-se

de uma sociedade que tem conseguido francos triunfos nas suas principais iniciativas contando-se entre elas a apresentação, no ano passado, de obras de Vila Lobos, Francisco Braga, Radamés Gnattali et outros compositores brasileiros.

Tambem a Cultura Artística teve a oportunidade de oferecer aos seus associados um concerto do Quarteto O'Lenner. A Cultura Artística está revelando, nesta temporada, um seguro discernimento na escolha dos artistas, sendo que o sucesso do quarteto Lenner constituiu acontecimento de grande significação. Por outro lado, esse mesmo conjunto foi convidado pela Sociedade do Quarteto para dar um recital sob seu patrocínio. O programa com Haydn, Beethoven e Bela Bartok agradou muito. E' notavel a homogeneidade do Quarteto Lenner, a excelência individual de cada um dos intérpretes não prejudicando o conjunto, afinado, com preocupações de brilho. Respira-se, nesses concertos, um clima de verdadeira arte.

Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...



limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso
não há como
Kolynos



o creme
dental
antisséptico

basta um cm.
na escova
seca!

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

UMA CIDADE EM FESTA

PARA RECEBER SEUS FILHOS E AMIGOS AUSENTES — UTILIAM-SE OS PREPARATIVOS PARA AS COMEMORAÇÕES DO "DIA DE CACHOEIRO"

Não sabemos de iniciativa, no Brasil, com as características do "Dia de Cachoeiro". Trata-se de uma cidade, a bela e progressista Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, que, todos os anos, dedica o dia 29 de Junho aos seus filhos e amigos ausentes, recebendo-os com um interessantíssimo programa de festas de caráter absolutamente popular.

Realizadas pela primeira vez em 1939, as comemorações do "Dia de Cachoeiro" vêm se repetindo, todos os anos, com um êxito sempre crescente, constituindo, sem favor, a festa de maior repercussão, brilho e concorrência do próspero Estado. Vão adiantados os preparativos para que, este ano, a data festiva mantenha a sua tradição: — autoridades e povo trabalham decididamente com essa finalidade e tudo faz crer que em 1946, o "Dia de Cachoeiro" assumirá proporções extraordinárias, fazendo convergir para a Princesa do Sul capixaba milhares de cachoeirenses ausentes e visitantes de todos os pontos do país. Já foi solicitado à Leopoldina Railway o abatimento de cinquenta por cento que tem sido concedido habitualmente aos excursionistas; o Governo do Estado, em colaboração com o Ministério da Agricultura, deliberou instalar, nessa data, a 4.ª Exposição Regional de Pecuária; a Prefeitura providenciou a repetição da Exposição de Produtos Agrícolas e Industriais do Município, e várias comissões ultimam os programas de cerimônias religiosas em louvor de São Pedro, Padroeiro da cidade, de competições esportivas, horas artísticas e múltiplas diversões populares, algumas das quais de saboroso cunho regional.

Por tudo isso, verificamos que as perspectivas são magníficas e continuamos esperando as surpresas prometidas, porque, se o que se tem realizado já satisfaz, contamos com os projetos apresentados de uma temporada lírica diferente, com óperas mais bem escolhidas, uma série de concertos sinfônicos com programas especiais. E é preciso não esquecer que a Prefeitura tem continuado com sua série de concertos populares, de entrada franca, que põe ao alcance do povo um pouco de música erudita.

Já lembramos, aqui, o crescente interesse do público carioca pela música de camera que se evidencia na fundação de inúmeras sociedades que realizam concertos especiais. Queríamos apontar, nesta crônica, alguns dos fatores que, a nosso ver, contribuirão decisivamente para esse desenvolvimento. Está fora de dúvida que a música de camera é, de todos os gêneros, o que exige um gosto musical mais puro, uma apreciação mais exata das qualidades propriamente musicais da obra. Já a ópera nos fornece uma série de fatores, sem dúvida importantes, mas que desviam a atenção e permitem que alguém, sem ter, na realidade, uma propensão marcada pela música, possa apreciar o espetáculo que tem, além de tudo, o interesse dramático ou literário. Os concertos sinfônicos oferecem menos campo ao desvio, porém ainda assim estão suficientemente impregnados pela tendência literária romântica. É curioso observar que a passagem da hegemonia da ópera, no seio do público, para a qualidade mais rara da música de camera, se fez através do gênero sinfônico, que constituiria, assim, uma espécie de meio termo.

Está fora de dúvida que teremos que relacionar esse interesse pelos concertos sinfônicos com o aparecimento da Orquestra

Sinfônica Brasileira e a popularidade alcançada por seus regentes. Tirando o público da ópera, eles estavam preparando para a música de camera, que é, aliás, o gênero preferido pelos compositores nessa época em que a música pura faz valer os seus direitos. Lembrei, certa vez, aqui, a frase de Francis Toye, que, em palestra, disse-me, certa vez, que "estamos na era da música de camera", uma declaração bastante importante porque parte de um entusiasta da ópera sobretudo da ópera italiana, autor de dois magníficos trabalhos sobre grandes compositores de óperas.

Não foi somente, contudo, a ação da OSB, com seus concertos. Seria oportuno salientar aqui também, o curso acessório de estética musical, regido pelo maestro José Siqueira, a que o público comparece para familiarizar-se com determinadas noções que o permitam apreciar as qualidades musicais da obra. Eis aí um fato importante. A razão de ser da apreciação de fatores extra-musicais nas obras, por parte do público, reside, a nosso

ver, precisamente na ignorância do público dos meios de expressão da linguagem musical, cuja autonomia, em face das outras artes, cabe reclamar. As muletas literárias podem ser desprezadas, uma vez que se trilhe em terreno firme, preparado por uma indispensável divulgação de determinados fundamentos teóricos.

Por outro lado, também a familiarização com as grandes obras sinfônicas poderia trazer, àqueles dotados de genuína propensão, justamente o que faltava para que, intuitivamente, apreciassem a música como deve ser apreciada.

Não é lícito esquecer, aqui, aliás, o que nesse sentido tem feito Maciel Pinheiro, que, de seu gabinete, na Prefeitura, trabalha silenciosamente mas eficientemente para a ampliação da divulgação musical em todo o Brasil. Os concertos gratuitos são fator importante no desenvolvimento do gosto pela arte.

Roberto Lyra Filho



A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. Tônico Oriental, singularmente perfumado, nutre os filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita a queda e dá brilho, vigor e maciez aos cabelos.

Tônico
ORIENTAL

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Numeros atrasados desta
revista no Pará
PEDIR A
Albano H. Martins & Cia.
RAVESA CAMP'S SALES 85 - BE FM

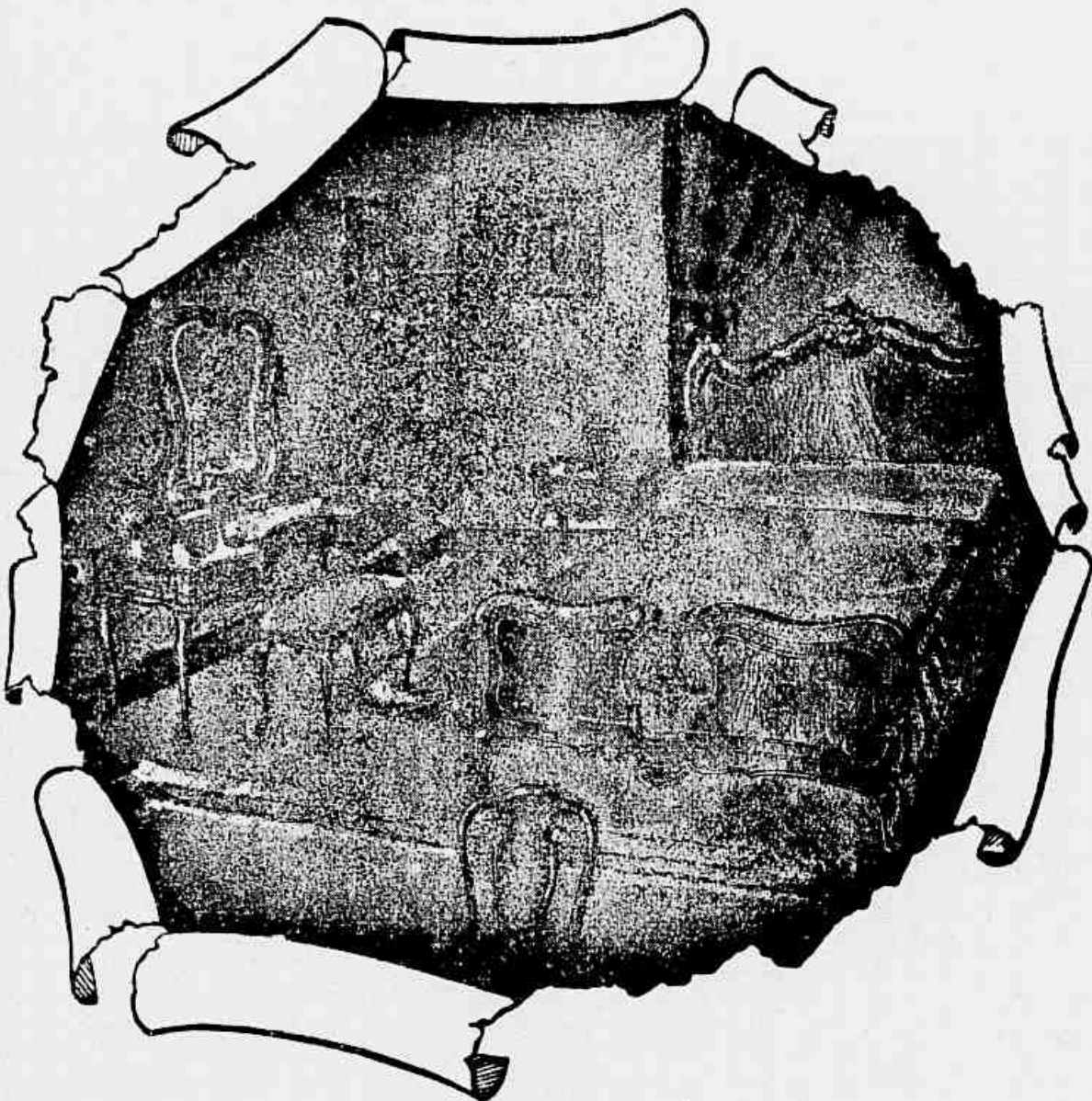


Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

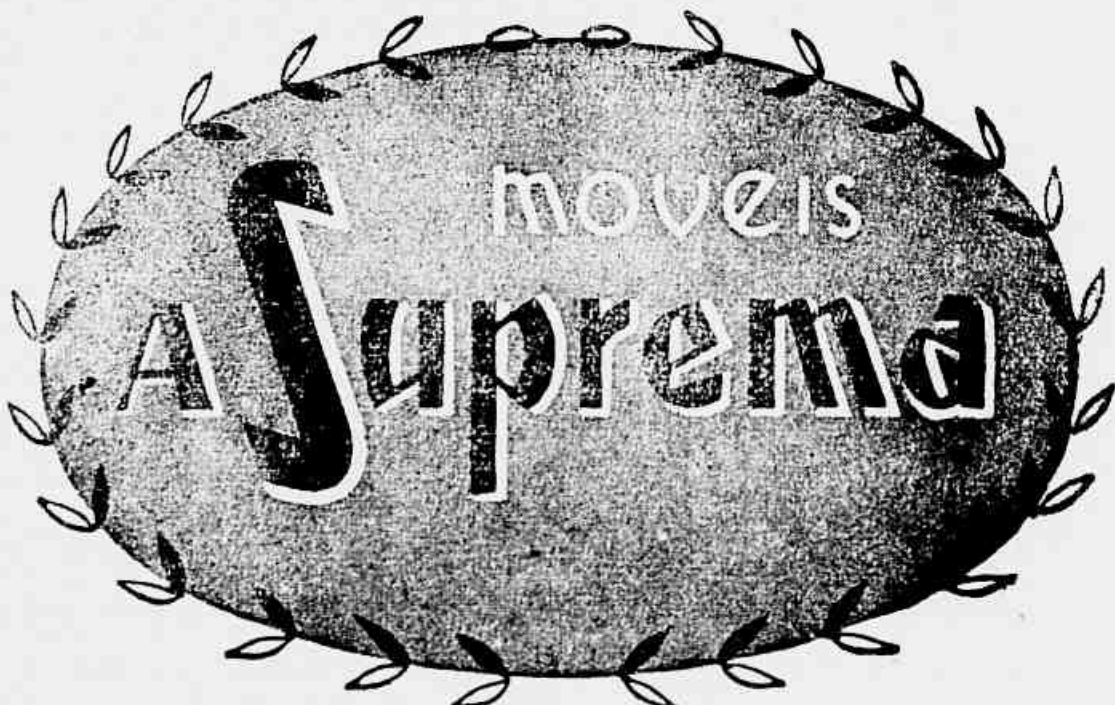
A VENDA EM TODO O BRASIL

R.F.



Na realização do seu maior sonho...

Neste dia feliz de maio, não esqueça um detalhe que muito ha de contribuir para sua felicidade: u'a mobilia em estilo representa mais um elo de aproximação na vida de um casal.



RUA DO CATETE, 105

OSERVADOR. D. B.



Esses quatro chinesinhos são as mascotes da tropa britânica do Pacífico, na guarnição de Hong Kong, e ali fôram adotados pelos militares. Na gravura, o almirante Sir Bruce Fraser, comandante em chefe da Frota Britânica, em palestra com os garotos orientais, que já então falavam correntemente o diôma inglês.

ATUALIDADES

O major-general Gracey, chefe da Comissão Aliada de Controle da Indo-China Francesa, presenteando o general Leclerc, comandante em chefe das forças francesas no Extremo Oriente, com uma espada capturada aos nipônicos pelos indianos. Aspecto da entrega da espada japonesa em cerimônia assistida por grande multidão.



Esse hom
os nazista
Thomas,

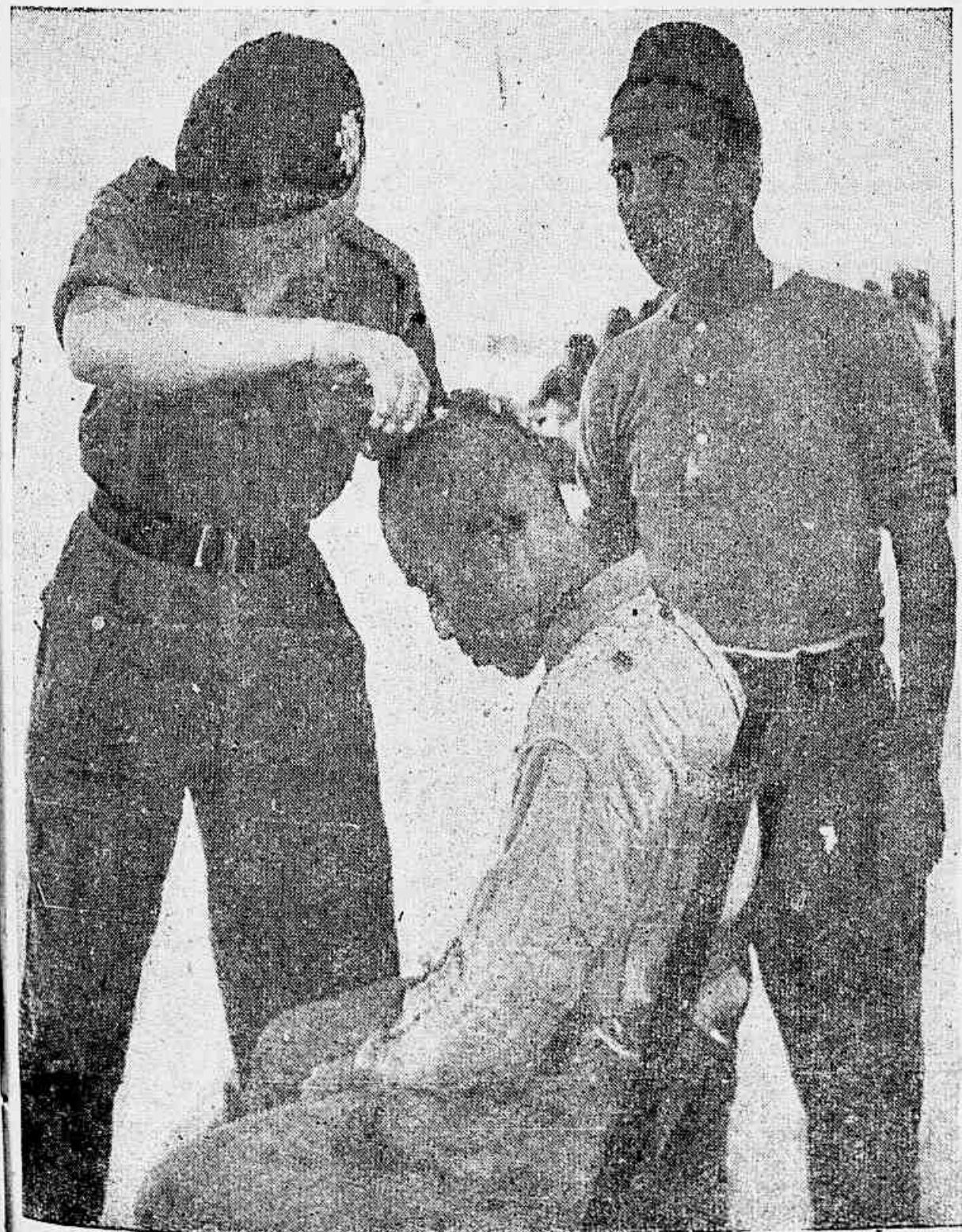
M
Um solda
em Hong
mudou d
fo



Esse homem que aí está, acendendo o charuto, ganhou a Cruz George por ter enganado os nazistas em um esquite. Ele fingiu estar morto, quando comandante de Forest E. Ye-Thomas, tendo coordenado o movimento francês de resistência antes da invasão aliada. Foi condecorado "por sua espantosa coragem e devoção ao dever".

MUNDIAIS

Um soldado britânico foi improvisado em barbeiro, para tosar os prisioneiros japoneses em Hong Kong. Construída pelos britânicos antes da guerra, a cadeia de Hong Kong mudou de mãos por várias vezes. Foi prisão de assassinos e criminosos e depois transformada pelos japoneses em local para confinamento de civis internados.



VOCÊ QUER ADIVINHAR A VONTADE DE QUALQUER CRIANÇA?

ofereça-lhe

Guarana' Champagne

Nada lhe agradará mais do que um bom refrigerante. E refrigerante que seja gostoso e faça bem, só o GUARANA' CHAMPAGNE

GENUINAMENTE BRASILEIRO 3 COPOS NUMA GARRAFA

É UM PRODUTO

ANTARCTICA

* Continental

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



TRANSPIROL

Frigia

é simplesmente
notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: KERMANNY - C.P. 247 - RIO

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Com um "tailleur" e algumas blusas diferentes, você poderá atravessar uma estação inteira. Aqui apresentamos um "tailleur" de lã azul marinho, de linha nova, e diversas blusas. A primeira é de lingerie branca, pala pespontada nos ombros, donde saem pequenos franzidos. Gola formada por um laço da mesma fazenda. A segunda blusa é de seda azul claro, pala pespontada e largas pregas também pespontadas. Sem gola. Grupos de dois botões. Finalmente a terceira é em lã quadriculada azul e branco, esportiva, gola alta, botões do mesmo tecido.



"Tailleur" e blusas



DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE - PRISÃO DE VENTRE
Aplicação Especial e Nutrição (regime). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES
Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral de Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes - R. Alvaro Alvim, 27-3.º andar sala 33 - Cinc.
Médica, Fone: 22-5116 ramal 33 e 25-4990 - Consultas Das 12 às 18 horas.

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Senhoras ouvintes. Sonia está numa situação embaraçosa. na próxima vez assistiremos a continuação desta empolgante história. Mas antes do nosso boa tarde, ouças a defeza de uma das personagens: — NADIR. Aqui está Nadir para lhes falar...

NADIR — Senhoras ouvintes, ajudem-me a resolver o meu problema: Madame Sonia, essa estranha criatura, cheia de mistério: — avisa-me que serei feliz casando-me com Roberto. Ele, realmente parece-me por vezes um homem sem moral, capaz das maiores beizezas. Mas eu a amo e espero que o meu amor consiga regenera-lo. Que dêvo fazer? Casar-me com êle? Deixar que êle continue com Madame Sonia? Ou ambas devemos desistir? Responda-me por favor, querida ouvinte.

QUINTO CAPITULO

CONTROLE — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Sonia a vidente, vem encontrar a sua propria filha, Nadir, apaixonada por Roberto, o homem que ama. Mais tarde, Juvenal, um cientista, desmascara Sonia pelos jornais, declarando quais os trucs por ela usados. Lidia, esposa de Juvenal, vem agradecer a Sonia o ter precipitado os acontecimentos, fazendo assim que se rompesse uma ligação de muitos anos e infeliz. E nesse instante entra Tag que anuncia...

CONTROLE — SOBE A MUSICA E DESAPARECE

TAG — Sonia, a policia acaba de chegar...

SONIA — A policial

LIDIA — Em má hora vim visitá-la.

SONIA — Não. Creio até que foi bom. A senhora fará o favor de esperar. (OT) Tag, mande entrar...

TAG — Tenha a bondade, senhor Inspetor.

INSPETOR — Boa tarde, minhas senhoras.

SONIA — Queira se aproximar, senhor. Aqui tem uma cadeira.

INSPETOR (APROXIMANDO) — Minha senhora, a minha missão é bastante desagradável.

SONIA — Mas é seu dever. Cumpra-o. Tag, facilite ao senhor Inspetor tudo o que ele desejar ver.

INSPETOR — Eu não vou examinar coisa alguma, minha senhora.

SONIA — Terá vindo acaso para uma consulta?

INSPETOR — Não...

SONIA — E' pena. Eu poderia dizer, por exemplo, que o senhor tem uma loira em sua vida...

INSPETOR — Como sabe?!

SONIA (NUMA GARGALHADA) — O medalhão que o senhor usa na corrente está aberto. E' uma bonita creatura. Sua esposa?

INSPETOR — Sim, senhora.

SONIA — Parabens Deve ser uma companheira ideal. Tem gentio calmo, tranquilo...

INSPETOR — Mas isso...

SONIA — Não se assuste. Os traços fisíonómicos quasi sempre são espelho da alma. E eu tenho 15 anos de prática, meu amigo. (OT) Mas vejamos: o que deseja de mim?

INSPETOR — Tenho ordens para levá-la.

SONIA — Presa?

INSPETOR — Não, senhora. Não podemos prender ninguém sem provas...

TAG — Sabemos disso. Aliás eu conheço a Lei nesse sentido em todos os países da America e em alguns da Europa. Existem periodos de maior ou menor liberdade...

INSPETOR — O sr. Comissário desejava lhe fazer algumas perguntas...

TAG — Trata-se do caso do cientista, creio eu?

INSPETOR — Exatamente.

SONIA — Poderia eu saber de que me acusam?

INSPETOR — Minha senhora, quem vai interrogá-la é o comissario. Eu apenas vim convidá-la a que me acompanhe. Mas si deseja saber o meu ponto de vista, acho que a senhora fez muito mal.

SONIA — E por que?

INSPETOR — A senhora destruiu uma familia.

LIDIA — Engana-se, senhor Inspetor. Madame Sonia deu felicidade a uma creatura que há vinte anos vivia num inferno. Ela fez a caridade de separar duas pessoas que se martirizavam mutuamente durante tanto tempo.

INSPETOR — Então a senhora acha que o que ela fez foi um bem?

LIDIA — Acho.

INSPETOR — E baseia-se em quem para fazer essa afirmativa?

LIDIA — Eu sou a esposa do Professor Juvenal, cavalheiro. Estou aqui agradecendo á madame Sonia.

INSPETOR — A esposa dele?! Mas então...

LIDIA — Madame Sonia, eu terei prazer de acompanhá-la até á Delegacia... Ao seu depoimento quero juntar minhas declarações.

TAG — Sonia, acredito que mais uma vez vencemos.

SONIA — Eu tambem, Tag. Agora providencie o carro.

TAG — Já está á espera.

SONIA — Sempre adivinhando meus pensamentos, Tag. Vamos, senhor Inspetor.

INSPETOR — A's suas ordens, madame.

TAG — Sonia, aproveite para publicidade. Os repórteres estão á porta, esperando a sua saída afim de fotografá-la.

SONIA — Esplendido. Senhor Inspetor, não quer me algemar?

INSPETOR — Não é necessário.

SONIA — Mas daria um grande efeito. Vamos enfrentar os fotógrafos, e depois conhecer a prisão... Quando os jornais noticiarem...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

NADIR — Ah! finalmente estou livre dela...

ROBERTO — De quem, Nadir.

NADIR — Sonia.

ROBERTO — Como assim?

NADIR — A policia acaba de prendê-la.

ROBERTO — Não é possível!

NADIR — Veja a noticia nos jornais da tarde. Madame Sonia, a vidente presa... Ela não previu que a sorte ia mudar, pois não teve tempo para fugir.

ROBERTO — Ela devia saber com muita antecedença que ia ser presa.

NADIR — Então por que esperou que a policia chegasse?

QUARTO CAPITULO

CONTROLE — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Sonia, a vidente, começou a soltar uma campanha pelos jornais. No entanto, isso não a impressionou. O que mais a preocupa é Nadir. Nadir é filha de Sonia, embora ignore tal fato. E está amando Roberto, a grande paixão de Sonia. Certa tarde, após ter atendido o Professor Juvenal, um cientista que pretende desmascarar Sonia, entra Nadir. Sonia tenta se recusar a recebê-la, mas deixa-se vencer pela teimosia da moça...

CONTROLE — Pronto. Agora estamos sós. O que deseja?

NADIR — O que fez a senhora?

SONIA — Nada. Desde ontem que não saio de casa. Até agora só atendi clientes.

NADIR — A senhora desgraçou com a minha vida. Roberto abandonou-me. E foi por sua causa...

SONIA — Por que diz que ele a abandonou?

NADIR — Desde aquele dia em que vim consultá-la ele não mais me procurou.

SONIA — Porque eu lhe disse que sabia de tudo. E ele está com medo.

NADIR — Medo de que?

SONIA — De perder-me. Viu a classe de homem a que pertence Roberto? Compreendeu agora que ele não a pode fazer feliz?

NADIR — E como a senhora o ama?

SONIA — Amo-o conscientemente, na certeza que só encontrarei lama no lugar do coração.

NADIR — E por que então quer me impedir de amá-lo?

SONIA — Eu lhe disse que o amo conscientemente. Você o ama de modo diferente. Para você Roberto é um semi-deus. O meu amor é todo físico. As baixezas de Roberto, a sua falta de caráter não me atingem a alma. Eu o amo á flôr da pele... E quanto a você...

NADIR — Que tenho eu?

SONIA — Você o traz guardado no recanto mais puro de sua alma de quasi criança.

NADIR — Eu tenho vinte anos...

SONIA — Eu também já tive vinte anos, Nadir. Ah! quando se ama assim, pela primeira vez, como tudo é belo, grandioso, puro! E como é doloroso ver ruir por terra as imagens que foram construídas pelos nossos sonhos! Chora-se lágrimas de fogo, que queimam, causticam, marcam com sua passagem sulcos em nossas faces. Olhe para mim... A comissura dos meus lábios era como são os seus, para o alto, numa expressão dum sorriso que vai nascer... Agora meus lábios caem, e é preciso um esforço muito grande da vontade para que meu rosto não seja u'a máscara de dôr, de desilusão e amargura. Eu quero que você conserve enquanto for possível, essa expressão bôa e feliz, ingenua e terna, de sonho e beleza...

NADIR — E que posso eu lhe interessar?

SONIA — Muito mais do que pensa. Todos me interessam... No fundo de mim mesma, guardo a sombra de uma creatura compassiva e bôa. Tentei matá-la diversas vezes. Mas é inútil... Si eu fosse má! Ah! si eu pudesse ser má como desejo...

NADIR — E ainda tenta fazer se passar por compassiva

e bôa. A senhora é cruel e eu a odeio. Está ouvindo? Odeio!

SONIA — O seu ódio não me fere, Nadir. Ainda que sua mão se amasse, ainda que a morte me viesse dessas mãos bonitas, eu beijaria seus dedos. Eu a bendiria, querida...

NADIR — Não compreendo... Não a posso compreender.

SONIA — Não procure decifrar a esfinge. Siga o seu caminho e deixe os mistérios para outros.

NADIR — Eu não vim para ouvir palavras ôcas e inúteis. Vim para saber o que fez a senhora para que Roberto me abandonasse.

SONIA — Eu nada fiz... Se lhe dissesse que fiz feitiço, passes de magia, você iria rir-se de mim... Nada fiz. Disse-lhe apenas que você é uma linda criança e que era um crime ele brincar com o seu coração.

NADIR — Ele não está brincando comigo. Roberto ama-me e vai se casar comigo.

SONIA — Talvez... Talvez ele se casasse com você.

NADIR — Por que diz "talvez"?

SONIA — Nos bancos deste país existem em seu nome 3 milhões de cruzeiros. Você possui propriedades no valor de... de uns 500 mil cruzeiros...

NADIR — Como sabe disso?

SONIA — Eu sou uma vidente...

NADIR — E sabe então quem deposita esse dinheiro em meu nome? Será capaz de explicar o mistério de minha vida?

SONIA — Sua tia nunca lhe disse nada?

NADIR — Disse apenas que minha mãe morreu e que meu pai é um artista muito rico e boêmio que anda pela Europa, mandando de vez em quando um cheque para aumentar a minha conta de banco...

SONIA — Sabe o nome de seu pai?

NADIR — Não... Minha tia disse que esse é um segredo que só me será revelado quando eu completar 21 anos.

SONIA — Sim... Um segredo que está num envelope lacrado. A última carta de sua mãe.

NADIR — E me diz essa carta? Vamos, a senhora que é vidente, que adivinha tanta coisa, diga-me, o que existe nesse envelope?

SONIA — É um segredo, Nadir. O segredo duma mulher que morreu há tanto tempo. Eu devo respeitá-la.

NADIR — Tolices... Eu, às vezes chego a me deixar dominar pelo seu tom de mistério, pelo que diz adivinhar... Truqs e nada mais.

SONIA — Eu tenho mentido muito. Mas a você, Nadir, eu jamais diria u'a mentira.

NADIR — Então responda-me: — Roberto voltará? Ele irá me procurar? Vamos! Que lhe diz a sua ciência?

SONIA (TRISTEMENTE) — Roberto voltará, Nadir. Até ao fim desta semana ele irá procurá-la. E lhe dirá que eu não represento nada em sua vida. Que fui apenas uma aventura a mais... Uma aventura que já dura há bastante tempo. Se queixará que pretende me deixar, mas teme o escândalo. Dirá isso e outras mentiras.

NADIR — E qual a verdade?

SONIA — Pergunte a ele. Ele, si não fosse uma canalha, poderia lhe dizer toda a verdade...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

ROBERTO — E' mentira, Nadir. E você fez muito mal de procurar essa mulher...

NADIR — Essa mulher com quem você vive há tanto tempo.

ROBERTO — Ouça, Nadir: Sonia nada mais foi em minha vida que uma aventura. Uma aventura que dura há muito tempo...

NADIR — E por que não a deixa então?

ROBERTO — Pretendo deixá-la, mas tenho medo do escândalo. Compreende, ela é u'a mulher que nada terá a perder com um escândalo. Para ela será publicidade. Mas para mim...

NADIR — Interessante...

ROBERTO — Por que ficou assim, pensativa?

NADIR — Estou lembrando as previsões de Sonia. Ela me disse que você voltaria. E que iria me dizer exatamente isso. E foi quasi que com as mesmas palavras!

ROBERTO — Você voltou então a falar com ela?

NADIR — Voltei.

ROBERTO — E que pretende?

NADIR — Que ela o deixe em paz.

ROBERTO — Fez muito mal. Eu já lhe disse que não a procure. Sonia é u'a mulher terrível. Ela é capaz de tudo.

NADIR — Sim... Começo a temer que ela possa ter influencias em meu espirito.

ROBERTO — Tolices. Você não é um espirito fraco para se deixar influenciar por uma charlatã.

NADIR — Uma charlatã bastante inteligente. E bonita... E que consegue por medo em você. E' o que não compreendo, Roberto: — si vocês nada têm um com o outro, por que não se liberta dela? Medo do escândalo? Mas que escândalo? Que segredos tem você que ela possa revelar...

ROBERTO — Por favor, Nadir. Eu preciso que você acredite em mim. Não me faça perguntas e confie. Eu prometo que me casarei com você. Haja o que houver você será minha esposa.

NADIR — Você me ama, realmente, Roberto?

ROBERTO — Por que duvida?

NADIR — Escute, Roberto: si eu lhe dissesse que o banco onde tenho o dinheiro depositado foi á falencia e que estou pobre, pauperrima...

ROBERTO — Sim... Que tem isso?

NADIR — Mesmo assim você se casaria comigo?

ROBERTO — E por que não? Você sabe muito bem que eu a amo e que me casarei com você, aconteça o que acontecer. Quantas vezes precisarei lhe repetir isso?

NADIR — Obrigada, Roberto. Era isso o que eu queria, o que eu precisava ouvir. Madame Sonia me disse tanta coisa, me deixou tonta, preocupada...

ROBERTO — Não falemos mais em Sonia. Falemos de nós, de nossa vida. Logo que nos casarmos iremos viajar. Passaremos algum tempo na Europa...

NADIR — Isso ficará muito caro, Roberto.

ROBERTO — Mas a sua fortuna dará para vivermos sempre em viagens...

NADIR — Nesse caso teremos que esperar, Roberto.

ROBERTO — Esperar por que?

NADIR — Eu só poderei retirar o dinheiro do banco

quando tiver completado 25 anos. Faltam cinco, portanto...

ROBERTO — Não sabia disso.

NADIR — E' uma clausula da ordem de deposito...

(OT) Mas você não está triste por isso. Está?...

ROBERTO — (ABATIDO) Não, querida... Naturalmente que não...

CONTROLE — INTERLUDIO

SONIA (FURIOSA) — Imbecil! Cretino! Estragou a propria vida pelo prazer de me fazer mal.

TAG — Que aconteceu, Sonia?

SONIA — Você ainda não leu os jornais de hoje? Vem na primeira página de todos os jornais. Uma notícia sensacional...

"MADAME SONIA E SEUS TRUCS".

TAG — Então o professor Juvenal sempre escreveu a reportagem?

SONIA — Escreveu. Pelo prazer de mostrar aos leitores que êle estava com a verdade, não se importou de arrostar com o escândalo.

TAG — Você não pretende dizer nada a respeito da senhora dêle?...

SONIA — Não é preciso que eu diga. Os jornais também noticiam. O professor Juvenal separou-se da esposa. E fazem blague com isso. A única verdade de Madame Sonia. Isso tudo é nojento. Veja: o meu retrato, o dêle, o da esposa e do professor de ballados...

TAG — Si êle mesmo quiz assim...

SONIA — Não é por êle que me preocupo. Nem também por ela. Finalmente si ela não o ama foi melhor assim. O que me deixa furiosa é lembrar que êsse nome chegou a se esquecer que tem uma filha. E que essa lama vai respingar sobre o nome dessa criança.

TAG — Mas si você não teve culpa, Sonia...

SONIA — Eu o julguei mais inteligente. Do contrario não teria feito o que fiz. Um professor, um cientista, um homem de cultura e vaidoso, como todos os homens...

TAG — Sonia, você está muito nervosa hoje. Acho bom cancelarmos as consultas que você tem para daqui ha pouco.

SONIA — São muitas?

SONIA — Dez.

SONIA — Não. Eu as atenderei.

TAG — Mas convem. Principalmente depois dessa reportagem. Á estas horas toda a cidade está aguardando as providencias da policia...

SONIA — Sim... Não havia me lembrado disso. Não sei mesmo como ainda não vieram me buscar... (RI) Será a vigesima vez que irei presa. Lembra-se aquela ocasião em Montevideo? Deu trabalho para me livrar...

TAG — Bem, naquela ocasião você havia feito a tolice de recetar.

SONIA — Invadi o campo da medicina. Eu, uma charlatã, sou proibida de matar... (OT) Tag, é preciso providenciar uma reforma geral antes que a policia chegue.

TAG — Já tomei essas providencias ontem à noite. Andava desconfiado e retirei os microfones, os sinais luminosos...

SONIA — Com certeza vão procurar testemunhas. Pessoas que afirmam que eu cobrei consultas...

TAG — Sim. E' o que já devem ter feito.

SONIA — Teo, você acha que haverá algum perigo?

TAG — Acho. Essa notícia nos jornais provocou escândalo. A opinião publica deve estar com você. Amanhã ou depois publicam o retrato da menina, a criança sem lar por culpa de uma piloniza... Um processo nessas condições é bastante arriscado.

SONIA — O que acha que devo fazer?

TAG — Vou telefonar reservando passagem no primeiro avião que partir do Brasil...

SONIA — Não, Tag. Eu não quero sair do Brasil.

TAG — Mas si é arriscado ficar, Sonia!

SONIA — Eu me arriscarei a tudo afim de não me afastar de minha filha.

TAG — Sonia...

SONIA — E' inutil, Tag. Não irei embora. Cancele as consultas para esta semana. Vamos viver silenciosamente até que o escândalo cesse e depois veremos o que se pode fazer...

TAG — Como queria, Sonia. Vou providenciar tudo para que a policia se vier não encontre nenhum indício...

SONIA — Avise os nossos agentes para que não me procurem durante uma semana. Marque um ponto onde você se encontre com eles. Mas que não sejam vistos.

TAG — Está bem, Sonia. Tudo será feito.

SONIA — E sabe a ordem: não recebo ninguém.

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA — Teo, eu lhe disse que não receberia ninguém.

TAG — Mas não se trata de uma consulta. E' uma senhora que deseja lhe falar com urgencia.

SONIA — Não recebo ninguém, Teo.

TAG — Trata-se de Lidia...

SONIA — Lidia? Quem é Lidia?

TAG — Lidia é a esposa do professor Juvenal, a mulher de quem ele se separou.

SONIA — Que querera ela comigo?

TAG — Não disse. Mas podemos adivinhar. Ela deve ter vindo para insulta-la.

SONIA — E você acha que devo recebe-la?

TAG — Acho. Hoje, amanhã eu depois você terá que ouvir esses insultos. As coisas desagradáveis, o melhor é fazê-las de uma vez.

SONIA — Tem razão. Mande-a entrar...

TAG (AFASTANDO-SE — Diplomata, Sonia... Diplomacia...

SONIA — Eu hoje não estou disposta a aturar aborrecimentos. (PORTA)

TAG — (EM SEGUNDO PLANO) Madame Lidia, tenha a bondade de entrar.

LIDIA — Com licença... Madame Sonia?

SONIA — Eu mesma. Faça o favor... Aqui tem uma cadeira. Podemos sentar aqui mesmo, pois acredito que não veio para uma consulta.

LIDIA — Acertou. E diga-me, a senhora que é vidente, por que acha que vim vê-la?

SONIA — Ora, seu marido, pelos jornais de hoje,

acaba de demonstrar claramente que eu não sou capaz de adivinhar um níquel do passado ou do futuro.

LIDIA — Então apelo para sua intelligencia... Acha que vim?...

SONIA — Para me insultar. Pois muito bem, minha senhora, aqui estou para ouvi-la. Antes, porém, que inicie o seu discurso, permita-me dizer-lhe que se fiz aquela declaração a seu marido foi para me defender. Uma defesa inutil, pois ele é bastante idiota preferir ao escândalo a calar-se.

LIDIA — Minha senhora, eu...

SONIA Deixe-me terminar. Agora, que leio o resultado de tudo nos jornais, arrependo-me profundamente. A minha vontade e pedir perdão...

LIDIA — A mim?

SONIA — A sua filha...

LIDIA — E' curioso o seu arrependimento.

SONIA — E' tardio, eu sei. Agora que já lhe disse tudo o que pretendia, pode começar: eu sou uma charlatã, uma mulher sem alma, uma creatura sem escrupulos...

LIDIA — E' uma grande tola!

SONIA — Heim!?

LIDIA — Sim, é muito tola para estar se condenando assim, antes de me ouvir. Eu não vim para insultá-la. Eu vim lhe agradecer.

SONIA — Agradecer?!

LIDIA — Sim, a senhora não pode imaginar o benefício que me fez.

SONIA — Benefício!? Não compreendo.

LIDIA — Minha senhora, estou casada ha vinte anos. E ha vinte anos minha vida vem sendo um martírio sem nome. Meu marido é um cientista... Um cientista! Um louco à procura da verdade. Isso que fez com a senhora tem feito outras vezes, inumeras vezes. Para ele a casa não existe, eu sou como um objeto qualquer... Não era possível viver assim. E foi quando eu, desesperada, pensava em suicídio, que apareceu Otavio...

SONIA — Compreendo. Um novo amor.

LIDIA — Não. O meu primeiro amor. Eu me casei sem saber o que fazia. Era uma quasi criança e fui guiada por meus paes. Otavio é meu unico amor...

SONIA — E por que esperou que a solução partisse do seu marido?

LIDIA — Ele sempre se mostrou violento, anormal em suas reações. E eu tinha medo. Um pavor enorme. Julguei que me matasse, que procurasse Otavio para se vingar... Sei lá! Tive medo...

SONIA — E no entanto?

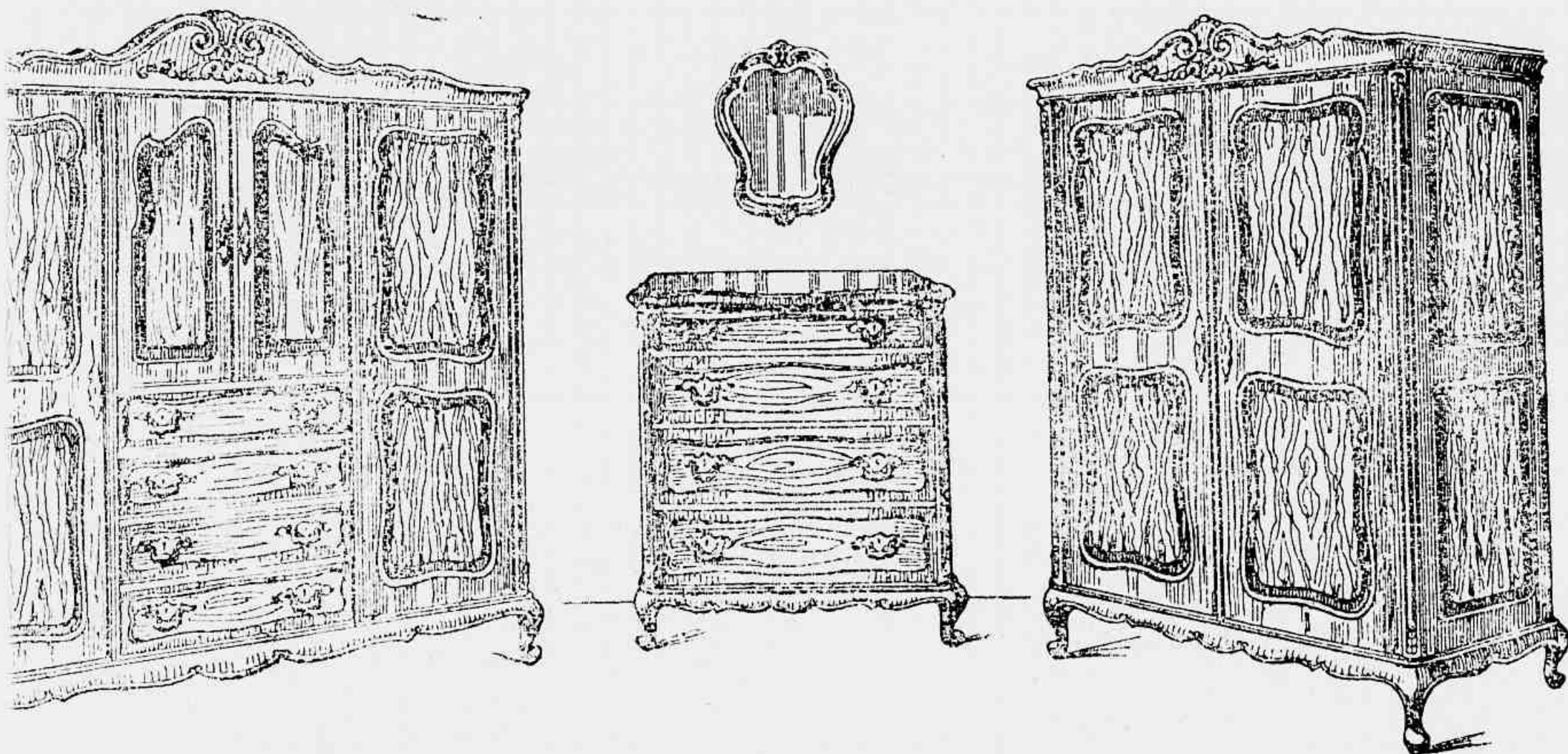
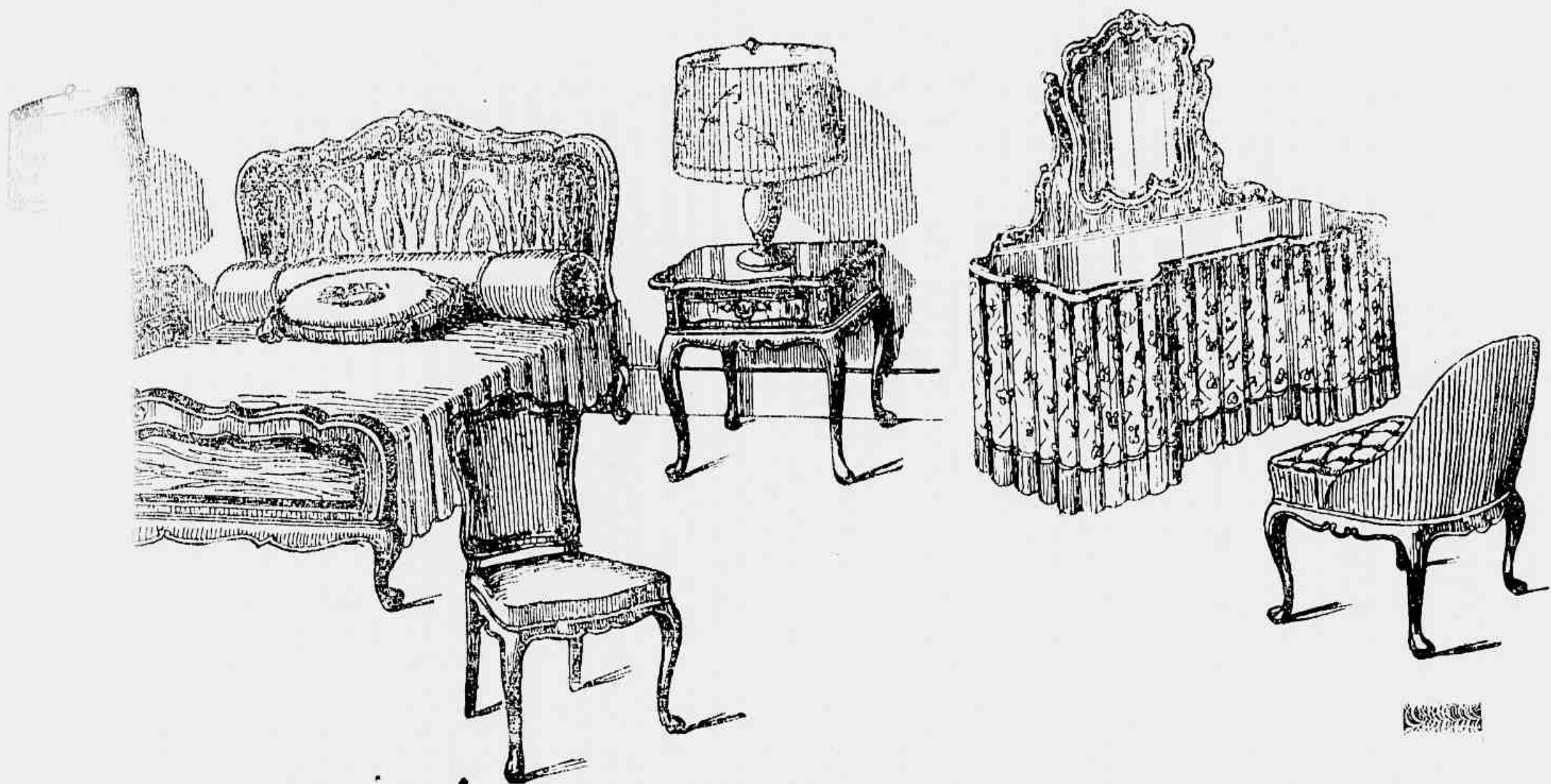
LIDIA — Ele agiu friamente. Tratou-me como um sócio de quem se despede o mandatário da firma. Terminou o contrato, seja feliz... E é como eu me sinto agora, feliz. Imensamente feliz.

SONIA — E sua filha? Não pensa em sua filha?

LIDIA — Minha filha está com 19 anos. Casou-se o mês passado. E está satisfeita também. Foi isso que vim: — muito obrigada. (PORTA)

TAG — Sonia, a policia acaba de chegar...

SONIA — A policia!



LOUIS XV

ESTILIZADO

Na foto acima reproduzimos a fotografia dos móveis Luiz XV estilizado, reunidos em maravilhoso dormitório. Cômoda, penteadeira, mesinhas de cabeceira aparecem neste elegante quarto de dormir. A penteadeira, o guarda-casaca e o outro armário podem ser colocados no quarto de "toilette", caso não os comporte o espaço exíguo que em geral são reservados aos dormitórios, nos apartamentos modernos. A cabeceira da cama tem o seu painel estofado em cetim claro, o que, longe de dar uma nota espalhafatosa, condiz perfeitamente com a harmonia do mobiliário, cujas poltronas e cadeiras têm estufado igual. Cetim idêntico deve ser empregado no fôrro da penteadeira.

ARMÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REC. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

HOLLYWOOD



C.A. DE CIGARROS *Sauka Luk*

ANNIBAL